



LOUDCHAOS

Com Amor
KELLAN

VOLUME 2

“VOCÊ ME DEIXOU FASCINADO,
PORQUE EM UM MUNDO PRETO E BRANCO,
VOCÊ ERA CINZA.”



Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#), com o objetivo de ser usado somente para fins não comerciais.

e-Livros.xyz



LOUDCHAOS

Com Amor
KELLAN

VOLUME 2

“VOCÊ ME DEIXOU FASCINADO,
PORQUE EM UM MUNDO PRETO E BRANCO,
VOCÊ ERA CINZA.”

LoudChaos
Com Amor
KELLAN
Volume 2

Copyright@2018 LoudChaos

Revisor - Fabiano Jucá

Capista - Débora de Mello

Diagramação – Cris Spezzaferro

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Sumário

[Nota da Autora](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Esclarecimento](#)

Nota da Autora

Essa não é a história sobre um garoto que conhece uma garota e se apaixona.
Essa é a história sobre um garoto que conhece uma garota e se encontra.

É triste. É cruel. É real.

Capítulo 1

“ *Conhecer você foi como ouvir uma canção pela primeira vez e saber que ela seria a minha favorita.*” - **desconhecido**

Eu me lembro, anjo.

Como eu poderia me esquecer do dia em que tudo mudou? Do dia em que o meu mundo girou e o solo se moveu sob os meus pés?

Do dia em que eu te vi pela primeira vez.

Eu entrei naquela cafeteria sem saber que no segundo em que eu pisasse naquele lugar, a minha vida toda mudaria completamente. Eu estava com Isaac e mais dois amigos. Nós quatro passamos pela porta e fomos em direção ao balcão para fazer o pedido. A atendente sorriu timidamente para mim e anotou o que eu queria. Ela não era feia, tinha olhos bonitos e peitos grandes. Sorri de volta e seu rosto ficou inteiramente vermelho. Pela maneira como ela me encarava, eu sabia que se quisesse eu poderia tê-la na minha cama antes mesmo do anoitecer.

Eu sei, Charlie, eu de fato fazia jus a toda a fama de canalha convencido que eu tinha.

Decidi que a convidaria para sair quando estivesse indo embora e fui em direção à única mesa vazia do lugar. Senti um olhar queimando em minha pele, então passei os olhos pela cafeteria.

E foi aí que eu te vi.

Você estava sentada com algumas meninas que falavam alto e riam sem parar. Seu longo cabelo castanho estava por trás da orelha, deixando à mostra o rosto mais bonito que eu já tinha visto em toda a minha vida. Você tinha as mãos apoiadas no colo e os olhos fixos nos meus de uma forma curiosa.

Anjo.

Você parecia a porra de um anjo.

Eu me lembro tão bem daquele dia, Charlie, que sei dizer exatamente o que você estava usando. Você vestia um suéter preto e uma jeans escura. Você estava vestida de uma maneira tão simples e elegante. As outras garotas usavam vestidos e cores como rosa e vermelho, mas ainda assim você era a que mais chamava atenção. Você nem tentava se destacar, Charlie, mas era como se fosse inevitável.

Você era fascinante, anjo. *Fascinante.*

E foi então que eu soube:

Eu precisava ter você.

Tinha algo em você. Eu não sei dizer exatamente o que, mas era algo que eu queria desesperadamente. Você era tão exótica e ao mesmo tempo tão simples. Seus cabelos, seus olhos, sua pele, era tudo tão normal, mas combinados te faziam a garota mais interessante do mundo.

E não era só a sua beleza, você tinha algo intrigante. Eu queria saber o que se

passava na sua cabeça enquanto te encarava, era como se sua mente fosse um enigma que eu estava louco para desvendar.

Você parecia tão deslocada ali com aquelas garotas risonhas e falantes, que a minha vontade era de ir até você e te tirar dali. Você não tinha nada a ver com elas, elas exalavam alegria e superficialidade. Todas elas pareciam fazer de tudo para se sobressair, para chamar mais atenção do que as outras. Você não, você exalava serenidade e uma certa obstinação.

Amei aquilo. Eu *queria* aquilo.

Você não tirou os olhos do meus.

E eu acho que naquele momento a gente já sabia. Por alguma razão, a gente sabia, Charlie.

E eu não tô falando de baboseira de amor à primeira vista ou algo do tipo. Mas tinha algo ali. Naquela primeira vez que pus meus olhos em você.

Eu sabia que me lembraria de você e você também sabia que meu rosto não seria apagado facilmente da sua memória.

Nós ficamos nos encarando por vários segundos, até Sean perguntar:

— Dawson, você vai na festa nessa sexta depois do jogo?

Eu tirei os olhos de você a contragosto e encarei meu amigo. Eu assenti e nós começamos a discutir sobre o jogo e a festa de sexta-feira.

— As gatas da mesa à direita estão secando a gente desde que nós chegamos — disse Isaac, indicando com a cabeça para a mesa onde você e suas amigas estavam sentadas.

— Nossa, aquela loira é gostosa — comentou Sean, sorrindo maliciosamente.

Isaac concordou com ele, mas Bailey disse:

— É, mas aquela morena... Porra, ela é muito gata. Eu faria...

— Nem pense nisso. — Eu o interrompi, sem deixar que ele terminasse a frase.

Bailey se calou, confuso e levemente curioso.

Isaac sorriu em minha direção e perguntou:

— Está interessado na morena?

Eu não respondi, apenas dei uma mordida em meu sanduíche.

— Então está. — Ele concluiu, ainda sorrindo como um idiota.

— Tanto faz, só esqueçam ela, seus pervertidos. Ela é minha. — Eu declarei e continuei comendo meu sanduíche.

Eu ficava enjoado só de imaginar o otário do Bailey dando em cima de você. Eu não sabia exatamente por que eu estava me sentindo daquele jeito. É só que você parecia tão... nobre. Você era boa demais para Bailey, ou melhor, você era boa demais para qualquer um de nós.

Bailey me conhecia há muito tempo e sabia que eu raramente fazia tanta questão de alguma garota, então ele concordou e simplesmente deixou para lá.

Depois de uns vinte minutos, nós acabamos de comer e nos levantamos.

Eu já estava quase na porta quando senti seu olhar queimar minha pele novamente. Eu não consegui evitar, minhas pernas pareciam ter vida própria. E o que elas mais queriam era ir até você.

Eu me virei e fui em sua direção. Seus olhos se arregalaram um pouco conforme eu me aproximava, mas você não demonstrou muitas emoções. Eu não tinha ideia do que se

passava na sua cabeça naquele momento. Eu parei diante de você. Você apenas me encarou em silêncio, esperando.

Você era ainda mais incrível de perto. Seus olhos eram de um verde meio castanho. Sua boca era rosada e tinha um formato perfeito.

Você parecia ter sido feita especialmente para mim.

Enquanto eu te encarava, as palavras travaram em minha boca.

Sabe quantas garotas haviam me deixado sem palavras antes?

Nenhuma.

Pois é, Charlie. Você foi diferente desde o começo.

Eu desviei os olhos do seu olhar intenso e me virei para uma ruiva que estava sentada ao seu lado. Ela não causava o mesmo efeito sobre mim, então eu finalmente fui capaz de falar.

— Você tem uma caneta? — Eu perguntei a ela.

Eu ainda conseguia sentir o seu olhar em mim.

A ruiva se apressou para achar uma caneta em sua bolsa. Quando ela finalmente encontrou, me entregou.

Eu me agachei na sua frente e tomei sua mão. Eu anotei meu número em sua palma e, quando acabei, coloquei a caneta na mesa. Então eu levantei a cabeça e voltei a te encarar. Seus olhos estavam levemente arregalados. Você parecia chocada, como se não estivesse acreditando que eu tinha acabado de fazer aquilo.

Eu sorri, porque adorei o fato de conseguir mexer com você daquela maneira.

Você não sorriu de volta, o que foi uma pena porque eu estava muito curioso para ver seu sorriso.

Eu me levantei e andei em direção à porta. Eu fui embora sem saber que tinha acabado de conhecer a pessoa que tornaria a minha vida em um delicioso inferno e também em um terrível paraíso.

Você deu trinta motivos que te fizeram me odiar, trinta motivos que te fizeram desistir de mim, trinta motivos que te fizeram ir embora.

Você disse tudo que não teve coragem de dizer na minha cara, tudo que esteve entalado em sua garganta por anos.

Então agora é a minha vez.

Só que eu vou fazer diferente. Não vou colocar trinta motivos pelos quais eu te odeio, você sabe que o meu sentimento por você está longe de ser ódio. Eu nunca fui capaz de te odiar, nem mesmo em nossos piores momentos e você sabe disso. Na verdade, todos sabem disso, Charlie. Porque a gente pode ter sido o casal mais ferrado e complexo e nosso final pode ter sido um tanto desastroso, mas ninguém pode dizer que eu não te amei.

Então eu vou colocar aqui todos os trinta motivos pelos quais eu queria que você não tivesse desistido, os trinta motivos pelos quais eu queria que você tivesse ficado.

Os trinta motivos pelos quais eu te amo.

E o primeiro é:

Em uma sala repleta de gente, eu só tinha olhos para você.

Capítulo 2

“ Você não procura pelo amor, o amor que deve te encontrar.” - Barbara Lieberman

— Você é um babaca, sabia? — Ela exclamou com a voz estridente e irritadiça.

— Ah, eu sei, e você também sabia disso quando resolveu ir para a cama comigo.

Eu havia dormido com Sandra na semana passada e por alguma razão ela achou que seria diferente das outras. Ela pensou que seria mais do que apenas uma transa casual. Eu achava incrível como algumas garotas podiam se iludir. A maioria sempre achava que com elas seria diferente.

— Vai se foder, seu filho da...

Desliguei.

Eu não tinha paciência para aquele tipo de coisa. Ela me ligou três segundos depois. Ignorei.

— Jesus, são onze da manhã, Kellan — disse Isaac, se sentando ao meu lado no sofá.

Eu tinha um copo de uísque nas mãos enquanto assistia a um jogo de futebol.

— Em algum lugar do mundo já são nove da noite. — Eu rebati e logo depois tomei um gole.

Isaac balançou a cabeça em silêncio, claramente desaprovando eu estar bebendo de manhã.

Ele passava mais tempo na minha casa do que na dele. Ele tinha uma família meio ferrada e não conseguia ficar lá por muito tempo. Eu realmente não me importava, desde que ele não ficasse enchendo a porra do saco e reclamando a cada copo que eu tomava.

Bailey e James também estavam lá.

Eles haviam bebido tanto na noite anterior que não conseguiram nem ir para casa, então eles acabaram dormindo na minha sala.

— Porra, eu tô com uma puta ressaca. — Bailey resmungou enquanto esfregava as mãos na cabeça.

Ele estava sentado no outro sofá, ao lado de James.

— Cadê as minhas calças? — perguntou Bailey enquanto olhava ao redor da sala à procura de suas roupas.

Ele estava uma merda.

— Eu também não consigo achar meu celular. — Ele disse, se levantando. — Mas que porra aconteceu ontem à noite?

Nós três sorrimos.

— Você realmente não se lembra de nada? — perguntei a ele.

— Algumas coisas. Poucas, na verdade.

— Você estava simplesmente louco, cara. Eu acho que eu nunca te vi beber assim em toda a minha vida — comentou James, sorrindo.

— Ah, eu nem estava tão mal assim — disse Bailey, remexendo o sofá à procura de

seu celular.

— Porra, você não estava tão mal? Você bebeu água da privada, cara. — Isaac disse, ainda rindo da lembrança.

Bailey nos encarou, incrédulo.

— Você tá zoando?

— Quem dera que eu estivesse. Foi bem nojento assistir.

— Então vocês todos viram eu beber a porra da água da privada? — indagou Bailey, erguendo as sobrancelhas.

Nós assentimos.

— E ninguém pensou em me impedir? — Ele perguntou irritado.

— Você estava com muita sede, cara — justifiquei dando de ombros.

James riu e Bailey lhe deu um tapa forte na nuca.

— Na boa, eu nunca mais vou beber dessa maneira.

— Você sempre diz isso — disse James, sorrindo.

— Dessa vez eu tô falando sério! — Ele gritou irritado enquanto saía da sala à procura das suas calças.

— Aham — respondemos sem acreditar naquilo nem por um segundo.

Eu me levantei e fui em direção à cozinha. Quando abri o armário para pegar alguma coisa para comer, Isaac gritou:

— Seu celular tá tocando.

Suspirei.

— Ignora a ligação — respondi.

— Quem é? — Ele perguntou.

— Uma garota com quem eu dormi na semana passada.

Isaac riu.

— Uma maluca perseguidora?

— Basicamente — respondi voltando para a sala.

— O pior tipo. — Ele suspirou enquanto cruzava os braços e se ajeitava no sofá. — Ela foi boa, pelo menos?

— Fez de tudo. — Sorri maliciosamente enquanto encarava a TV.

— Porra, Kellan. Você não tem jeito — disse James, balançando a cabeça em desaprovação.

Eu sorri.

Eu realmente não tinha jeito e, sinceramente, eu gostava. Era fácil e sem nenhuma complicação. Até que você entrou na minha vida e tirou toda a simplicidade, tornando tudo uma confusão.

James era o único naquela sala que tinha namorada. E ele realmente a amava. Era a coisa mais estranha do mundo. Ele a adorava e fazia qualquer coisa apenas para ver um sorriso em seus lábios.

Eu não conseguia entender.

Só consegui finalmente entender quando conheci você.

(...)

Você não ligou.

Eu não podia acreditar naquilo. As garotas *sempre* ligavam. Aquilo nunca havia acontecido antes. Quando eu anotei o meu número na sua mão, eu estava tão certo de que você ligaria!

Tudo bem que só haviam se passado dois dias, mas mesmo assim, não costumava demorar tanto.

Eu não conseguia parar de pensar em você, em seus lábios, seu cabelo, seus olhos. Eu te queria em minha cama. E urgente.

Meu celular tocou e eu o tirei do bolso na expectativa de ser você. Mas para a minha decepção, não era. Na verdade, era uma garota chamada Natalie. Ela foi direta e logo de primeira me chamou para sair.

Eu aceitei.

Porque eu até podia estar na sua, Charlie, mas eu ainda era um completo cafajeste.

O segundo motivo pelo qual eu te amo é:

Eu gostava de como era fácil antes de você. Mas você trouxe o melhor e mais delicioso tipo de complicação quando entrou na minha vida.

Capítulo 3

“ *Você me teve no olá.* ” - **desconhecido**

Eu tirei o cigarro da boca e soprei a fumaça. Isaac e Bailey estavam em uma patética discussão de quem havia trepado com mais garotas naquela semana. Nós estávamos no campus da faculdade em que Bailey e Sean estudavam. Eu e Isaac passávamos a maior parte do nosso tempo livre lá, porque nossos amigos mais próximos estudavam lá e aquele também era um ótimo lugar para conhecer mulheres.

Eu tinha acabado de colocar outro cigarro na boca quando te vi caminhando a alguns metros de nós. Eu te observei, extremamente surpreso. Eu nunca tinha te visto no campus antes, aquilo só podia ser o destino. Você tinha os olhos nos meus e estava incrível em uma jeans escura e uma blusa cinza. Eu nunca achei que uma blusa tão simples como aquela podia ser tão sexy. Eu não desviei o olhar. Nós ficamos nos encarando por alguns segundos. Eu estava esperando que você acenasse, talvez sorrisse.

Mas não.

Você desviou o olhar e fingiu que simplesmente não tinha me visto.

Eu fiquei ligeiramente surpreso porque eu realmente não esperava uma indiferença completa como daquela forma. Fui atrás de você porque de maneira nenhuma eu te deixaria escapar tão fácil assim. Você podia até não querer me ligar, mas não ia simplesmente passar por mim sem ao menos me dizer o porquê.

— Você não me ligou. — Eu disse assim que me aproximei.

Eu esperava que você tentasse se explicar ou algo do tipo, mas em vez disso você apenas me ignorou.

Simplesmente me *ignorou*.

Pela primeira vez na minha vida eu havia sido ignorado por uma garota. Eu já fui odiado, desprezado e repudiado por muitas garotas, mas *nunca* ignorado.

Eu te encarei por alguns segundos em silêncio; a sua beleza pesava em mim de forma intensa e eu ainda tentava processar o quão atraente você era. Você andava de maneira confiante e com o olhar para frente. Talvez você não tivesse escutado ou se dado conta de que era com você que eu estava falando, então eu disse:

— Eu estou falando com você.

— Eu sei. — Você respondeu com descaso, sem qualquer animação na voz.

Eu sorri.

Me surpreendi com a maneira indiferente e um tanto rude de sua resposta. Você não deu a mínima para mim e ao mesmo tempo que aquilo era frustrante, era também extremamente intrigante. Eu realmente estava muito curioso para saber o motivo do seu desprezo.

Eu já estava interessado em você, Charlie, *muito* interessado, mas agora eu estava simplesmente fascinado.

— Por que você não me ligou? — Eu perguntei.

— Estive ocupada. — Você respondeu com desdém.

Eu sempre gostei de você toda, Charlie. De cada pequeno detalhe. Cada coisa que fazia você ser você. Sua boca, seus olhos, até mesmo sua orelha.

Absolutamente *Tudo*.

Mas a sua voz...

Porra, Charlie, você não tinha idéia do que ela fazia comigo.

Parecia veludo, como algo quente te abraçando em um dia frio. Era sensual, mas ao mesmo tempo acolhedora. Eu não sei explicar muito bem, só sei que nunca ouvi nada igual.

Eu podia passar o resto da minha vida apenas te ouvindo falar.

— Eu não me apresentei. Meu nome é Kellan Dawson.

— Eu sei.

Eu esperei você se apresentar, mas você se manteve em silêncio.

— Essa é a parte em que você diz seu nome.

— Charlie. — Você respondeu sem me olhar nos olhos.

— Charlie. — Eu repeti lentamente, sorrindo.

Era diferente. Era perfeito.

Você me pediu um cigarro e eu dei o que eu estava fumando. Eu tinha um maço inteiro, mas a vontade de ver seus lábios no cigarro que estava em minha boca segundos antes foi maior.

Eu te chamei para sair. Você recusou.

O engraçado é que qualquer garota daquela maldita faculdade daria tudo para sair comigo. E eu não estou exagerando ou sendo presunçoso. Era um fato. A maioria daria qualquer coisa para ir a um maldito encontro comigo e você simplesmente me despachou como se eu fosse a porra de uma doença venérea.

Eu te chamei de anjo, você não gostou e ficou irritada. Eu adorei. Você ficava ainda mais bonita irritada, acho que é por isso que eu sempre gostei de te provocar.

Você me chamou de cafajeste e, bem... eu não pude negar.

Você alegou que eu tinha um encontro marcado com uma amiga sua. Acontece que a tal Natalie que tinha me ligado no dia anterior era sua amiga. Eu disse que cancelaria com ela. Porque sinceramente, Charlie, apesar de não conhecê-la, eu tinha certeza de que ela não chegava aos seus pés.

Nenhuma garota nunca chegou, aliás.

Eu tentei te convencer. Eu flertei. Mas você negou. Por alguma razão, os meus flertes e as minhas cantadas não surtiam efeito em você.

Em algum ponto da conversa, você sorriu.

E nossa, anjo, você não tem noção do que aquele sorriso fez comigo.

Eu nunca tive realmente um propósito na vida ou alguma ambição. Mas quando você sorriu para mim eu tive certeza que tinha acabado de encontrar a minha razão para estar na Terra. Era um pequeno sorriso, bem sutil na verdade, mas fez todo o tipo de coisa com a minha mente e com o meu corpo. E eu quis te pegar nos braços e te beijar ali mesmo. Mas eu não fiz isso porque eu não queria te beijar no meio do campus com uma plateia ao redor. Queria estar a sós com você quando fizesse isso. Sem tirar o fato de que você muito provavelmente me socaria se eu tentasse.

Eu não consegui marcar um encontro com você naquele dia. Mas eu disse a você que conseguiria eventualmente. E também disse que você estaria apaixonada por mim em menos de um mês.

E eu realmente acreditei naquilo, Charlie, porque eu faria de tudo para fazer acontecer.

Eu não costumava fazer questão de muita coisa. Mas quando eu queria alguma coisa, eu sempre conseguia. E eu nunca quis tanto algo como quis você.

Eu preciso admitir que quando eu te vi pela primeira vez, o que eu realmente queria era te ter em minha cama. Mas depois de falar com você, eu realmente queria saber mais sobre você. Eu queria te conhecer. Você era intrigante de todas as formas possíveis. Era diferente de tudo o que eu já tinha conhecido.

O terceiro motivo pelo qual eu te amo é:

Você me deixou fascinado. Porque em um mundo preto e branco, você era cinza.

Capítulo 4

“A coisa mais poderosa e perigosa se chama amor.” - D.Wibisono

— Vocês conhecem alguma Charlie? — Eu perguntei a alguns amigos enquanto conversávamos.

Eu, Sean, James e duas garotas estávamos sentados no jardim do campus.

— De que Charlie você está falando? — perguntou Sean.

— A morena da cafeteria.

— Ah. — Ele sorriu maliciosamente. — Parece que alguém está bem interessado.

— Não fode. — Eu murmurei enquanto tirava um maço de cigarro do bolso.

— Acho que eu sei quem é. Ela anda com uma garota que eu peguei antes de começar a namorar com a Lina. — James se manifestou.

— O que você sabe sobre ela? — perguntei.

— Pouca coisa, só sei que ela é nova aqui e é prima daquela ruiva, a Megan.

— Como você sabe dessas coisas? — questionei.

— Quando você tem uma namorada, você acaba sabendo de muita coisa da vida alheia. — Ele deu de ombros.

— Charlie é nome de menino — comentou a loira que estava sentada no colo do Sean, com uma careta sarcástica.

Virei o rosto em sua direção. Por alguma razão, me incomodou o fato dela falar mal do seu nome. Talvez porque seu nome era uma das várias coisas que eu adorava em você.

— O seu nome é Lurdes. Você realmente não está em posição de julgar o nome de outras garotas — comentei, dando uma tragada no meu cigarro.

— Você é um idiota. — Ela rebateu com um olhar ofendido.

Aquela garota estava me tirando do sério.

Eu sorri em sua direção.

— Você é uma vadia. Todos temos defeitos. — Eu disse dando de ombros e soprando a fumaça do cigarro.

Ela me encarou boquiaberta. Não parecia acreditar que eu tinha acabado de insultá-la daquela maneira.

James e Sean seguraram o riso.

— Você não vai falar nada? — Ela perguntou a Sean, esperando que ele a defendesse.

Sean sem querer deixou escapar uma risada.

— Seu canalha. — Ela bateu no ombro dele, irritada.

— Ele só disse verdades. — Ele respondeu, sem tentar conter o sorriso.

— Vai se ferrar. — Ela exclamou, saindo de seu colo e indo embora.

— Quem é essa Charlie, afinal? — perguntou a morena que estava ao meu lado.

— Uma garota que eu conheci — respondi sem estender o assunto.

Ela se levantou e se sentou em minha perna. Passou a mão ao redor da minha nuca e acariciou o meu cabelo.

— Você gosta mais dela do que de mim? — Ela perguntou fazendo biquinho.

Eu odiava quando garotas faziam biquinho. Não era nada bonitinho, era triste e patético.

Eu não respondi a pergunta porque eu sabia que ela não gostaria da resposta. Então eu passei as mãos ao redor da sua cintura e beijei seu pescoço, fazendo-a esquecer do assunto.

E o quarto motivo pelo qual eu te amo é bem parecido com o quarto motivo pelo qual você me odeia:

Você era encrenca. Mas você era o mais incrível e irresistível tipo de encrenca.

Você sempre me culpou por ter bagunçado seu mundo. Mas você, Charlie, você bagunçou meu universo inteiro quando apareceu em minha vida.

Capítulo 5

“Era uma vez um garoto que amava uma garota, e a risada dela era uma pergunta em que ele queria passar o resto da sua vida respondendo.” - Nicole Krauss

Eu tinha acabado de sair da casa de um amigo quando te vi dentro de uma livraria.

Eu sorri.

Por alguma razão, nossos caminhos continuavam se cruzando. E eu não vou mentir, eu estava simplesmente adorando.

Você parecia tão calma e focada encarando o livro que estava em suas mãos, que eu fiquei alguns segundos parado na rua apenas te observando pela vidraça da livraria.

Depois de um momento, entrei na loja pronto para acabar com toda a sua calmaria.

Você não olhou para mim quando eu passei pela porta, mas eu sabia que você havia notado a minha presença. O seu corpo ficou tenso e toda a sua serenidade pareceu evaporar. Você ficou encarando um livro enquanto evitava me olhar.

— Vai fingir que não me conhece? — Eu perguntei, esperando você levantar seus olhos.

— Eu não te conheço. — Você rebateu sem se dar ao trabalho de me encarar.

Você me acusou de estar te seguindo e eu neguei, dizendo que estava apenas à procura de um livro. Você não acreditou e me insultou, insinuando que eu parecia um idiota analfabeto. Eu sempre amei a sua boca inteligente.

Em algum ponto da conversa, você disse que eu não te conhecia. Mas você estava errada. Você estava completamente errada, anjo. Eu podia até ter te conhecido há poucos dias, mas no segundo em que eu botei meus olhos em você pela primeira vez, foi como se eu te conhecesse a minha vida inteira. Você tinha aqueles olhos castanhos esverdeados que pareciam muito serenos para qualquer outra pessoa, mas eu sabia que não havia nada de pacífico neles. Eu sabia que aqueles olhos continham muito mais.

É como aquele ditado, pessoas caladas têm mentes barulhentas.

Você não se expressava muito, sempre demonstrava um ar mais frio e oculto, mas eu sabia que havia muita coisa acontecendo em sua cabeça. E eu queria muito explorar cada pedacinho dela.

Acontece que você nunca deixou que eu fizesse isso. Você nunca me deixou entrar. Você me fechou para fora de seu mundo e de sua vida, como fez com todo o resto. A sua mente era um quebra-cabeça e você me tirou de sua vida antes que eu tivesse a oportunidade de desvendar cada peça dele. E eu realmente queria que você não tivesse feito isso, Charlie, porque eu nunca gostei muito de quebra-cabeças, mas fiquei fascinado pelo seu.

Você suspirou, parecendo irritada depois de alguns flertes e investidas minhas.

— Pare de perder seu tempo. Você não faz meu tipo.

Eu sorri, porque aquela foi provavelmente uma das maiores mentiras que você já me contou.

Você estava em negação. Dava para ver que você não queria se envolver comigo. Você era uma garota esperta e sabia que eu era encrenca. Mas eu sabia que estava ocorrendo uma batalha dentro de você. Razão contra desejo. E você era uma garota muito sensata, então

era difícil de vencer a razão, mas acontece que eu era um guerreiro muito empenhado.

Eu disse a você que eu era sim o seu tipo, e você me perguntou qual era o meu. A verdade, Charlie, é que eu nunca tive um. Eu nunca havia me apaixonado e antes de encontrar você eu nem sabia que uma garota podia ser tão arrebatadora daquele jeito.

Mas eu sabia que se eu tivesse um tipo, sem sombras de dúvidas seria você.

Eu quis pagar pelo livro. Eu não tinha muito dinheiro, Charlie, mas eu realmente queria te dar um presente. E pensei que aquele livro seria perfeito e um gesto bastante nobre e cavalheiro. Eu achei até que te impressionaria. Mas acontece que eu estava errado. Qualquer outra garota provavelmente sorriria e ficaria agradecida, mas você não. Você era malditamente teimosa e orgulhosa e não deixou que eu pagasse pela porra do livro. Eu insisti, mas você não aceitou e disse que não queria nada que viesse de mim. A gente discutiu por uns bons cinco minutos na frente da vendedora, mas no final das contas, você ganhou.

Você era charmosa, Charlie. De um jeito irritante, teimoso e sexy para caramba.

Você pagou pelo livro e foi em direção à porta. E obviamente eu fui atrás de você. A verdade, Charlie, é que eu sempre estive atrás de você, tentando chegar até você. Mas você sempre parecia estar muito à frente e eu acho que eu simplesmente era muito devagar para te acompanhar. E acontece que eu realmente nunca fui capaz de te alcançar.

— Isso costuma funcionar? — Você perguntou quando chegamos à porta.

— O quê?

— A perseguição. As garotas que você fica assediando realmente cedem, no fim das contas?

— Eu não tenho como saber, nunca precisei perseguir dessa maneira antes.

Havia garotas mais difíceis do que outras. Mas geralmente eu mirava naquelas que não davam muito trabalho e que eu não precisava correr atrás. Para mim não fazia sentido perder tanto tempo em uma garota, se havia outras disponíveis e bem menos complicadas.

Você foi uma exceção, é claro.

— Então as garotas simplesmente se jogam no seu colo? — Você perguntou sorrindo e erguendo as sobrancelhas.

Eu dei de ombros e respondi com sinceridade:

— Basicamente.

— Uau, você só deve pegar garotas com o cérebro do tamanho de uma azeitona então. — Você comentou com um ar zombeteiro.

— Eu me preocupo com o tamanho de certas coisas, mas definitivamente não do cérebro. — Eu disse, sorrindo maliciosamente.

Você rolou os olhos e me encarou com desgosto.

— Jesus, você é nojento. E eu não vou transar com você, Kellan.

— Eu não lembro de ter te pedido para transar comigo. — Eu disse te encarando com as sobrancelhas franzidas.

— Ótimo, porque não tem nenhuma chance de isso acontecer.

Eu sorri e você foi embora.

Você era resistente, Charlie. Mas para a sua infelicidade, eu era muito, *muito* persistente. Eu estava determinado e eventualmente eu quebraria aquela sua armadura.

O quinto motivo pelo qual eu te amo é:

Você me fez repensar sobre ter um tipo.

Porque depois daquele dia, pareceu que eu finalmente havia encontrado um.

Capítulo 6

“ O amor abre portas e janelas que antes nem estavam lá.” -**Mignon McLaughlin**

— Feliz aniversário, mãe.

Eu fiquei parado, encarando a grama ridiculamente verde e a lápide um pouco desgastada.

Soprei a fumaça do cigarro e sorri amargamente para as palavras escritas na lápide cinza.

*Isabela Dawson 1971— 2007,
uma mãe maravilhosa e muito amada.*

Eu ri da ironia.

Uma mãe maravilhosa?

Só podia ser uma piada.

Eu não sei quem se encarregou de escrever aquilo na lápide, mas quem quer que tenha sido com certeza não a conhecia. Ela estava bem longe de ser uma mãe maravilhosa. Mas tudo bem, porque eu também estava longe de ter sido o melhor filho do mundo.

Eu encarei a lápide ao lado. Era de uma garota, Julie. Morta no mesmo ano que a minha mãe. Eu havia ido visitar a minha mãe cinco vezes desde a sua morte. Todas as vezes no mesmo dia, em seu aniversário. E em todas as cinco vezes que eu estive ali, percebi que a lápide de Julie estava sempre repleta de flores.

Flores amarelas, vermelhas, azuis... Orquídeas, lírios, rosas...

A minha mãe nunca teve uma flor. Eu era a única pessoa que ia visitá-la.

Eu achava aquilo a maior besteira do mundo. De que adiantava dar um presente a um morto?

Não fazia sentido.

Era um desperdício de flores.

Depois que a pessoa morre, não importa quantas flores você coloca em sua lápide, quantas vezes você vai visitá-la ou quantas vezes você pensa nela.

Acabou.

Simplesmente *acabou*.

Nada mais importa.

Eu traguei o cigarro uma última vez e fui embora.

Eu odiava visitá-la. Era como vivenciar o passado. Todas as lembranças voltavam. Toda a merda da minha infância. Era um pesadelo. Mas eu não conseguia deixar de vê-la em seu aniversário.

Algo me levava àquele cemitério todo ano.

Talvez frustração.

Talvez raiva.

Talvez culpa.

De qualquer maneira eu não conseguia evitar.

Depois que sai de lá eu fui para a faculdade. Eu estava em piloto automático. Eu não conseguia entender por que eu estava indo para o campus se não havia marcado nada com

nenhum dos meus amigos. Mas por alguma razão eu cheguei lá. Fui levado até o campus assim como eu era levado ao cemitério todo ano. Mas quando eu cheguei na faculdade, finalmente entendi a necessidade de estar lá.

Eu queria te ver.

Eu tinha a esperança de te encontrar no campus porque precisava desesperadamente de uma distração. Quando eu estava com você eu não pensava em nada além de sua voz de veludo e seus olhos verdes. Eu precisava te infernizar e precisava que você me chamasse de babaca, cafajeste ou qualquer tipo de coisa desprezível em que você conseguisse pensar.

Eu só precisava ouvir a sua voz.

Mas eu não te encontrei. Então eu fui para o meu bar preferido e pedi uma dose de uísque. Depois outra e então mais uma.

Quando me dei conta, eu já nem me lembrava mais do fato de ser aniversário da minha mãe morta ou até mesmo de você.

O álcool era a única coisa que nunca me decepcionou em toda a minha vida. Ele sempre deu um jeito de tornar as coisas mais fáceis.

Enquanto eu tomava mais e mais goles de uísque, eu sentia o álcool descendo e anestesiando todo o meu corpo, a minha mente, a minha alma.

Uma morena se sentou ao meu lado no bar e sussurrou alguma coisa em meu ouvido, e a última coisa de que eu me lembro é de acordar no dia seguinte com ela em minha cama e uma garrafa de uísque caída no chão do quarto.

Eu usei o álcool para me sentir melhor, quando a única coisa que eu realmente precisava era de você, Charlie.

O sexto motivo pelo qual eu te amo é:

Você era a minha distração favorita.

Você conseguia anestesiarmos a dor melhor do que qualquer garrafa de álcool já conseguiu.

Capítulo 7

“Um céu repleto de estrelas e ele só conseguia olhar para ela.” -Atticus

Eu tinha apenas uma coisa em mente ao entrar no campus da faculdade naquele dia: você.

Aquela havia sido uma semana de merda e a única coisa que conseguiria melhorar o meu humor era você. As visitas à minha mãe sempre acabavam comigo. E eu odiava aquilo. Odiava o fato daquilo ainda me afetar daquela maneira.

Todo o ano era a mesma merda. Eu a visitava, ficava mal e me afundava em álcool em algum bar qualquer por dias até esquecer de absolutamente tudo. E naquele ano não havia sido diferente. Eu bebi meu caminho ao esquecimento. Mas ainda faltava alguma coisa.

E essa coisa era você, Charlie.

Havia centenas de pessoas no gramado do campus, mas eu não demorei nem dois segundos para te achar. Meus olhos encontraram os seus no segundo em que eu pisei naquele lugar.

Mas acontece que você não estava sozinha.

Você tinha seus livros da faculdade na mão enquanto conversava com um cara.

Você olhou para mim, mas foi apenas por um segundo, porque logo depois você voltou a encará-lo.

Ele estava extremamente próximo de você enquanto falava alguma coisa animadamente. E era óbvio que aquele cara estava na sua, porque ele te olhava da mesma maneira que eu olhava para você.

Eu comecei a me sentir mal, como se algo dentro do meu corpo estivesse errado. Algo no meu estômago se contraiu; eu não estava prestes a passar mal, mas algo estava *tão* errado.

Eu fiquei repentinamente irritado e a única coisa na qual eu conseguia pensar era em atravessar aquele maldito gramado e interromper aquele idiota de dar em cima de você.

Isaac falou alguma coisa e eu fui obrigado a tirar os olhos de você e encará-lo. Mas eu não prestei atenção em nada do que ele falou. Eu não conseguia entender o que eu estava sentindo. Aquilo não podia ser normal.

Eu não conseguia aceitar o fato de que outra pessoa além de mim podia estar tentando ficar com você. E isso era um absurdo porque a gente só havia se falado umas três vezes e você mal me suportava.

Mas não parecia certo, Charlie.

Acho que, na minha cabeça, você foi minha desde o momento em que eu pus meus olhos em você.

— Quem é aquele? — perguntei.

— Quem? — perguntou Isaac.

— O que está conversando com a Charlie, a garota da cafeteria — expliquei.

— Ah, Elliot Dannes — respondeu Sean, encarando Elliot. — Ele é novo aqui, acho que foi transferido há algumas semanas.

Eu assenti enquanto o encarava.

— Por quê? — perguntou Sean, sorrindo. — Tá puto por que ele tá falando com ela? Achei que ela fosse sua.

— E ela é. Nem se atreva a pensar que ela está disponível para um merda como você — declarei, encarando-o fixamente.

Sean riu, claramente se divertindo com a minha irritação.

— Parece que ela está bem disponível para Elliot Dannes. — Isaac comentou, sorrindo.

Eu quis socar aquele sorrisinho para fora do rosto dele.

— Você sabe mais alguma coisa sobre ele? — Eu perguntei a Sean.

— Não, só que ele joga futebol. E que jogou em algum time aqui da faculdade na semana passada. Mas é só isso. — Ele respondeu dando de ombros.

Nós continuamos a conversar e eu tentei não ficar encarando você e o merda do Elliot Dannes.

— Kellan, você está sabendo da festa que vai ter na minha casa? — perguntou a ruiva que tinha acabado de chegar.

Eu neguei com a cabeça, focado demais em você e nele para prestar atenção nela.

— Bem, você está convidado de qualquer maneira.

— Hum, ótimo.

Ela então se aproximou e colocou os lábios próximos ao meu ouvido.

— Mas o que você acha da gente começar a festa nós dois sozinhos lá em casa?

Eu finalmente a encarei e ela sorriu maliciosamente. Ela definitivamente conseguiu a minha atenção.

Eu a olhei por alguns segundos. Ela tinha longos cabelos e um sorriso atraente.

Não chegava aos pés do seu, mas ainda assim era muito bonito. Ela também tinha um corpo curvilíneo e bem definido. Também não era tão desconcertante quanto o seu, mas não era de maneira alguma feio.

Eu quase ri de infelicidade.

Ela não era você, Charlie. E nunca seria. Por mais que eu quisesse.

Mas eu peguei na cintura dela de qualquer maneira e murmurei:

— Vamos.

Mas enquanto ela me levava para a sua casa, você não vai acreditar em quantas vezes eu quis que fosse você nos meus braços em vez dela.

O sétimo motivo pelo qual eu te amo é:

Você fez todas as outras garotas parecerem simples esboços e rabiscos, porque você era uma verdadeira obra de arte.

Capítulo 8

“ Ela era como uma tempestade, não a do tipo que você foge, a do tipo que você persegue.” -R. H Sin

Isaac, James, Bailey e eu estávamos sentados em frente à TV, assistindo às finais de futebol. Bailey xingava aos berros todos os jogadores do time adversário, James mandava mensagem para o que provavelmente era sua namorada, Isaac bebia uma cerveja e eu pensava em você e Elliot Fodido Dannes.

— Kellan — chamou Isaac.

— O que foi? — perguntei, me virando para ele.

— Você ouviu o que eu disse?

Neguei.

— Onde você está com a cabeça hoje, cara? — Ele perguntou.

Na morena mais irritante e difícil que eu já conheci em toda a minha vida.

— Em nada em particular, só tava distraído.

— Hum. — Ele resmungou, não parecendo convencido.

— Eu acho que sei onde ele está com a cabeça. E não é com a cabeça de cima — comentou Bailey, tirando os olhos da TV e sorrindo maliciosamente em minha direção.

Começou.

— É a tal da Charlie, não é? — perguntou James, também sorrindo.

Não respondi. Em vez disso fui até a geladeira e peguei uma cerveja, ignorando os imbecis.

— O grande Kellan Dawson está de quatro por uma garota? O maior pegador da história está apaixonado? — exclamou Isaac de uma forma um tanto teatral e irônica, com um sorriso idiota nos lábios.

— Eu sinceramente nunca achei que veria esse dia chegar — comentou Bailey de forma dramática. — Kellan Dawson apaixonado!

— Eu *não* estou apaixonado.

— Você sempre me zoou por estar apaixonado e em um relacionamento e agora olha só. O jogo virou, não é mesmo? — disse James, sorrindo satisfeito. — Seja bem-vindo ao clube.

Eu revirei os olhos. Meus amigos eram completos idiotas. Fiz uma nota mental de arranjar novos amigos o mais rápido possível.

— Eu não vou entrar para nenhum clube idiota porque eu não estou apaixonado, porra.

— Podia ser pior, cara — disse Isaac, ignorando completamente o que eu tinha acabado de falar.

— É, você podia ter engravidado alguém ou algo do tipo — comentou Bailey, dando de ombros.

Eu dei uma golada em minha cerveja enquanto tentava ignorá-los.

— Vocês sabiam que a camisinha é só 99% eficaz? — James mencionou desnecessariamente. — Até onde sabemos, pode haver um mini Kellan por aí.

Revirei os olhos.

Jesus.

Estava começando a esquecer o motivo de ser amigo deles quando alguém bateu na porta, ou melhor, socou a porta. Bailey se levantou para atender as batidas fortes e incessantes.

— Já vai! — Ele gritou.

Ouvi a porta ser aberta e de repente havia uma garota loira aos gritos na minha sala de estar.

— Eu acho bom você ter uma explicação muito boa para não ter me ligado! — Ela gritou logo que me viu sentado no sofá.

Eu, Isaac, James e Bailey a encaramos em silêncio. Estávamos todos ligeiramente chocados.

Eu meio que lembrava dela. Eu estava um pouco bêbado na noite em que nós transamos, mas lembrava vagamente do que tinha acontecido.

— Você é um cafajeste imprestável, sabia? As minhas amigas disseram que você não valia nada, mas eu resolvi te dar uma chance! — Ela exclamou furiosa. — Você vai ficar aí sem dizer nada?!

Eu tomei um gole da minha cerveja e a encarei.

— Você deveria ter escutado suas amigas. — Eu disse finalmente.

Isaac e Bailey começaram a rir e James balançou a cabeça negativamente, desaprovando o que eu tinha acabado de falar.

As bochechas dela ficaram extremamente vermelhas e ela parecia prestes a voar para cima de mim. Ela começou a gritar e me xingar de todos os palavrões existentes na face da Terra. E eu preciso admitir que ela era bem criativa.

Eu conhecia muito bem o tipo daquela garota. Ela era bonita, popular e sabia flertar. Ela sempre conseguia o que queria e tinha os caras de quatro. Garotas como aquela simplesmente não aceitavam levar um fora.

O que era uma pena, porque ela estava prestes a levar um.

A bolsa dela voou em minha direção e me acertou no peito. Eu suspirei, começando a ficar realmente irritado e cansado daquela novela mexicana que estava acontecendo no meio da minha sala. O tipo daquela garota era bem divertido na cama, mas geralmente bem irritante depois. Seria muito mais fácil se aquelas garotas finalmente entendessem o conceito de "transa de uma noite só".

Eu me levantei e fui em sua direção, até ficar de frente a ela. Estava na hora de alguém lhe dar um pouco de realidade.

Me aproximei e disse:

— Me desculpe por não ter te ligado, mas como você espera que eu tenha seu número, se nem lembro seu nome? Você foi apenas uma das várias com quem eu dormi nesse mês. Você é apenas mais uma, um número para a minha longa lista de transas sem compromisso. Honestamente, eu estava bêbado demais para lembrar o que aconteceu, mas aposto que foi uma noite bem divertida. Mas foi apenas isso, uma noite divertida. Então agora eu acho que você deveria resgatar o que sobrou do seu orgulho e dar o fora da porra do meu apartamento.

O tapa veio rápido e forte. *Muito forte.*

Mas não era o meu primeiro e eu meio que já esperava que ela fosse fazer isso.

Então eu apenas sorri enquanto a assisti pegar a sua bolsa e correr para fora do meu apartamento.

— Eu vou consolá-la, talvez eu tenha uma chance — declarou Bailey, nem meio segundo depois.

— Jesus, Bailey, você só pega as sobras — comentou Isaac, rindo.

— O que eu posso fazer se as sobras do Kellan são terrivelmente quentes? — Bailey disse e foi atrás da garota.

Eu me sentei novamente no sofá e voltei a assistir ao jogo.

— Cara, você não precisava ter sido tão duro — disse James, ao meu lado.

— Se eu não o fizesse, ela ficaria o dia inteiro gritando. — Eu respondi dando de ombros, voltando a encarar a TV.

Isaac sorriu e James apenas balançou a cabeça em clara desaprovação.

Eu sabia como aquilo podia parecer terrível. Mas a minha consciência estava limpa. Eu nunca prometi nada a ninguém. Eu sempre abri o jogo com as mulheres com quem eu me relacionava. Elas sabiam que eu só queria sexo, nada além disso. Eu já fiz muita coisa na vida, mas eu nunca iludi uma mulher. Elas sabiam o que eu queria e era consensual. Simples assim. Mas por alguma razão a maioria das mulheres não aceitava a realidade no dia seguinte. Elas achavam que, de alguma forma, iriam me fazer mudar de ideia. Que uma noite de sexo me transformaria em outro homem. Que de repente eu estaria de quatro e terrivelmente apaixonado. E então ficavam incrivelmente chocadas quando eu não as procurava no dia seguinte.

E na época eu realmente pensava que nenhuma garota conseguiria me fazer mudar de ideia ou de comportamento.

Mas o que eu não sabia era que eu estava prestes a querer, pela primeira vez na vida, muito mais de uma garota do que apenas uma transa.

Eu estava prestes a querer *tudo*.

(...)

Você andava sozinha pelo campus da faculdade. Tinha os olhos castanhos esverdeados presos no céu cinza. Você usava um suéter verde escuro de gola alta. Os longos cabelos estavam soltos e cobriam suas costas.

Eu acendi um cigarro e te observei por alguns segundos. O suéter que você usava era justo, realçando suas curvas. Eu só queria tirar você de dentro dele e trilhar uma linha de beijos por todo seu corpo.

Era horrível não poder fazer isso. Eu nunca quis tanto algo que estivesse bem na minha frente, mas que eu não pudesse ter.

Você era a personificação da tortura, anjo.

Eu não consegui evitar de ir até você. Eu era atraído a você como um maldito imã.

Nós conversamos. Eu falei mal de Elliot Dannes sem ao menos conhecê-lo direito; eu não precisava ser próximo do cara para saber que ele era um completo idiota. Você o defendeu e isso meio que me incomodou. E então, como sempre, você me ofendeu, e como sempre também, você estava certa. Em algum momento da conversa eu te chamei de mentirosa, e dessa vez era eu que estava certo. Você mentia muito quando estava comigo, era

como se você tentasse se abrir o mínimo possível. Você era uma pessoa mais fechada, não queria que eu te conhecesse. Você tinha aquela armadura quase impenetrável que intimidava a maioria dos caras.

Mas não a mim.

Eu admiti que te queria, apesar de não precisar, já que no final das contas era bem óbvio. Você me recusou, é claro.

Você me pediu para que te deixasse em paz. Mas a questão, Charlie, é que eu nunca poderia fazer isso.

Eu me aproximei de você até conseguir sentir seu sutil, mas incrível cheiro. A sua pele era muito branca, destacando algumas pequenas sardinhas acima do seu nariz.

A minha vontade naquele momento era de colar meus lábios nos seus e mordê-los até te fazer gemer. Tirar sua roupa e fazer todas as coisas sujas que continuavam na minha mente desde o momento em que pus meus olhos em você.

Você recuou, um pouco surpresa com a aproximação repentina.

— Eu vou. Mas quando você se cansar de toda essa mentira e finalmente terminar com aquele idiota, venha me procurar. — Eu declarei, sem tirar os olhos dos seus.

A verdade é que eu nunca realmente te deixei em paz. E eu não planejava de maneira alguma fazer isso. Ia contra tudo o que eu queria e desejava.

Mas eu esperava que você se desse conta de que não adiantava tentar, você nunca iria querer Elliot Dannes como me queria.

Porque você podia negar, Charlie, para todos e até para si mesma, mas no fundo você me queria. Desde o momento em que pôs seus olhos em mim. Você me queria quase tanto quanto eu te queria.

Quase.

E eu sabia disso.

Porque apesar de você ser um enigma para mim, eu estava aos poucos te desvendando.

Mas você era uma garota esperta, anjo. Sempre foi. Você sabia que eu não era o príncipe encantado em um cavalo branco. Eu estava mais para o cavaleiro negro babaca ou algo do tipo.

Mas é aí que está. Eu não era o príncipe no cavalo branco, mas você também não era a donzela em perigo.

E esse é o oitavo motivo pelo qual eu te amo:

Você foi a feiticeira que lançou um feitiço em mim.

E no final das contas o cavaleiro negro caiu perdidamente pela encantadora feiticeira de longos cabelos castanhos.

Capítulo 9

“ Quando você encontrar a pessoa que muda a forma como o seu coração bate, dance com ela nesse ritmo até que a música acabe.” -Kirk Diedrich

— Você vai na festa? — perguntou Bailey, estendendo o baseado em minha direção.

— Que festa?

Estávamos no apartamento de James fumando no sofá da sala.

— A que vai ter na minha fraternidade hoje à noite.

— Não sei se estou com saco para sair. — Eu disse, devolvendo o baseado para ele.

Eu só queria fumar, beber algumas cervejas e talvez assistir a um pouco de futebol.

— Mas que porra, quanta vezes eu já pedi para vocês não fumarem maconha aqui dentro? — exclamou James, surgindo na sala de repente.

— Você tá muito estressado. Relaxa. Dá uma tragada — disse Bailey, oferecendo o baseado a James.

James arrancou o baseado da mão de Bailey e o apagou.

— Cara, a Lina vai chegar a qualquer momento e se ela pegar vocês fumando aqui dentro ela me mata. — Ele disse, jogando-o na lixeira da cozinha.

Que desperdício.

— Jesus, você virou um pau-mandado, James — comentou Bailey, rolando os olhos.

— Vai se foder. — Ele murmurou e abriu a janela para tirar o cheiro do apartamento.

James estava morando com a namorada já tinha quase um ano. E por mais que eu até gostasse de Lina, era um saco ter que ficar nos policiando para não deixá-la irritada.

Ouvimos a porta ser aberta e Lina apareceu na sala poucos segundos depois.

Ela sorriu e nos cumprimentou.

— Oi, ursinho. — Ela disse para James. Ele sorriu como um idiota ao vê-la e ela foi em sua direção para beijá-lo.

Eu revirei os olhos para os dois e Bailey simulou um barulho como se estivesse vomitando.

Lina era gente boa, simpática e um pouco tímida. Mas era irritante vê-los trocando carinhos e apelidos ridículos.

Depois de se cumprimentarem, os dois se sentaram na sala com a gente.

— Você vai querer ir na festa da fraternidade hoje à noite? — perguntou James a ela.

Ela deu de ombros.

— Se você quiser ir, eu vou. — Ela disse, sorrindo para ele.

Rolei os olhos novamente.

— Eu vou com a maior gostosa — comentou Bailey para ninguém em especial.

— Quem? — perguntou Lina, erguendo as sobrancelhas.

— Megan.

— Megan de quê?

— Sei lá. Você acha que eu vou lembrar do sobrenome da garota?

— Uma ruiva? — perguntou Lina.

— Sim.

— Ah, eu a conheço. Tenho aula com a prima dela, a Charlie.

Me virei para Lina.

— Que Charlie? — perguntei.

— Uma morena.

— Ela vai? — Eu perguntei, tentando soar casual e desinteressado, mas falhando miseravelmente.

— Acho que vai. Megan comentou que vai encontrar algumas amigas lá, provavelmente a Charlie é uma dessas amigas. Ela estão sempre juntas — respondeu Lina, dando de ombros.

— Você vai, Kellan? — perguntou James.

— Vou.

Bailey se virou para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Você disse há cinco minutos que não ia. Achei que você tinha dito que não estava com saco para sair. — Ele comentou, obviamente apenas para me provocar.

— Mudei de idéia — respondi secamente.

Seis horas depois e lá estava eu no meio da pista de dança com uma loira rebolando descaradamente em cima de mim.

Em minha defesa, logo que eu cheguei eu te procurei em todo o lugar. Mas não consegui te encontrar. Já se passara quase uma hora e você ainda não tinha chegado.

Aquela garota deu em cima de mim desde o segundo em que eu pisei naquele lugar, e quando ela me arrastou para a pista de dança eu simplesmente não consegui dizer não. Mas não era daquele jeito que eu imaginava que a minha noite seria.

Eu já estava me perguntando se você realmente iria aparecer, quando você simplesmente surgiu na pista. Meu coração deu um pulso quando eu te vi. Mas acontece que você não estava sozinha. Elliot Dannes tinha as mãos em você enquanto dançavam.

Senti uma urgência de atravessar a pista e tirar as mãos dele de você. E então dançar com você a noite toda.

Você finalmente olhou para mim, encarou a loira em meus braços e então desviou o olhar. Elliot te tinha nos braços e sorria enquanto dançava, mas aquilo estava errado.

Quem deveria estar dançando com você era eu. Não ele, Charlie.

Eu sabia disso e, no fundo, você também.

Você e Elliot saíram da pista assim que a música terminou.

— Espera, aonde você está indo? — perguntou a loira enquanto eu me distanciava dela e ia atrás de você.

Você foi até a mesa de bebidas e pegou um copo. Eu parei logo atrás de você e apreciei a vista. A luz da pista era fraca e eu não estava conseguindo te ver direito antes, mas naquele momento eu conseguia te enxergar perfeitamente.

Você usava um vestido preto que ia até a metade das coxas, dando uma visão privilegiada das suas pernas de tirar o fôlego. Boa parte das suas costas também estavam expostas, mostrando a pele clara e lisa parcialmente coberta pelos longos cabelos escuros.

Eu estava babando e ainda nem tinha visto a parte de frente do seu vestido.

As palavras escapuliram da minha boca antes que eu pudesse impedi-las.

— Porra, você nesse vestido é a coisa mais incrível que eu já vi.

Senti seu corpo enrijecer instantaneamente ao som da minha voz. Alguns segundos se passaram e você começou a se virar lentamente. Prendi a respiração por meio segundo e me preparei.

E então lá estava você. O longo cabelo modelando o rosto perfeito, a boca rosada e os olhos selvagens e enigmáticos fixados em mim. Minhas pernas fraquejaram.

Aquilo era ridículo.

Como eu havia me transformado em um cara que ficava de pernas moles por uma garota?

— Eu sei. Já você parece que acabou de sair de uma ressaca fodida. — Você comentou com um olhar blasé.

Eu sorri porque não esperava nenhuma outra resposta de você.

— Já disse o quanto amo essa sua língua ferina?

Você rolou os olhos.

Eu me aproximei.

— Dança comigo.

Você negou, é claro.

Mas eu não iria embora sem uma dança, anjo. Não com você vestida daquela forma e me encarando daquele jeito.

— Não é uma pergunta. — Eu declarei e então te arrastei para a pista.

Você reclamou e tentou se desvencilhar dos meus braços, mas nada disso funcionou.

Quando eu finalmente consegui te levar até a pista, eu coloquei minhas mãos ao redor de sua cintura e te trouxe para perto. Senti seu corpo ficar tenso contra o meu e tentei conter o sorriso. Eu adorava saber que eu causava aquele efeito em seu corpo.

Eu comecei a te guiar lentamente.

— Me solta. — Sua voz era séria, como um aviso, uma ameaça. Você disse tão baixo que quase não fui capaz de ouvir.

Mas eu não soltei, Charlie.

Naquele momento, com você nos meus braços, pensei que talvez nunca fosse capaz de te soltar.

Nunca.

Você queria estar ali comigo, eu conseguia sentir isso pelo modo como seu corpo reagia ao meu toque, mas você era teimosa demais e sua mente simplesmente não permitia que você se entregasse.

— O que foi, Charlie? Está com medo de uma dança? — desafiei.

— Não. — Você respondeu rapidamente.

— Está com medo de se entregar? Está com medo de sentir? — Eu perguntei quase encostando os lábios em sua orelha. Eu senti seu corpo ficar ainda mais rígido.

Você tinha um cheiro incrível, anjo. E eu queria me afundar nos seus cabelos, pescoço, em você toda.

— Claro que não. — Você disse sorrindo, com uma expressão sarcástica e destemida. — Isso não passa de uma dança qualquer, Kellan. Não se iluda achando que isso significa qualquer coisa além disso. — Você falou como se nada daquilo te afetasse.

Mas nós dois sabíamos que aquilo era uma mentira.

Aquilo era muito mais do que uma dança.

Aquilo era o certo.

Simple assim.

E eu podia dançar com você a noite toda, anjo.

— Eu falei sério quando disse que você está incrível. — Eu sussurrei perto do seu ouvido.

Senti seu corpo ficar mais tenso em meus braços.

— E eu também falei sério quando disse que você parecia ter acabado de sair de uma puta ressaca. Você está péssimo.

— Você é sempre tão mentirosa assim, ou é apenas quando está comigo?

— Cala a boca.

— Cala com a sua. — desafiei.

— Cresce.

Não consegui evitar o sorriso que cresceu em meus lábios.

— Vejo que você ainda não deu um pé na bunda daquele idiota. — comentei alguns segundos depois.

— E eu continuo sem entender por que você importa tanto com quem eu estou ou não saindo. Você estava se esfregando em uma garota alguns minutos atrás. — Você rebateu.

— Você parece estar muito ciente das pessoas nas quais eu ando me esfregando ultimamente. — observo, com um sorriso convencido nos lábios.

— Não estou.

— Está sim.

— O que é isso? — Elliot perguntou, aparecendo de repente.

— Só estamos dançando. — Você respondeu, tentando se distanciar de mim.

— Eu não me importo. Está na hora de ir, Charlie. — Ele disse, nos encarando com raiva.

— Estamos dançando. Vai passear. — Eu respondi sem me dar ao trabalho de encarar o idiota.

— Elliot, se acalma, é só uma dança... — Você começou a dizer tentando aliviar a situação, mas então ele pegou seu braço.

— Eu não ligo, porra. Solta ela. — Elliot exigiu, me encarando.

Mas eu não conseguia ver nada além da mão dele apertando seu pulso com força.

Força demais.

Eu conseguia ver a sua pele ficando branca ao redor do local em que ele segurava.

Minha mente voltou anos atrás e de repente eu não estava mais na pista de dança. Eu estava na minha antiga casa, vendo o filho da puta que acabou com a minha infância perder a cabeça novamente. Eu me lembrei de quando ele segurava o braço dela exatamente da maneira em que Elliot segurava o seu.

A raiva percorreu meu corpo como um choque.

— Tira as mãos dela ou eu juro por Deus que quebro a sua cara bem aqui na frente de todo mundo. — Eu avisei.

E eu não avisaria duas vezes.

Acontece que ele continuou com as mãos presas em você.

Meu punho voou em direção ao rosto dele como se tivesse vida própria. Ele caiu no chão, finalmente soltando seu pulso.

Apesar de ter sentido um certo alívio, a raiva ainda pulsava dentro de mim. Eu estava prestes a ir para cima dele novamente, mas você exclamou irritada:

— Você está maluco? Ele não fez nada para você!

É, mas fez para você, anjo. O que é muito pior.

— Eu avisei para ele tirar as mãos de você — respondi.

As pessoas se aglomeraram em nossa volta e algumas foram ver se Elliot estava bem.

— Eu não sou sua para você sair socando caras que colocam as mãos em mim! — Você gritou irritada.

Suas bochechas estavam vermelhas de raiva e seus olhos brilhavam com fúria. Terrivelmente bonita.

Com o rosto sério, eu disse:

— Ainda não.

Mas aquilo não era uma simples declaração, Charlie.

Aquilo era uma promessa.

O nono motivo pelo qual eu te amo é:

Eu poderia dançar com você pelo resto da minha vida.

Se dependesse de mim, nós ainda estaríamos dançando, anjo.

Capítulo 10

“ Não tenho certeza de que alguém sabe o que está procurando até encontrar.” -
Kiera Cass

Eu entrei no vestiário e fui em direção a Sean.

— E aí, vai jogar hoje? — Ele perguntou logo que me aproximei.

Ele já estava tirando a roupa para colocar a camisa do time.

— Aham, contra quem vamos jogar?

— Uns caras mais novos. Eles estudam na faculdade, alguns períodos atrás.

Eu sorri. Seria um jogo fácil.

Eu estava precisando de dinheiro, então resolvi jogar naquela noite. Apesar de não ser um jogo profissional, muitas pessoas iam nos assistir e geralmente cada jogador acabava lucrando duzentos a trezentos no final da noite.

Coloquei a minha camisa e entrei no campo com todos os jogadores do meu time. Todos eles jogavam para a mesma faculdade. Até mesmo o time adversário. Acontecia às vezes de jogarmos com pessoas de outras faculdades, mas era mais difícil. Eu era o único ali que não estudava. Eu só estava no time porque era muito amigo de Sean, James e de outros jogadores ali.

Escutei garotas gritarem meu nome e pessoas aplaudirem quando entramos no campo. Fomos para o centro do campo e eu passei meus olhos rapidamente pela plateia.

E foi quando te vi.

Não importava o tamanho da multidão, Charlie, meus olhos *sempre* encontrariam os seus.

Você me encarava fixamente, com uma mistura de horror e surpresa no olhar. Você estava cercada por uma multidão de cabeças, mas eu não conseguia tirar os olhos dos seus. E enquanto você parecia horrorizada, eu nunca estive tão feliz.

Mas eu estava extremamente surpreso por você estar ali. A última pessoa que eu esperava ver naquela plateia era você.

Eu sorri. E é claro, você não sorriu de volta.

Eu pensei que você iria dar meia-volta e ir embora dali, mas você não foi.

Você ficou.

E isso só me fez sorrir ainda mais, mas então eu finalmente entendi o motivo pelo qual você estava ali. Elliot Dannes estava no campo, conversando com alguém do próprio time e meu sorriso desapareceu.

É claro que você estava ali por causa dele.

Dannes ainda tinha um olho roxo devido ao soco que eu havia dado algumas noites antes e isso me fez sorrir novamente.

Ele me viu e me encarou com uma expressão de ódio e meu sorriso cresceu.

Aquele jogo seria interessante.

A partida começou poucos minutos depois.

O nosso time era bem melhor que o de Elliot e não demorou muito para que nós ficássemos pontos à frente.

Eu nunca fiquei tão distraído em um jogo como naquele. Eu não conseguia parar de te encarar e nem você conseguia tirar os olhos de mim, o que tornava ainda mais difícil olhar para qualquer coisa além de você.

O primeiro tempo acabou e nós demos uma pausa para tomar água. Escutei Elliot chamar seu nome e te vi descendo a arquibancada para ir até ele. Você sorriu para ele e o idiota te beijou.

Te beijou porque sabia que eu estaria olhando para vocês.

Eu queria ir até ele e lhe dar mais um olho roxo, mas ao invés disso, me limitei a gritar:

— Ei, acabou o tempo, idiota.

Dannes me encarou, mas foram os seus olhos que eu encontrei. Você rapidamente desviou o olhar do meu e voltou a encará-lo. Ele falou alguma coisa para você e eu saí rapidamente dali porque tinha medo de acabar indo em direção a Dannes e terminar o que eu comecei naquela festa.

O segundo tempo começou logo depois e você ficou na grade que separava o campo da arquibancada. E o merda do Dannes passava por ali toda hora para te dar um beijo ou acenar. Aquilo estava realmente me incomodando. Só de imaginar você beijando outro cara o meu sangue esquentava, mas ter que presenciar isso de cinco em cinco minutos era insuportável. Então, quando Dannes pegou a bola, eu tive a chance de aliviar a raiva que eu estava reprimindo toda vez que ele ia até você e te roubava um beijo.

Eu fui para cima dele e o derrubei. Seu corpo bateu contra o chão com força.

Aquilo com certeza era uma falta. Mas eu não dava a mínima. Valeu a pena.

O rosto dele se contorceu de dor quando seu corpo encontrou o chão e ele me encarou com raiva.

— Que porra foi essa? — Ele perguntou se levantando.

— O quê? Foi apenas um acidente — respondi sem nem me dar ao trabalho de esconder meu sorriso.

Os olhos dele queimavam de ódio reprimido. Ele queria me bater. E eu queria que ele o fizesse porque aí eu poderia revidar e bater nele também.

Os jogadores perceberam o clima tenso entre a gente e se reuniram à nossa volta. As pessoas na arquibancada ficaram em silêncio, nos escutando atentamente.

— Não, não foi. — Ele respondeu.

— Claro que foi. Por que eu faria isso de propósito?

— Porque você quer a porra da minha garota! — Ele exclamou.

Eu odiei o fato dele ter se referido a você como sua garota.

Você nunca foi a garota dele. Você nunca foi nada dele. Você nunca pôde ser dele ou de qualquer outra pessoa porque você sempre foi minha.

— A sua garota? A que ficou me encarando o jogo todo? É a essa que você está se referindo? — Eu perguntei sorrindo em direção a ele.

Eu sabia que você estava escutando toda a discussão e era exatamente isso que eu queria. Eu conseguia imaginar o seu rosto vermelho de raiva enquanto pensava em diversas formas de me matar.

— Vai se foder, seu merda. — Elliot exclamou e eu achei que ele viria para cima de

mim.

Mas ele não o fez, infelizmente.

Então antes que eu pudesse impedir que as palavras saíssem da minha boca, eu disse:

— Vamos fazer uma aposta.

As pessoas ao redor ficaram ainda mais quietas. Confusão e interesse estavam estampados nos rostos de todos.

— Que tipo de aposta? — Elliot perguntou franzindo as sobrancelhas, confuso.

— Se você ganhar o próximo jogo, eu deixo vocês dois em paz e saio do time pelo resto do ano.

— E se você ganhar?

Eu sorri e desviei o olhar dele. Meus olhos viajaram até os seus. Você me encarava atentamente, me esperando falar, assim como todo mundo.

— Eu ganho a sua garota. — Eu disse sem tirar os olhos dos seus enquanto pronunciava cada palavra.

Você arregalou os olhos e me encarou com total choque. E então vi seu olhar se transformando, a sua expressão endurecendo enquanto a raiva tomava conta.

Eu aposto que você queria atravessar aquele campo e me socar repetidas vezes, dava para ver pela maneira como seus olhos queimavam de puro ódio.

Eu não queria fazer aquilo, Charlie. De verdade. Eu nunca quis te tratar como um objeto. Eu nunca quis te tratar como apenas um prêmio. Você era muito mais que isso. Sempre foi. Mas eu estava desesperado e faria qualquer coisa para ter você, até mesmo arriscar que você me odiasse ainda mais por te apostado.

— O quê? — Elliot perguntou, chocado.

— Eu quero um encontro com ela. Se eu ganhar, eu quero sair com ela sem que você fique no caminho.

Você nunca foi o tipo de garota que obedecia ou concordava em fazer qualquer coisa que não quisesse. Então eu sabia que havia uma grande possibilidade de você não concordar em ir naquele encontro. Mas se Elliot de fato aceitasse te apostar, você com toda certeza ficaria com raiva dele e louca para se vingar, então talvez no final das contas eu até tivesse uma chance.

Todos encaravam Elliot em expectativa, esperando que ele respondesse.

— Tudo bem. — Ele disse alguns segundos depois, com o rosto sério e determinado.

Eu não sabia se ria de alegria ou chorava de descrença.

Aquele cara só podia ser maluco.

Como ele poderia concordar com aquela aposta, sendo que se ele perdesse você sairia com outra pessoa?

Como ele podia arriscar *você*?

Como ele podia ser tão idiota?

Eu quis sacudi-lo e gritar: "*você enlouqueceu?*".

Ele tinha o privilégio de acordar todas as manhãs sabendo que podia beijar seus lábios, escutar sua voz o quanto desejasse e sentir seu cheiro bem de perto e ele tinha a coragem de simplesmente arriscar isso tudo?

Anjo, eu podia até ser um cafajeste, escroto e qualquer outra coisa, mas eu nunca te

arriscaria daquela forma.

A décima razão pela qual eu te amo é:

Perto do nosso fim, eu finalmente entendi que na verdade ***você nunca foi o prêmio, muito pelo contrário, você era a jogadora adversária.***

Tão focada e sedenta pela vitória quanto eu.

Estávamos jogando com o amor e apostando nossos corações.

E no final, nós dois saímos perdendo.

Capítulo 11

“ Eu quero ser o seu fim, mas você precisa deixar começar.” -Colleen Hoover

O jogo começou e eu nunca tinha estado tão focado em algo em toda a minha vida. Eu sempre joguei por jogar, nada muito sério. Mas naquele momento era como se toda a minha vida dependesse daquela partida.

Eu estava confiante de que iria ganhar, meu time era bem melhor do que o de Elliot, mas ainda assim a mínima possibilidade de perder me deixava louco.

Eu precisava ganhar.

Eu precisava *te* ganhar.

Marquei o primeiro ponto e não consegui resistir à vontade de olhar para você. Você tinha os olhos fixados em mim, mas não mostrava nenhuma emoção além de raiva. Eu sorri, não consegui evitar. Você era bonita para cacete e parecia querer me matar naquele momento.

Eu sabia que havia a grande probabilidade de você negar o encontro comigo, mas a pequena possibilidade de você aceitar já me levava às nuvens.

Marquei diversos pontos e, no final das contas, acabamos ganhando. Nunca havia me sentido tão feliz com uma vitória em toda a minha vida.

Enquanto os meus colegas de time gritavam e comemoravam, eu olhei para você e sorri. Você apenas me encarou parecendo mais irritada do que nunca e então se virou e saiu.

Eu corri para o vestiário para me trocar porque eu não podia simplesmente te deixar ir embora sem cobrar meu encontro.

— O que ela tem de mais, cara? — perguntou Sean ao meu lado.

Me virei para ele.

— O que você quer dizer?

— Você nunca se esforçou tanto assim para pegar uma garota. Eu sei que ela é bonita e tal, mas você já pegou várias garotas bonitas e nunca pareceu tão interessado assim.

Eu o encarei por alguns segundos.

— Honestamente, eu não tenho ideia.

E eu realmente não tinha.

Eu sempre soube que você era o sol, mas eu nunca entendi exatamente por que meu mundo girava em torno de você.

— Você não acha que é por que essa é a primeira garota que realmente já te rejeitou? Talvez a caça é que está te interessando. — Ele disse dando de ombros.

Eu sorri para ele, porque fazia sentido o que ele estava dizendo, mas eu sabia que ele não podia estar mais errado.

— Eu não gosto dela porque ela é difícil, cara. Essa é a questão, eu gosto dela porque ela faz valer a pena o trabalho.

— Tem certeza que isso não é apenas mais um jogo para você?

Eu tirei a minha camisa e a guardei.

— Não. Ela não é um jogo. Ela é muito mais que isso. — Eu disse e então finalmente o encarei. — Se eu pudesse amar alguém, seria ela.

Sean apenas me encarou em silêncio por alguns segundos e então assentiu,

finalmente entendendo.

Eu saí do vestiário e corri para te achar. Você fumava um cigarro enquanto andava pela calçada. Fui até você para cobrar meu encontro e você me xingou por ter te apostado, mas eu já esperava por isso. Na verdade, estranharia se você não o fizesse.

Discutimos por algum tempo e finalmente estabelecemos que eu te pegaria às oito para o nosso encontro. Na realidade, eu estabeleci e você apenas me encarou como se eu fosse o culpado pelo câncer.

Você estava muito irritada, mas eu não podia estar mais feliz. Eu nunca imaginei que ficaria tão feliz com a ideia de ter um encontro com uma garota.

Eu nunca me importei com nada na vida. Nunca fui o tipo de cara determinado a ter alguma coisa. Mas isso tudo mudou quando eu te conheci.

E o décimo primeiro motivo pelo qual eu te amo é:

Você me fez querer lutar por alguma coisa pela primeira vez em muitos anos.

Capítulo 12

“ Enquanto você estiver segurando a minha mão, eu nunca vou me perder.” - desconhecido

E eu ainda consigo me lembrar da primeira vez que vi meu pai bater na minha mãe.

Não foi a primeira vez que ele a agrediu, mas foi a primeira vez que eu presenciei.

Eu tinha seis anos, mas eu me lembro como se tivesse sido há apenas alguns meses, e não há dezenove anos.

Eu estava no quarto brincando com o filhote que eu tinha ganhado da minha mãe no meu aniversário. O filhote que meu pai colocou na rua menos de um mês depois daquele dia.

Eu não me lembro do nome dele, mas eu me lembro da cor, ele era branco e tinha apenas uma mancha preta em um dos olhos. Eu achava incrível porque ele parecia um pirata.

Eu adorava aquele cachorro. Ele era a única coisa que me fazia querer voltar para casa depois da escola. Meu pai não era nada presente e vivia bebendo. Ele nunca foi a um jogo meu na escola ou a um evento de pais e filhos. E sinceramente, depois de um tempo eu parei de desejar que ele o fizesse. Quando eu comecei a vê-lo por quem ele realmente era eu parei de desejar qualquer coisa vinda dele, principalmente sua presença. A minha mãe vivia cozinhando e limpando para ele e ela era extremamente triste. Mesmo quando ela sorria para mim fingindo que estava tudo bem, eu conseguia ver a tristeza em seus olhos.

Eu escutei um barulho na cozinha e ouvi meu pai gritar:

— Porra, você não consegue fazer uma coisa certa?

Silêncio. Ela não respondeu. Coloquei a cabeça para fora do meu quarto e os observei.

— Qual é o problema com você? — Ele perguntou ainda mais alto.

Ela olhou para baixo e novamente não respondeu.

— Você é incapaz de colocar a porra da cerveja na geladeira? — Ele exclamou. — Não é tão difícil.

— Eu coloquei, é só que... — Ela começou, a voz baixa e trêmula. Os olhos nunca deixando o chão.

— Não, você não colocou! Se você tivesse colocado, a minha cerveja não estaria quente!

— Eu coloquei, não é minha culpa que não gelou a tempo... — Ela não terminou de falar porque foi calada com o empurrão que ele lhe deu.

Ela bateu contra o chão de madeira, fazendo um barulho alto.

Eu levei um susto com o som que até hoje ecoa na minha mente.

O longo cabelo escuro dela tampou seu rosto, então eu não consegui ver sua expressão. Mas eu sabia que ela estava com medo, eu podia sentir.

Eu queria ir até ela. Eu queria ajudá-la a se levantar e ver se estava ferida. Eu queria beijar seu machucado como ela costumava beijar os meus quando eu caía e ralava o joelho. Mas eu tive medo. Eu não queria que meu pai me empurrasse também.

Ela não se levantou. Ela ficou no chão. E ele não a ajudou a se levantar e muito menos se desculpou.

E eu lembro de não entender por que ele não fez nada. Eu não entendi por que ele apenas ficou ali olhando para ela. Me ensinaram que quando você machuca alguém você precisa se desculpar. Sempre que os meus colegas da escola empurravam ou mordiam os outros, a professora os obrigava a se desculpar depois.

Então por que ele não se desculpou?

Por que ele se virou e simplesmente voltou a se sentar no sofá?

Ele continuou vendo TV como se nada de mais tivesse acontecido. Ela se levantou lentamente depois de alguns segundos. Os olhos dela encontraram os meus e ela me encarou por um longo instante.

E então ela soube.

Ela soube que eu vi o que tinha acontecido. Notei seus olhos ficando molhados enquanto ela tentava manter a compostura. Ela foi em minha direção.

— Você ainda está acordado? Está na hora de dormir, querido. — Ela disse quando chegou na porta do meu quarto.

Ela me pegou no colo e me colocou na cama. Ela me deu um beijo na testa e sorriu, o sorriso mais triste que eu vi em toda a minha vida.

Eu não sorri de volta. O lado esquerdo do rosto dela estava vermelho.

— Dorme com os anjos. — Ela disse baixinho, ainda sorrindo.

Então ela se levantou e saiu.

Eu não consegui dormir direito naquela noite. Eu conseguia ouvir a televisão ligada na sala e o ronco do meu pai que provavelmente havia dormido no sofá. Mas não foi isso que me impediu de dormir. Foi o som do choro abafado da minha mãe no quarto ao lado.

Eu nunca mais fui o mesmo depois daquele dia, Charlie.

Às vezes, eu ainda consigo ouvir o choro dela quando eu me deito à noite.

E às vezes fica grande demais. Me sufoca e a lembrança me engole.

Há quatro anos eu não conseguia passar um dia sem pensar naquela noite e nas muitas outras que se seguiram depois daquela.

Mas naquele dia em especial eu não pensei sobre isso.

Eu não pensei na minha mãe, no meu pai e nem no som do choro dela.

Eu só conseguia pensar no encontro que eu tinha com você naquela noite.

A décima segunda razão pela qual eu te amo é:

Você deixou a dor mais suportável.

Capítulo 13

“ Não existe um momento ou lugar para o amor verdadeiro. Acontece acidentalmente, em um batimento cardíaco, em um único momento intermitente, palpitante. - Sarah Dessen

Eu coloquei a minha melhor camisa e saí de casa para te buscar. Eu já estava cinco minutos atrasado quando subi em minha moto e fui em direção ao seu apartamento. A verdade é que eu nunca fui muito bom com horário. Você sabe muito bem disso. E quando eu cheguei lá você não deixou de me lembrar disso, porque "você está atrasado" foi a primeira coisa que saiu da sua boca quando você abriu a porta.

Você estava irritada. E no fundo eu fiquei um pouco puto comigo mesmo por já ter começado mal o meu primeiro encontro com você. Mas a verdade é que era difícil ficar muito puto ou remotamente devastado com você parada na minha frente vestindo uma incrível blusa vinho e cheirando magnificamente bem. Porque a única coisa que eu consegui pensar quando te vi daquela maneira foi: *“foda-se o encontro, eu preciso desesperadamente levá-la para o quarto e jogá-la na cama”*. Mas é claro que eu não fiz isso. Eu levaria um chute no saco se tentasse.

Nós fomos de moto para o restaurante. E Charlie, eu admito que eu já tinha levado muitas garotas na garupa da minha moto, mas eu nunca gostei tanto de ter os braços de uma mulher segurando o meu corpo enquanto corríamos em alta velocidade.

Eu te levei para o meu restaurante preferido. Não era grande coisa, mas a comida era excelente. Você pediu massa; eu, carne.

Quando a comida chegou, você comeu quase tão rápido quanto eu. Estávamos famintos e a comida, incrível como sempre. Você não deixou absolutamente nada no prato e eu sorri para mim mesmo, orgulhoso pela minha escolha de restaurante.

Eu falei várias besteiras tentando te fazer rir, e por incrível que pareça eu consegui vários sorrisos pelo simples fato de você me achar um completo idiota. Você nunca achou as minhas piadas engraçadas, na verdade você nunca gostou muito de piadas. Você só ria de mim e do meu jeito de contar. E eu simplesmente amava isso.

— E então, como está sendo nosso primeiro encontro até agora?

Você deu de ombros.

— Vamos lá, admita que é o melhor encontro da sua vida. — Eu a provoquei com um sorriso convencido nos lábios.

— Na verdade é o único, então pode-se dizer que sim. — Você deu de ombros.

Eu te encarei incrédulo.

— Como assim, único?

Você me encarou com as sobrancelhas franzidas, como se não estivesse entendendo o porquê da pergunta.

— Antes desse eu nunca estive em um encontro. — Você explicou.

Eu ainda tinha dificuldade para acreditar.

— Como assim? Você tem dezoito anos. Por quê?

Você deu de ombros novamente.

— Não sei, já fui a cinemas e a parques, mas nunca a um jantar de verdade como esse.

E então um sorriso cresceu em meu rosto antes mesmo de eu perceber. Eu era o seu primeiro encontro. Eu não podia acreditar. Eu fui o primeiro cara a te levar para sair.

Eu gostei de saber que aquilo ficaria marcado em sua mente. *Eu* ficaria marcado em sua mente. Você não esquece o seu primeiro encontro.

A verdade, Charlie, é que as pessoas não costumam esquecer as suas primeiras vezes.

A primeira paixão, o primeiro beijo, o primeiro encontro, a primeira vez.

Os primeiros sempre ficam marcados.

E eu gostei de ter um primeiro seu. Mas de repente eu quis outros primeiros, Charlie.

Eu queria marcar a sua vida, eu queria *mais*.

E foi então que eu percebi. Aquilo não era mais uma busca para te levar para a cama e para explorar a sua personalidade fascinante e atraente. Eu queria marcar a sua vida como você havia marcado a minha no minuto em que entrou nela.

Antes daquele momento eu estava ali porque eu nunca havia me interessado tanto por uma garota e porque queria conhecer mais daquela fascínio.

Mas naquele momento eu percebi que eu queria ter mais primeiros para poder te dar.

Eu queria que meu primeiro encontro fosse com você. Queria poder voltar no tempo e dizer a mim mesmo de 16 anos: *Não faça isso. Não leve essa garota aleatória para sair. Não desperdice seu primeiro encontro com ela. A garota que merece esse seu primeiro está esperando.*

Infelizmente, eu não tinha muitos primeiros sobrando.

Já tinha tido o meu primeiro beijo, meu primeiro encontro e definitivamente a minha primeira vez.

Uma das poucas coisas que sobraram foi meu primeiro amor. Mas eu não tinha muitas esperanças em relação a esse. Eu sabia que esse era o único primeiro que ninguém poderia ter de mim.

Nem mesmo você.

Nós saímos do restaurante e eu te levei para casa.

Quando chegamos na porta do seu apartamento, eu te perguntei o que você tinha achado do encontro e você disse que não foi nada de mais e que aquilo não passava de uma aposta.

Você estava mentindo, obviamente.

Aquele foi o melhor encontro da minha vida, então eu não conseguia acreditar que havia sido apenas "normal" ou "nada de mais" para você.

Não que eu tenha ido a muitos encontros na minha vida, só fui a uns três quando era bem mais novo. Eu não costumava levar as garotas para jantar, mas de longe aquele havia sido o melhor deles.

Você estava prestes a abrir a porta do seu apartamento, quando se virou de repente e perguntou:

— Por que você está fazendo isso?

Eu te encarei e franzi as sobrancelhas, tentando entender o que você estava querendo dizer.

— O quê?

— Por que eu? — Você perguntou sem tirar os olhos dos meus.

— O que você quer dizer? — Eu perguntei ainda mais confuso.

— Por que você está perdendo o seu tempo comigo? Você poderia ter qualquer garota que quisesse a qualquer momento. Então, por que eu?

Você tinha os olhos fixos nos meus e esperava uma resposta que eu não tinha.

A verdade é que eu nunca soube exatamente o que eu vi em você, Charlie.

Foi você.

Simples assim.

Foi tudo e nada ao mesmo tempo.

Eu me aproximei de você e tentei colocar todos os meus sentimentos conturbados da maneira mais simples e sincera possível.

— Eu não sei exatamente. Talvez sejam seus olhos incríveis ou seus lábios que não saem da minha cabeça. Só sei que quando eu te vi pela primeira vez naquela cafeteria, eu soube que precisava te ter. E então eu te conheci e eu te quis ainda mais. — Eu sorri e então completei: — E, Charlie, eu *sempre* consigo o que quero.

Eu tinha os olhos focados nos seus e reparei quando seu olhar caiu para os meus lábios.

Você queria que eu te beijasse.

Porra.

Eu encarei seus lábios. Meu coração batendo mais rápido, minha boca ficando seca e todo o meu corpo reagindo.

Mas eu não te beijei.

E não porque eu não quisesse, só Deus sabe o quanto eu queria te beijar. Mas porque apesar daquele não ser o seu primeiro beijo ou o meu primeiro beijo, era o *nosso* primeiro beijo e eu queria que fosse malditamente inesquecível. E eu não queria fazer isso enquanto você ainda estava ficando com outro cara. Eu queria que quando eu te beijasse você não pensasse em nada além de mim.

Eu queria que no futuro você sempre se lembrasse que, mesmo que um beijo com um cara fosse bom, o meu ainda era melhor. Eu queria estragar todos os seus futuros beijos com outros homens. Porque eu tinha certeza que você estragaria o beijo de todas as outras mulheres para mim.

Então eu simplesmente te dei boa noite e fui embora.

Mas eu preciso admitir que aquela foi uma das coisas mais difíceis que já fiz. Todo o meu corpo implorava para que eu colocasse a minha boca na sua e minhas mãos em seus cabelos.

Sinceramente, eu nem sabia que tinha tanto autocontrole.

Eu fui para casa sabendo que aquela havia sido uma das melhores noites da minha vida.

O décimo terceiro motivo pelo qual eu te amo é:

Você me fez querer apagar o meu passado e fazer um novo só para o meu presente ser digno o suficiente para você estar nele.

Capítulo 14

“ E eu escolheria você, em cem vidas, em uma centena de mundos, em qualquer versão da realidade. Eu acharia você e eu te escolheria.” -Kiersten White

— Quem é essa tal de Charlie? — perguntou a garota de cabelos rosa.

Se eu não me engano, o nome dela era Lara.

— Você não conhece. — Eu respondi, abrindo a lata de cerveja que eu tinha acabado de pegar na geladeira.

Ela me encarava sentada no sofá da sala de TV. Ela tinha os pés descalços e usava um pequeno vestido branco.

Meus amigos tinham acabado de sair do meu apartamento, mas ela disse que queria ficar, ela era amiga de uma ficante de Sean. Ela deve ter escutado eu falar o seu nome quando Isaac me perguntou sobre o nosso encontro.

— Você pode pegar uma dessa para mim? — Ela perguntou sorrindo.

Eu assenti e peguei uma lata para ela também. Fui até a sala e estendi a cerveja em sua direção.

— `Brigada. — Ela disse sorrindo ainda mais.

— De nada.

Ela abriu a lata e tomou um gole. Eu me sentei ao seu lado e ela ficou alguns segundos olhando para mim.

— Hum... O que você quer fazer? — Ela finalmente perguntou.

Eu a encarei.

Ela tinha grandes olhos azuis e parecia extremamente frágil.

Uma mecha de cabelo rosa claro caiu em sua bochecha quando ela movimentou levemente a cabeça. Eu não respondi, ao invés disso eu deixei a minha cerveja no chão e me aproximei dela devagar.

Então eu a beijei.

Eu a beijei com tudo que eu tinha. Eu a beijei porque eu precisava sentir.

E ela retribuiu. Ela passou os braços ao redor do meu pescoço, me puxando para mais perto. O batom dela tinha gosto de morango.

Eu odiava morango.

Eu me inclinei sobre ela e a deitei em meu sofá. Eu tinha meus olhos fechados e quando eu percebi, a sua imagem invadiu a minha mente.

Será que os seus lábios também tinham gosto de morango?

Provavelmente não.

Você tinha cara de ter um gosto de menta ou talvez cereja.

E então o gosto dos seus lábios era a única coisa na qual eu conseguia pensar.

Aquilo estava me incomodando porque, por mais que eu tentasse me concentrar na garota de cabelos rosa, eu não conseguia deixar de pensar em você.

Aquilo não parecia certo.

Beijar aquela garota era como se eu estivesse diminuindo tudo o que tinha acontecido entre a gente.

O que era ridículo, porque na verdade nada realmente tinha acontecido, nunca havíamos sequer nos beijado.

Depois de mais alguns segundos eu tirei meus lábios dos dela e me distanciei.

— O que aconteceu? — Ela perguntou, confusa.

Seus lábios estavam inchados e os olhos preocupados.

— Eu fiz alguma coisa errada? — Ela perguntou com os grandes olhos azuis fixados em mim.

— Não. É que eu lembrei que eu preciso fazer uma coisa muito importante. Você precisa ir. — Eu disse, me levantando.

Ela assentiu parecendo magoada e decepcionada, colocou os sapatos e se levantou.

— A gente pode marcar de sair para jantar qualquer dia? — Ela perguntou sorrindo timidamente.

— Claro. — Eu respondi sabendo que nunca mais veria aquela garota novamente.

Ela saiu e eu me joguei no sofá.

Qual era o meu problema?

Eu não deveria me sentir culpado em beijar outra mulher quando você provavelmente estava beijando Elliot naquele exato momento.

Aquilo nunca tinha acontecido. Eu nunca deixei de dormir com uma garota por causa de outra. Eu nunca beijei uma garota pensando em outra.

E foi nesse momento, Charlie, que eu soube que eu estava completamente ferrado.

O décimo quarto motivo pelo qual eu te amo é:

Eu dormi com muitas mulheres, mas nunca fui de nenhuma delas. Já você me teve antes mesmo do nosso primeiro beijo.

Capítulo 15

“Ela tem o tipo de amor que pode manchar sua alma, fazer você implorar para não ter uma, apenas para escapar do feitiço que ela colocou você. Eu tentei me separar dela repetidamente, mas é inútil. Eu tenho mais dela nas minhas veias do que sangue.” - Tarryn Fisher

— Qual é o problema? — perguntou Isaac ao meu lado.

— Não tem problema nenhum.

— Claro que tem. E tenho quase certeza que o nome do seu problema é Charlie.

Odiava admitir que Isaac estivesse certo, então apenas resmunguei um palavrão e tomei mais um gole de uísque.

— Mas que porra ela fez para te deixar assim, cara?

— Entrou na porra da minha vida. — Eu respondi com um suspiro frustrado.

Isaac sorriu.

— Fiquei sabendo que ela está namorando sério com o Dannes.

Eu dei de ombros.

Ele me encarou de olhos franzidos e perguntou:

— Você não se importa?

— Não — menti. — Ela está melhor com ele, de qualquer maneira.

— O que você quer dizer?

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Não, realmente não sei. Você pode ser bom para ela também. É só você...

— Você não entende. Ela é diferente. Eu poderia... — Eu parei de falar antes que me arrependesse.

— Poderia o quê? — Ele perguntou.

Eu poderia amá-la.

Mas eu não lhe disse isso. Ao invés disso, eu me levantei do banco do bar e fui em direção ao banheiro. Eu passei pela porta e tropecei tentando chegar até a pia. Suspirei pesadamente enquanto me apoiava nela para não cair. Estava tonto devido à bebida e minha cabeça martelava de maneira descontrolada.

Já fazia quatro dias que eu não te via. Quatro longos dias.

Quatro dias em que eu estava me mantendo o mais longe possível de você.

Liguei a torneira e joguei água no meu rosto, esperando que ela levasse embora a sua imagem da minha mente.

Não levou.

Nunca levou, na verdade.

Suspirei mais uma vez e sequei meu rosto.

Eu nunca ameí uma garota e tinha certeza de que nunca amaria. E não porque eu não queria, mas porque eu simplesmente não conseguia. Eu conheci várias garotas ao longo da minha vida, boas garotas, inteligentes, bonitas, engraçadas até. Mas nenhuma delas despertou qualquer tipo de amor em mim.

A minha mãe levou uma parte minha quando se foi. Algo morreu dentro de mim e eu

sabia que nunca mais conseguiria recuperar aquela parte. E mesmo se eu conseguisse amar alguém, eu não poderia me permitir fazer isso. Eu olhava para o espelho todas as manhãs e a cada dia eu via mais do meu pai em mim. A cada copo que eu tomava, a cada briga que eu me metia e a cada noite perdida eu me via mais parecido com ele. E apesar de negar isso, no fundo eu sabia que era verdade. E eu odiava isso, Charlie. Eu odiava estar me transformando não apenas no monstro da minha infância, mas no monstro que me assombrará até o final dos meus dias.

Eu não queria ser como ele e eu também não queria amar como ele. Eu não queria amar do jeito que ele amava a minha mãe. Eu não queria amar daquele modo compulsivo. Daquele modo feio. Eu não tinha medo apenas de me transformar no meu pai, eu tinha medo de transformar a mulher que eu amava na minha mãe.

E por isso eu escolhi não amar. Não porque eu não queria, mas simplesmente porque eu não podia.

Mas eu não precisava me preocupar com isso porque nenhuma mulher nunca chegou perto de causar aquele sentimento em mim.

Até que você chegou.

Era por isso que você era perigosa, Charlie. Você era a única mulher que podia acabar fazendo com que eu me apaixonasse. Por isso eu estava tentando me manter o mais longe possível. Desde o dia em que eu não consegui ficar com outra garota por sua causa, eu percebi que gostava demais de você. Então precisava acabar com isso antes que fosse tarde demais.

Mas aquilo estava sendo mais difícil do que eu imaginei que seria. Só de pensar que você podia estar com Elliot naquele exato momento, todo o meu corpo ficou tenso.

Voltei para a mesa e pedi mais uma dose.

O bartender me entregou a dose e enquanto eu aproximava o copo da boca, escutei Isaac murmurar:

— Você merece ser feliz, Kellan.

E a décima quinta razão pela qual eu te amo é:

Você me fez feliz, Charlie.

Você me fez mais feliz do que eu jamais poderia ter imaginado.

Mas foi uma felicidade temporária porque eventualmente você se foi e levou toda a minha felicidade com você.

Capítulo 16

“Nossos lábios tocaram e o universo sorriu.” -desconhecido

Você não pode me acusar de não ter tentado esquecer você. Porque eu tentei. Tentei mesmo. Eu fiquei dias o mais longe possível de você. Eu tomei distância, eu te deixei em paz.

Mas não deu certo, obviamente.

Eu nunca fui bom em te deixar em paz.

Eu estava no bar conversando com Sean e bebendo algumas cervejas, enquanto Bailey estava no banheiro.

— Meus pais e minha irmã estão vindo me visitar essa semana — anunciou Sean, apoiando o copo meio vazio na mesa. — Eles querem te ver, Kellan.

Ele me encarou seriamente, esperando uma reação; eu virei o rosto e encarei uma mesa qualquer do bar.

— Minha mãe não para de encher, ela só vai parar quando conseguir te ver e ter certeza que está tudo bem. — Ele disse, ainda me encarando fixamente.

— Diga a ela que estou bem e não precisa se preocupar. — Eu disse ainda encarando a mesa para não ter que olhar em seus olhos.

— Você sabe que não é assim que funciona com ela.

— Bem, é assim que vai ser. — Eu disse finalmente, virando meu rosto para encará-lo.

Ele se calou e eu dei graças a Deus por isso, eu odiava quando ele trazia aquele assunto à tona.

Ouvimos um barulho no fundo do bar e nos viramos para encontrar Bailey levando um soco de outro cara. Sean revirou os olhos e nós dois nos levantamos.

— Seu merda, você acha que pode sair por aí pegando a namorada de outros? — disse o cara loiro depois de desferir outro soco em Bailey.

Bailey perdeu o equilíbrio devido ao soco e tropeçou, mas rapidamente se recuperou e socou o loiro de volta.

Sean e eu ficamos encarando os dois brigarem por alguns segundos antes de resolver apartar.

A verdade é que o loiro nem era tão grande a ponto de realmente fazer um estrago em Bailey. Se ele estivesse de fato em perigo nós não pensaríamos duas vezes antes de entrar na briga.

Além do mais, Bailey meio que merecia.

Eu sempre evitei pegar garotas com namorado. Era drama demais para o meu gosto e não valia a pena.

Mas Bailey não dava a mínima.

Quando Bailey levou o quarto soco do loiro, Sean afastou ele da confusão toda e eu empurrei o loiro para longe, me colocando entre ele e Bailey.

Ele olhou para mim por alguns segundos, parecendo tentar se decidir se brigar comigo era uma boa ideia ou não.

Honestamente, eu não ligava, estaria mais do que feliz em descontar toda a merda

daquela semana no rosto dele.

Mas então ele se afastou.

— Mas que porra! Vocês não pensaram em me ajudar? — exclamou Bailey, enquanto limpava o sangue do nariz em sua camisa.

— Você mereceu. Se fosse eu na situação do cara, teria te matado. — Eu disse, encarando a sua camisa manchada de sangue.

— Além do mais, você parecia ter a situação sob controle — comentou Sean ironicamente.

— Vão se ferrar. — Ele disse irritado enquanto se dirigia para a nossa mesa.

Nós voltamos a nos sentar e eu terminei a minha cerveja enquanto Bailey colocava gelo no nariz.

— Vocês ainda vão fazer a gente ser expulso desse bar — disse Sean olhando para mim e para Bailey.

Eu o encarei com as sobrancelhas franzidas.

— Eu não fiz absolutamente nada — respondi.

— Hoje. — Ele exclamou. — Esse é um dos melhores bares da cidade, juro por Deus que se eu for banido daqui por causa de vocês, mato os dois.

Bailey não respondeu. Apenas resmungou de dor.

— Jesus, estou aqui apenas tentando beber minha cerveja em paz. — Eu murmurei e dei mais um gole no copo.

— Afinal, por que mesmo você está aqui bebendo com a gente? — perguntou Bailey. — Achei que estaria de quatro atrás daquela garota, já que ela terminou com aquele cara.

Eu me virei para Bailey.

— O quê? Que garota?

— A morena. — Ele respondeu, dando de ombros.

— Charlie? — perguntei franzindo as sobrancelhas.

— Isso.

— Ela terminou? Como você sabe?

Ele me encarou com as sobrancelhas erguidas.

— Eu ouvi a Lina comentando com o James. Você não sabia?

— Não. — Eu neguei com a cabeça enquanto digeriria a informação.

— O que você vai fazer sobre isso? — perguntou Sean, me encarando.

Eu fiquei em silêncio por alguns segundos.

O que eu faria?

Eu me manteria longe de você?

Eu ignoraria essa informação e te deixaria em paz?

Definitivamente não. Eu deveria, mas era a última coisa que eu queria.

Todo o meu corpo gritava para que eu saísse daquele bar e fosse atrás de você. Então foi exatamente isso o que eu fiz.

E foi nesse momento que todo o meu plano de me manter o mais longe possível de você foi por água abaixo.

Eu fui para a sua faculdade para te encontrar sem conseguir deixar de pensar que

talvez eu fosse a razão para você ter terminado com ele. Talvez você finalmente houvesse parado de negar a si mesma que gostava de mim, e percebido que Elliot era uma total perda de tempo. Eu não sabia com certeza qual era a razão, mas estava louco para descobrir.

Quando eu cheguei na faculdade, eu esperei ao lado da sua sala porque você ainda estava tendo aula. Depois que te conheci eu comecei a prestar atenção na sua grade de horários na faculdade, então eu sabia que aquela era a sua última aula e que faltavam apenas quinze minutos para acabar.

As pessoas começaram a sair da sala e quando você finalmente passou por mim, nem se deu ao trabalho de parar ou ao menos me cumprimentar.

Você tinha os longos cabelos soltos e o suéter preto marcava suas curvas com perfeição, fazendo meu corpo ficar em alerta.

Você era bonita para caralho.

— Você tem que parar com isso. — Eu disse, indo atrás de você.

— Com o quê? — Você indagou sem sequer olhar para mim.

— Fingir que não me conhece. Isso é falta de educação, anjo.

— E você precisa parar de me perseguir.

— Eu ouvi dizer que você finalmente terminou com o idiota. É verdade? — perguntei.

— Não te interessa, Kellan. — Você respondeu praticamente bufando.

Eu sorri.

Você realmente não tinha ideia, não é? Você não percebia que aquilo era provavelmente a única coisa que me interessava no momento.

— Ah, interessa sim, e *muito*.

— Sim, Kellan. Eu e Elliot acabamos. Ele terminou comigo anteontem. — Você disse parecendo meio irritada, mas sem qualquer vestígio de tristeza ou dor.

Honestamente, eu não conseguia acreditar no que eu tinha acabado de ouvir.

— Ele terminou com *você*? — Eu perguntei te encarando.

— Sim.

Eu ri, porque aquilo era simplesmente a coisa mais idiota e sem cabimento que eu já tinha ouvido em toda a minha vida.

Não fazia o menor sentido.

Mas aquilo era incrível para mim.

— Então ele é mais idiota do que eu pensava. Você está livre amanhã?

Você parou e se virou para mim. Sua testa estava franzida e seus lábios cerrados.

— Para você? Não. Não estou livre amanhã, Kellan, nem depois de amanhã e nem no dia depois disso. Quantas vezes eu preciso dizer que não estou interessada?

Eu sorri, porque a mentira que saiu da sua boca foi absurda.

Eu me aproximei e seu cheiro me invadiu de uma forma quase torturante.

— Então na outra noite, quando eu aproximei a minha boca da sua e você abriu os lábios em expectativa, você não estava nem um pouco interessada?

Você ficou em silêncio.

Eu sorri.

Você negou, é claro.

E apesar de sempre te dizer o contrário, você na verdade era uma ótima mentirosa. Você não vacilava, você se mantinha firme e séria e você podia até enganar os outros, mas nunca a mim. Eu conseguia ver praticamente em sua testa o quanto você me queria e essa sempre foi a melhor sensação que eu já senti em toda a minha vida, até hoje.

Você ficou irritada, pediu para que eu te deixasse em paz e continuou andando.

Eu segurei o seu braço e te coloquei contra a parede da calçada. Eu não consegui evitar, você cheirava malditamente bem e meu corpo gritava para se aproximar do seu. Eu coloquei minha mão no muro ao lado de sua cabeça e a minha outra mão continuou segurando seu braço.

Você me encarou chocada. Seus olhos estavam levemente arregalados e sua boca aberta, em surpresa.

— O que você está fazendo? — Você perguntou com a voz tão baixa que eu mal fui capaz de escutar.

Uma mecha do seu cabelo escuro caiu em seu rosto e eu lutei contra a vontade de colocá-lo atrás da orelha.

— Eu paro de te chamar de anjo, te perseguir e bagunçar com a sua vida se você admitir.

— Admitir o quê?

— Que você me quer. — Eu disse lentamente.

Eu sabia que você não faria, você preferiria morrer antes de admitir.

— Nunca. — Você respondeu com o rosto sério e o olhar repleto de obstinação.

Eu sorri.

Seus olhos viajaram até a minha boca.

Os segundos pareciam ter se transformado em milênios. Senti o ar entre nós ficar pesado e você não tem nem ideia da metade das coisas que eu queria fazer com você naquele momento.

Nem metade, acredite em mim.

— Do que você tem medo? — Eu perguntei finalmente.

— Não tenho medo. — Você respondeu rapidamente.

— Então admite.

— Nem por um milhão de dólares. — Você disse desafiadoramente.

Eu sorri.

— Deus, você é teimosa.

— Solta o meu braço, Kellan. — Você pediu.

— Não.

— Solte antes que eu chute as suas bolas e te deixe estéril.

— Não faça isso, anjo. Você não quer machucar o meu amigo aqui, um dia você vai apreciar muito ele.

— Qual é a dessa necessidade de sempre frisar o quão suas partes íntimas são incríveis ou como você é bom de cama? Seria baixa autoestima e necessidade de se provar? Sabe o que eu acho, Kellan Dawson? — Você perguntou com um sorriso desafiador nos lábios.

— O quê? — Eu perguntei sem conseguir tirar os olhos da sua boca.

Alguns segundos se passaram e então você aproximou os lábios do meu ouvido e sussurrou lentamente:

— Acho que você tem um pinto pequeno.

Eu simplesmente não consegui segurar. Caí na gargalhada enquanto você me encarava irritada. Quando eu finalmente consegui parar de rir, eu aproximei a minha boca do seu ouvido e murmurei:

— acredite em mim, anjo, não há nada de pequeno sobre mim.

— Seu filho da puta, me solta agora!

Você começou a se debater e tentar me golpear. Você me xingou de nomes que eu nem conhecia.

Algumas mechas do seu cabelo voaram para o seu rosto e você começou a ficar vermelha. Seus lábios estavam franzidos e seus olhos, repletos de raiva. Você estava simplesmente adorável.

Eu olhei para seus lábios e lutei contra a vontade de te beijar. Eu prometi a mim mesmo que, quando eu te beijasse, seria incrível. Eu queria que fosse inesquecível para você. Eu queria esperar, eu não queria te beijar no meio da rua.

Mas eu não consegui evitar, eu já havia esperado demais.

Era isso ou eu ficaria louco.

Então eu aproximei meus lábios dos seus e te beijei.

E eu acho que deveriam inventar outra palavra para o que fizemos naquele dia. A palavra "beijar" não parece ser o suficiente. Porque eu já havia beijado muitas mulheres antes, Charlie, mas aquilo parecia diferente de tudo que eu conhecia.

Eu não te beijei, Charlie, eu te **beijei**.

Eu coloquei minhas mãos em seu corpo e te trouxe para bem perto, e quando a minha língua encontrou a sua, eu pensei que havia descoberto qual era a sensação de estar no paraíso.

Suas mãos foram para o meu cabelo e você os puxou com leveza, fazendo todo o meu corpo vibrar. Imprensei seu corpo contra a parede e você gemeu contra meus lábios.

Você *gemeu* na minha boca, porra.

Eu me afastei lentamente e você se aproximou, pedindo por mais. Eu sorri quando encarei seus lábios inchados e seus olhos confusos e repletos de luxúria.

— Você quer mais, anjo? — Eu perguntei provocadoramente.

Você me encarou em silêncio por vários segundos, parecendo completamente desestabilizada e confusa.

Então assentiu com a cabeça lentamente.

Mas eu não facilitaria as coisas para você. Eu te queria ouvir falar.

— Me diga o quanto você quer. — Eu sussurrei no seu ouvido.

— Não me faça implorar, Dawson. — A irritação na sua voz era clara.

— Ah, mas é exatamente isso que eu quero te ver fazer.

Você permaneceu em silêncio, então eu voltei a te beijar. Mordi seu lábio inferior e quando senti seu corpo amolecendo em meus braços novamente, me afastei abruptamente.

Você praticamente bufou de irritação e frustração.

Eu sorri.

— É só pedir, anjo.

Você me encarou com ódio no olhar. Você parecia querer me beijar e me socar ao mesmo tempo.

Eu estava amando aquilo.

— Por favor, Kellan, me beija. — Você pediu com a voz rouca e vacilante. — *Por favor.*

Aquelas palavras saindo da sua boca eram a coisa mais erótica que eu já tinha ouvido em toda a minha vida.

E, Charlie, naquele momento eu soube que você podia pedir qualquer, absolutamente *qualquer* coisa para mim, que eu te daria. Moveria montanhas, caçaria estrelas e sequestraria a lua, era só você pedir.

— É um prazer, anjo. — Eu disse, voltando imediatamente a te beijar.

E a décima sexta razão pela qual eu te amo é:

Você foi o melhor beijo da minha vida.

Capítulo 17

“ *Estou viciado em você. Eu provei a sua mente, e agora eu não consigo esquecer seu sabor.*” -**desconhecido**

Framboesa.

Você tinha gosto de framboesa, anjo.

E essa era a única coisa na qual eu conseguia pensar enquanto nós caminhávamos em direção à sua casa depois de termos passado vários minutos nos beijando.

Eu não conseguia tirar o sorriso dos meus lábios. Não estava acreditando que finalmente havia conseguido te beijar. E eu queria fazer de novo. E de novo. E de novo.

Droga, eu poderia passar o resto da minha maldita vida te beijando.

Nós ainda não havíamos dito uma palavra desde que a minha boca esteve na sua. Você me lançava olhares de lado de vez em quando. Seu rosto era sério, mas eu conseguia sentir um sorriso teimoso ameaçando surgir.

— Aposto que esse foi o melhor beijo da sua vida. — Eu declarei casualmente, finalmente quebrando o silêncio.

— Não foi.

Você não demorou nem dois segundos para responder.

Eu sorri.

Mentirosa.

— Pensei que nosso relacionamento era baseado na honestidade. — Eu comentei te encarando com as sobrancelhas franzidas.

— Não há um relacionamento. — Você respondeu sem me encarar.

— Hum, não? O que estamos fazendo, então? — Eu perguntei com um sorriso brincando em meus lábios.

— Não sei, na verdade eu ainda estou tentando decidir se gosto ou não de você. — Você comentou em tom sarcástico.

— Então eu sou um mero conhecido que você *talvez* goste? — Eu perguntei erguendo as sobrancelhas.

Você ficou em silêncio por alguns segundos. Seus olhos enfim encontraram os meus.

— Você é meu amigo, então. Está bom para você? — Você perguntou em tom irônico e indiferente, mas eu conseguia ver a incerteza em seus olhos enquanto as palavras deixavam a sua boca.

Não, não está, anjo.

— Você beija todos os seus amigos? — Eu perguntei, te provocando.

Você corou lindamente.

Se havia uma coisa que eu amava, era te fazer corar.

Você então deu de ombros, tentando parecer indiferente.

— Só os que eu sinto muita pena. — Você rebateu, um pequeno sorriso em seus lábios.

— Então você me beijou apenas por pena?

— É claro. — Você respondeu, ainda sorrindo.

Eu também sorri, dei de ombros e comentei:

— Tanto faz, foi um beijo medíocre de qualquer forma.

Era a maior mentira que já tinha saído da minha boca.

Você me encarou, fingindo estar chocada e magoada.

— Uau, você quebrou meu coração. — Você comentou sarcástica, com a mão sobre o peito.

Eu franzi as sobrancelhas e perguntei:

— Que coração?

Você me olhou nos olhos e, sem conseguir evitar, abriu um grande sorriso.

— Imbecil.

(...)

As suas sobrancelhas estavam franzidas e os lábios cerrados enquanto você observava o cardápio. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo e você usava uma jeans clara e uma camiseta branca.

Bonita para cacete.

— O que você vai querer? — perguntei.

Eu havia te convencido a ir almoçar comigo na minha pizzaria favorita e eu não podia estar mais feliz por você ter cedido.

Eu não via a hora de te beijar novamente. Na verdade, eu não via a hora de fazer muitas coisas com você. O nosso beijo ainda estava vívido em minha mente e eu queria desesperadamente mais daquilo.

Mas você gostava de torturar, anjo. Sempre gostou. Então eu sabia que eu teria que ser bem paciente e esperar você me entregar o que você estivesse disposta a me dar, no seu tempo.

No dia em que nos beijamos eu achei que você me convidaria para entrar, mas não, você me dispensou e me mandou de volta para casa.

Tortura era eufemismo para o que você fazia comigo.

— Vou querer calabresa. — Você disse finalmente, entregando o cardápio para o garçom.

Eu sorri, era o meu sabor preferido de pizza.

Você olhou para mim por alguns segundos. Suas sobrancelhas estavam levemente franzidas e sua cabeça pendia um pouco para a direita, como se você estivesse analisando um quadro complexo e cheio de interpretações.

— O que foi? — Eu perguntei, curioso.

Você deu de ombros.

— É só que é meio estranho. Eu te conheço há apenas algumas semanas e nós estamos aqui almoçando juntos como se fizéssemos isso todo dia. Nós somos praticamente estranhos.

Eu sorri.

Era verdade, éramos praticamente estranhos. Mas eu não me sentia assim. Eu sentia que te conhecia há mais tempo do que conhecia a maioria das pessoas na minha vida.

— Podemos resolver isso. Que tal um jogo?

Você me encarou desconfiada.

— Que tipo de jogo?

— Você me faz cinco perguntas e depois eu te faço cinco perguntas. Se algum de nós não responder a alguma pergunta do outro, perde.

Você ficou alguns segundos em silêncio, pensando. Você não parecia completamente confortável com aquilo. Você era uma pessoa fechada, então não era de surpreender que esse não fosse seu jogo favorito.

— E o que a outra pessoa ganha?

— Eu sei o que quero. E você? O que quer? — Eu perguntei.

Você pensou por alguns segundos.

— Eu não sei. Se eu ganhar, eu escolho depois. Pode ser?

— Claro.

— E o que você quer de mim? — Você perguntou.

Eu sorri, porque havia tanta coisa que eu queria de você, anjo, você não fazia nem ideia.

— O que você quer de mim que envolva nós dois vestidos, Kellan? — Você perguntou suspirando.

Eu ri.

— Vai ter uma festa nessa sexta e eu quero que você vá comigo.

Você me olhou parecendo surpresa. Você ponderou a questão por alguns segundos, até que cedeu.

— Tudo bem. Mas e se nós dois ganharmos?

— Você vai comigo na festa e eu faço o que quer que você queira de mim.

Você assentiu.

— Vai. Você começa. — Eu disse.

— Quantos anos você tem? — Você perguntou.

— Vinte e um.

— Por que você não faz faculdade?

— Desinteresse.

— Você tem irmãos?

Eu podia te dizer o porquê. Podia explicar que eu nunca pude ter um irmão mais novo porque uma vez meu pai bateu tanto na minha mãe que ela nunca mais foi capaz de engravidar, mas eu não disse isso.

Era muito difícil dizer em voz alta e eu não queria estragar os únicos momentos genuínos de felicidade que eu tinha com você com o lado feio da minha vida. Eu não queria sujar a sua beleza com a feiura do meu passado.

— Não. — Eu respondi simplesmente.

— Com quantas garotas você já dormiu?

Eu te encarei por vários segundos. Um sorriso malicioso brincava em seus lábios. Eu estava surpreso, não estava esperando aquela pergunta de você.

Mas então eu sorri, me divertindo com seu interesse.

— Por que quer saber? Está interessada em aumentar esse número?

Você rolou os olhos.

— Responda a pergunta, Kellan.

Eu pensei por um momento enquanto te encarava.

— Não saberia dizer. Não estou contando, anjo. — Dei de ombros.

Eu genuinamente não fazia ideia. Mas mesmo que eu soubesse, eu não te contaria. Era um número feio, com certeza mais do que quatro mãos cheias. E eu não queria que você soubesse disso.

— Amou alguma delas?

As suas palavras me bateram com grande surpresa. Seu rosto era sério enquanto você me observava, parecia tão chocada quanto eu com a sua pergunta.

— Não. — Eu respondi sem dificuldade.

Seus olhos me observavam atentamente e eu daria tudo para saber o que se passava na sua cabeça naquele momento.

— Alguma delas te amou? — Você perguntou alguns segundos depois.

Eu sorri.

— Acabaram as perguntas, anjo.

Você bufou, frustrada.

— Tudo bem, minha vez. — Eu disse sorrindo. — Filme favorito?

— Não tenho um.

— Inverno ou verão?

— Inverno.

— Sabor de sorvete favorito?

— Chocolate com menta.

— Comida favorita?

— Sushi.

Eu te encarei e esperei alguns segundos, porque eu sabia que a minha próxima pergunta te pegaria de surpresa, e essa era justamente a minha intenção. Então eu finalmente sorri e deixei que as palavras saíssem da minha boca.

— Com quantos caras já dormiu?

Você me encarou fixamente e eu esperei. Eu sabia que aquela não era uma resposta que você queria me dar e honestamente acho que no fundo eu também não queria saber. A ideia de você com outros caras era a porra de um pesadelo. Mas eu não conseguia evitar, por alguma razão eu precisava saber.

— Nenhum. — Você respondeu finalmente.

Eu acho que meu queixo caiu quando ouvi aquela palavra saindo da sua boca. Eu não podia acreditar. Um sorriso involuntário cresceu em meus lábios enquanto eu te observava atentamente, seu rosto corado e seus olhos evitando os meus.

Virgem.

Você era virgem.

Porra.

E simples assim, eu estava completamente perdido.

Pensar em ser o primeiro homem da sua vida me deixava louco. E foi naquele momento que eu soube que eu seria seu primeiro, Charlie, porque eu prometi a mim mesmo que faria tudo para fazer isso acontecer.

Como eu já disse, Charlie, a gente nunca esquece os primeiros. E eu queria ser

inesquecível para você. Porque eu tinha a impressão que eu nunca me esqueceria de você.

Estávamos acabando a sobremesa quando você de repente perguntou:

— O que estamos fazendo?

— Comendo pizza. — Eu respondi simplesmente, enquanto dava uma garfada no meu prato.

Você balançou a cabeça e perguntou quase em um sussurro:

— Não. O que nós dois estamos fazendo aqui? O que isso significa?

Eu levantei a cabeça e finalmente olhei em sua direção.

Você me olhava fixamente e tinha a expressão séria. E nós já não estávamos mais brincando como no dia anterior sobre nossa relação. Você realmente queria saber o que nós estávamos fazendo juntos.

Mas eu honestamente não fazia ideia, anjo. Eu só sabia que eu queria ter tudo de você e te dar tudo de mim.

— Estamos nos conhecendo — respondi.

— Por que você quer tanto me conhecer?

Você parecia confusa, como se fosse louca a ideia de alguém querer tanto te conhecer. E era louco para mim a ideia de você pensar que você não valia todo o esforço do mundo.

— Porque você parece ser o tipo de pessoa que vale a pena conhecer.

Você não sorriu. Não disse nada, apenas continuou me encarando profundamente. Seus olhos estavam repletos de emoção e, se eu fosse um artista, eu pintaria um retrato seu naquele momento.

— Eu não sou como as outras, Kellan. — Você disse finalmente, quase em um sussurro.

Aquilo me pegou de surpresa. Eu te encarei sério e em silêncio. E até hoje eu não sei por que você sentiu a necessidade de me dizer isso, pois para mim sempre foi muito óbvio.

— Eu sei. Eu soube disso desde o primeiro momento em que pus meus olhos em você.

E essa é a décima sétima razão pela qual eu te amo:

Você sempre foi e sempre será única.

E no final das contas, esse também foi um dos nossos maiores problemas.

Você era muito diferente, Charlie. E eu era muito comum.

Você era diferente de qualquer garota que eu já tinha conhecido. Você era tão rara e única que chegava a ser assustador. E eu era só mais um babaca com sorriso fácil e cantadas baratas.

Capítulo 18

“Ninguém jamais mediu, nem mesmo poetas, o quanto o coração pode suportar.”
- **Zelda Fitzgerald**

Uma das minhas piores memórias de infância é de quando eu tinha onze anos.

Eu ainda consigo me lembrar do cheiro do macarrão que a minha mãe estava preparando na cozinha.

Ela me chamou para a mesa porque o jantar estava pronto. Lembro de perguntar se ela queria alguma ajuda antes de me sentar. Ela negou, como sempre. A minha mãe nunca exigiu a minha ajuda para nada. Eu lembro de sempre vê-la limpando e cozinhando, mas não me recordo de nenhuma vez que ela me pediu alguma ajuda. Ela sempre pôs a felicidade de todos acima da dela. Ela nunca me impediu de sair ou me divertir com meus amigos, ela sempre fez questão de me dar a melhor infância que ela podia. A única coisa que ela costumava exigir de mim era que eu estudasse para ser alguém na vida.

Ela foi até a sala e chamou o meu pai. Ele não a respondeu, apenas se levantou e caminhou lentamente até a mesa.

Meu pai era um homem grande, ele era alto e tinha um bom porte físico.

Ele se sentou na cabeceira da mesa enquanto esperava a minha mãe servir seu prato. Ela abriu o forno e tirou a travessa de macarrão. Minha mãe sempre cozinhou muito bem e o macarrão à bolonhesa dela era o favorito do meu pai.

Eu lembro de ouvir um barulho alto e de olhar na direção da minha mãe enquanto a travessa se encontrava espatifada no chão. Cacos de vidro e macarrão se espalhavam por todo o piso da cozinha.

Ela olhou pro chão e eu consegui ver pela sua expressão que ela sabia o que viria em seguida.

Eu também sabia.

Meu pai se levantou da cadeira com violência.

Meu coração começou a bater dez vezes mais rápido.

— Você só pode estar de brincadeira comigo! — Ele gritou.

Eu olhei para o meu prato vazio porque eu não queria ver o que aconteceria em seguida.

Eu não queria ver o rosto dela.

Eu não queria sentir o medo dela, quase tão palpável quanto o meu.

O meu pai batia na minha mãe constantemente. Bastava apenas um pequeno deslize da parte dela que ele achava um motivo para espancá-la.

Ele começou a gritar cada vez mais alto. Em um movimento rápido e bruto, ele pegou o cabelo dela e a forçou a encarar o macarrão espalhado pelo chão.

— Olha o que você fez! — Ele exclamou.

Ela não disse nada, apenas se manteve em silêncio enquanto ele gritava. Ele a empurrou com força contra o chão, em direção à sujeira.

Eu fechei os meus olhos com força.

Os cacos de vidro.

— Aqui não. Por favor, na frente dele não. — Ela pediu quase em um sussurro.

Eu encarei os olhos dela. Eram puro medo.

Ela estava morrendo de medo e ainda se importava mais comigo assistindo aquilo do que em apanhar. Ela estava tão indefesa no chão que eu senti as lágrimas escorrendo pela minha bochecha.

Ele a socou.

Um.

Ela não reagiu, só ficou lá parada, nem ao menos tentou se defender. E eu não conseguia entender o motivo. Ela costumava ser tão forte. Quando eu era bem pequeno ela costumava ser tão corajosa, ela tinha uma expressão diferente no olhar.

Mas agora, a única coisa que eu conseguia ver em seus olhos era medo e tristeza.

Dois.

— Sua inútil! Você não consegue fazer porra nenhuma.

Ela continuou em silêncio. Não chorou.

Três.

— Eu só peço para ter um jantar pronto quando eu chego do trabalho e nem isso você consegue fazer!

As lágrimas caíam silenciosamente pelo meu rosto. Eu conseguia sentir a dor dela em cada célula do meu corpo. Eu sentia em meu estômago cada soco que ele dava.

Quatro.

O quarto soco foi muito forte, fez com que ela batesse a cabeça contra o chão.

O barulho foi estarrecedor.

Eu me levantei.

Ele não ia parar. Eu precisava pará-lo. Eu o empurrei, com intenção de tirá-lo de perto dela.

Mas ele não parou, então eu o soquei diversas vezes. As lágrimas caíam dos meus olhos de forma frenética, minha visão estava embaçada e todo o meu corpo tremia de raiva e medo.

Ele finalmente parou de bater nela e se virou para mim.

Seu rosto era puro ódio.

— O que você pensa que está fazendo? — Ele gritou.

— Tire as mãos dela. — Eu consegui dizer.

Então senti seu punho em meu rosto.

Um.

Senti como se um caminhão tivesse me acertado.

Dois.

Escutei a minha mãe gritar.

Três.

Senti o sangue escorrer pelo meu rosto.

A minha mãe foi para cima dele, agarrando suas costas para tirá-lo de cima de mim.

— Para! Para! — Ela implorou diversas vezes.

Ele então se virou para ela e terminou o que tinha começado. E ela aceitou em silêncio, aliviada por ele ter finalmente me deixado em paz.

Aquela noite foi a primeira vez que meu pai bateu em mim, a primeira de muitas vezes.

Eu nunca contei isso para ninguém, Charlie. Escrever isso é muito mais fácil do que dizer em voz alta.

Eu tive a merda de uma infância.

A merda de um pai.

E no final das contas, a merda de uma mãe.

Porque ela não o deixou nessa noite, Charlie. Ela viu ele me bater e ainda assim escolheu ficar. Eu estava pronto para ir para onde ela quisesse, fugir para onde ela estivesse decidida a ir.

Mas ela ficou.

E isso acabou com a minha vida.

Nos olhos da minha mãe eu só conseguia ver medo.

A décima oitava razão pela qual eu te amo é:

Nos seus olhos eu via força, obstinação e tudo o que eu sempre desejei que os da minha mãe tivessem.

Capítulo 19

“ Os monstros são reais, e os fantasmas são reais também. Eles vivem dentro de nós, e às vezes, eles ganham.” -Stephen King

Na pizzeria você havia prometido que iria a uma festa comigo e então fomos, e essa foi a primeira vez que você viu o meu lado feio, o lado que eu tentei de tudo para manter bem longe de você.

Mas a verdade, Charlie, é que todos temos um lado que não queremos que os outros vejam, mas não conseguimos escondê-lo por muito tempo, porque eventualmente a verdade aparece e nos atinge como a porra de um trem em alta velocidade.

Eu te levei para a festa, eu estava animado. E você também estava, por mais que estivesse um pouco receosa.

Você nunca gostou muito de festas. Dava para ver pela maneira que você analisava o lugar lotado de pessoas e a pequena careta que você fazia toda vez que alguém gritava muito alto ou alguma daquelas músicas que só ficava na mesma batida por cinco minutos tocava.

Mas você foi a várias comigo, não porque você gostava, mas porque *eu* gostava.

Eu adorava as coisas que você mais odiava em relação às festas.

As conversas fiadas, as músicas muito altas, as pessoas bêbadas.

Eu gostava porque era fácil para mim, Charlie.

Enquanto você odiava uma conversa fiada, eu adorava porque era muito mais fácil falar sobre nada em especial do que sobre algo realmente sério e profundo. A música alta era uma ótima maneira das pessoas se conectarem apenas com o corpo e não com a mente. E a bagunça do lugar fazia a bagunça dentro de mim parecer menor.

Você não gostava, Charlie.

Eu *precisava*.

Eu precisava da impessoalidade dessas festas, das pessoas superficiais e, bem... da bebida.

Acho que no final das contas você até se divertiu em algumas das festas que foi comigo, mas não essa em particular.

A noite começou bem, eu te apresentei para vários colegas, e não porque eu queria te exibir, mas porque eu estava orgulhoso para cacete de mim mesmo de ter uma garota como você ao meu lado.

E queria mostrar isso para todo mundo.

Tá, talvez eu quisesse me exibir um pouco.

Você foi a primeira garota que eu quis sair apresentando para todo mundo.

Eu lembro de que em certo momento eu precisei ir ao banheiro, então eu te deixei na companhia de Isaac.

Eu fui em direção ao banheiro e uma garota me parou enquanto tentava chegar lá. Ela estava dando em cima de mim de uma maneira tão óbvia que se eu quisesse transar com ela naquele maldito banheiro, eu poderia. E eu me lembro disso pelo fato de que eu nem cogitei essa possibilidade. E em qualquer outra noite, seria exatamente o que eu faria.

Mas não naquela.

Não agora que eu estava com você.

Naquele momento aquela garota não passava de um inoportuno que eu estava louco para me livrar.

E eu achei que aquilo não fosse possível, Charlie. Não achei que uma pessoa podia hipnotizar tanto a outra a ponto de nenhuma outra pessoa ser interessante ou bonita o bastante. Porque ela não era feia, Charlie. Não era mesmo. Mas ela não era você. O que era um enorme problema para ela.

Eu não lembro exatamente quando a coisa começou a desmoronar.

Talvez no terceiro copo.

Talvez no quarto.

Eu honestamente não sei.

Mas eu lembro que em algum momento eu te deixei sozinha para pegar mais um copo de bebida. Foi uma decisão estúpida, mas eu não estava tão sóbrio e achei que seria tão rápido que nada aconteceria.

A noite é meio que um borrão na minha mente, mas eu me lembro do exato momento em que eu vi um homem segurando o seu braço.

Eu estava indo em sua direção.

Ele segurava o seu braço com força e te puxava contra ele. Exatamente como o meu pai fazia quando ele queria castigar a minha mãe.

Então ele abaixou o rosto em sua direção, você virou o rosto, mas ele insistiu. Exatamente como meu pai fazia quando a minha mãe resistia.

Eu perdi o controle.

Minha bebida caiu no chão e eu corri em sua direção.

Então eu o acertei e o joguei para longe de você. A adrenalina pulsava forte em minhas veias, a raiva consumia cada célula do meu corpo.

Lembro de tentarem separar a briga e, em certo momento, eles conseguiram.

— Kellan, para! Você não pode simplesmente bater nele dessa maneira. — Isaac disse me segurando pelo braço.

— Só estou cuidando do que é meu. — Eu disse sem tirar os olhos do homem loiro. Seus olhos eram pura raiva e confusão. Seu nariz sangrava, ele parecia uma merda. Ótimo.

— Porra, você perdeu a cabeça? — Ele exclamou em minha direção.

Eu sorri enquanto o olhava nos olhos.

— Completamente.

Porque eu havia realmente perdido, Charlie. Eu não sentia tamanha raiva há muito tempo.

— Eu não fiz nada para você, porra. A única coisa que eu fiz foi tocar nessa vadia e...

Foi então que tudo se transformou em um completo borrão. Eu o calei antes mesmo dele terminar a frase.

E eu não consegui parar, Charlie.

Eu lembro de Isaac e outros caras tentando me segurar, mas eu tinha perdido completamente a cabeça.

Eu estava bêbado, puto e as memórias do meu passado frescas em minha mente.

A satisfação que eu tinha a cada soco que eu dava naquele cara era muito grande para simplesmente parar. E no final eu já nem estava brigando apenas com o loiro, mas com uma confusão de braços e pernas. Muita gente entrou na briga e eu lembro de ter recebido muitos golpes e ter dado o dobro.

Só parei quando escutei Isaac gritar:

— Olha o que você fez! Olha o que você fez com a Charlie!

A voz dele era a única coisa que eu conseguia ouvir. Eu me virei e então você era a única coisa que eu conseguia ver.

Seus olhos estavam arregalados em choque e você parecia horrorizada. Você se virou antes que pudesse dizer qualquer coisa. Eu me levantei e estava indo em sua direção quando Isaac me segurou.

— Deixe-a ir.

E foi o que eu fiz.

Eu não queria, mas fiz. Porque eu sabia que não havia condições de falar com você naquele momento. Você me olhou com uma mistura de medo e nojo. E eu sabia que se fosse até você naquele momento, você me afastaria o máximo que pudesse. E doeria muito se você resolvesse me afastar permanentemente, então eu resolvi esperar. Te dar espaço e colocar a cabeça no lugar.

Então foi isso que eu passei três horas tentando fazer. Meu plano era me controlar e te deixar em paz até o dia seguinte, mas foi um plano de merda porque eu falhei miseravelmente em executá-lo.

Porque ao invés disso eu me afoguei em uma garrafa de uísque e fui para o seu apartamento às cinco da manhã.

Eu bati na porta várias vezes até você finalmente atender.

Quando você abriu, eu não consegui deixar de sorrir.

— Charlie. — Eu disse seu nome lentamente, saboreando a palavra. — Charlie — repeti.

Você tinha os cabelos bagunçados e olheiras debaixo dos olhos. Ainda assim era a garota mais bonita que eu já tinha visto.

— São cinco da manhã, Kellan. Vai embora. — Você disse com a voz séria e cansada.

Você estava prestes a fechar a porta na minha cara, mas eu coloquei o pé na frente, te impedindo.

— Charlie, me desculpe. — Eu disse e eu não podia estar sendo mais sincero.

Eu não estava me desculpando por bater no cara, longe disso, eu estava me desculpando por ter te assustado daquela maneira e ter perdido completamente a cabeça na sua frente.

Você me colocou na sua cama e tirou a garrafa de uísque que eu tinha nas mãos. Então pegou vários curativos e se ajoelhou na minha frente. Você ficou muito próxima de mim, seus lábios estavam a poucos centímetros dos meus e eu estava louco para acabar com a distância entre eles. Eu queria te beijar, Charlie, te beijar até conseguir te mostrar o quanto eu sentia muito.

Eu encarei seu rosto por vários segundos em silêncio, até perceber um roxo em sua bochecha, perto do seu olho esquerdo. Meu coração bateu mais rápido e meu corpo de repente ficou gelado.

— Deus, fui eu que fiz isso? — Eu perguntei, temendo a resposta.

Eu passei a mão no pequeno roxo. Era um pequeno erro em seu rosto perfeito. Não era para estar ali.

Você não respondeu, mas não precisava.

— Eu sinto tanto, anjo. Eu não queria... Eu nunca...

— Eu estou bem. — Você disse, me interrompendo.

Mas *eu* não estava.

— Me desculpe — repeti lentamente.

— Você já disse isso. — Você rebateu.

— Eu sei, é que eu realmente sinto muito.

E eu precisava que você soubesse, Charlie. Eu precisava que você soubesse que eu nunca faria isso, que eu nunca me transformaria nele.

Eu lembro de pedir desculpas umas cinquenta vezes para você naquela noite. Mas não havia palavras no nosso idioma que realmente te mostrassem o quanto eu sentia.

Eu dormi com você nos meus braços. Você me desculpou e eu nunca vou ter palavras o suficiente para te agradecer por isso.

Pela segunda chance.

Eu lembro que na manhã seguinte eu te beijei e você permitiu que eu fizesse isso. E então o mundo estava bom novamente.

Mas eu também lembro que logo que eu me levantei da cama e fui te dar outro beijo, você me deu um tapa tão forte que a minha cabeça girou noventa graus.

Eu te encarei com as sobrancelhas erguidas.

— O que foi isso? — Eu perguntei, confuso com o tapa repentino.

— Você estava muito bêbado ontem para eu fazer isso e eu quero que você se lembre do que vou falar. — Você disse, me encarando fixamente.

Então você se aproximou de mim e eu senti seus lábios a milímetros dos meus.

— Nunca mais se refira a mim como se eu fosse sua propriedade. Nunca mais diga que eu sou sua. Porque eu não sou. Não sou de ninguém.

Seus olhos brilhavam em determinação e você não estava brincando, anjo. Eu sorri enquanto encarava seu rosto bonito e cheio de obstinação.

— Eu admito que mereci, mas você está errada. — Eu coloquei meus braços ao redor da sua cintura e te puxei para perto. — Você é minha. E eu sou seu.

Então eu a beijei. Porque você era minha e eu era *completamente* seu.

E você ficou, Charlie.

Você não me deixou, como deveria ter feito.

E essa é a décima nona razão pela qual eu te amo:

Você ficou, Charlie. Você ficou, mesmo sabendo que era melhor para você simplesmente ir embora.

Você ficou e eu te agradeço por isso, mesmo que tenha sido por pouco tempo.

Capítulo 20

“ Eu quero fazer com você o que a primavera faz com as cerejeiras.” -Pablo Neruda

Você me encarava de longe e um pequeno sorriso sutil brincava em seus lábios. Você sorria para mim. E só esse fato me fazia o homem mais sortudo do mundo.

Eu tinha acabado de fazer os últimos e decisivos pontos para que o meu time ganhasse. As pessoas explodiram em gritos e aplausos no segundo em que eu joguei a bola no chão, vitorioso.

As garotas ao seu lado gritavam de forma descontrolada, mas você apenas me encarava com aquele sorriso orgulhoso nos lábios. E eu não conseguia tirar os olhos de você, nem mesmo quando meus colegas de time me parabenizaram com tapas nas costas e socos amigáveis no ombro.

Eu lembro dessa noite com muita clareza.

E não porque eu ganhei aquele jogo. Longe disso. Eu me lembro daquela noite por causa de algo muito maior, Charlie.

— Você já está indo, Dawson? — perguntou Blake enquanto eu saía da fraternidade com a sua mão na minha.

O pessoal do meu time havia dado uma festa de comemoração pela nossa vitória. Um dos nossos atacantes fazia parte da fraternidade há mais de dois anos.

— Já, cara. Tá tarde e eu não estou em clima para festa hoje.

Ele me encarou confuso.

— Você tá brincando? É meia-noite e meia, cara, eu nunca te vi sair tão cedo assim.

— É, pois é, o jogo foi realmente puxado hoje. — Eu menti e fui embora.

O jogo não foi puxado.

Eu não estava cansado.

E não estava tarde.

Eu só não via a hora de ficar com você, Charlie.

Só com você.

Eu não consegui tirar os olhos de você a noite toda e nem você de mim e honestamente eu não via a hora de poder beijar seus lábios, morder a sua pele e fazer todas as coisas que pareciam nunca sair da minha cabeça.

Você estava usando a camisa que eu tinha te dado, com o número 12 escrito nela, o meu número. E tinha o meu velho boné de baseball azul na cabeça.

Sexy para cacete.

Eu te levei para o meu apartamento naquela noite. Eu não tinha um colega de quarto, diferentemente de você.

— Como você consegue pagar um lugar desse? O que você faz para ganhar dinheiro? — Você perguntou enquanto olhava ao redor do meu apartamento, com interesse.

Era simples, mas era um bom lugar para se morar. O espaço não era ruim e a localização também era privilegiada.

— Eu jogo. Ganho o suficiente para manter esse lugar. — Eu disse dando de ombros

enquanto te olhava observar o lugar atentamente.

Não era realmente verdade. Mas também não era mentira.

Eu realmente ganhava um bom dinheiro com os jogos, mas eu também tinha uma pequena herança. Mas esse era um assunto do qual eu não queria falar naquele momento.

— E você? Como se mantém? Você não trabalha. — Eu disse, tentando mudar o foco para você.

— Pais ricos. — Você disse dando de ombros enquanto analisava a minha cozinha.

— Então você é rica? — Eu perguntei, erguendo as sobrancelhas.

Na verdade, eu já imaginava que você tinha dinheiro. Você tinha aquele ar natural que os ricos têm. Um ar mais seguro, como se não houvesse nada com o que se preocupar. Não que você fosse super segura ou metida, mas dava para ver que o financeiro não era algo com que você se aborrecia. E não se preocupar com o financeiro já era um grande peso a menos nas costas para universitários que muitas vezes tinham que trabalhar dois turnos para pagar a faculdade. Além do mais, você não era nem um pouco materialista, você não ligava para nada desse tipo porque já tinha tudo.

— Sim. — Você murmurou distraída enquanto tocava no único porta-retrato que havia na minha casa.

Eu sorri.

Eu sorri porque eu adorei o modo desinteressado com o qual você me respondeu. Você assumiu que era rica sem vergonha nos olhos, mas também sem nenhum orgulho. Você disse aquilo como se dissesse que havia comido ovos com torrada no café da manhã.

Quando eu achava que você não podia ser mais perfeita, você me surpreendia.

— São seus pais? — Você perguntou sem tirar os olhos do retrato.

— Não. — Eu disse, sem tirar os olhos de você.

— Quem são, então? — Você perguntou. — E quem é esse garotinho que está do seu lado?

Eu fui em sua direção e lentamente tirei o retrato da sua mão. Eu toquei o seu queixo com os dedos e levantei seu rosto em minha direção. Você me encarou fixamente, esperando.

Mas aquela era uma pergunta que eu não queria responder, não naquela noite, pelo menos. Porque eu não queria estragar aquele momento com alguma lembrança feia do meu passado.

O meu passado foi horrível.

Você era linda e era o meu presente.

E era só o que eu queria ter naquele momento.

Então eu te beijei. Uma das minhas mãos foi para o seu cabelo e a outra desceu pelas suas costas. Você esqueceu o retrato e retribuiu o beijo com a mesma intensidade, colocando uma mão na minha nuca e a outra no meu peito.

O beijo rapidamente se transformou em nós dois tentando arrancar as roupas um do outro.

Eu precisava de mais de você, Charlie.

Eu precisava de tudo.

E eu queria te dar tudo de mim.

Você parou o beijo depois que tentei puxar sua blusa para fora do seu corpo.

— O que foi? — Eu perguntei.

Você olhou para o próprio corpo. Deu de ombros e sorriu sem graça.

— Eu não estava esperando por isso hoje à noite, não estou com a lingerie mais bonita...

Eu ri.

— Anjo, lingerie bonita é para garota que está tentando impressionar o cara, e esse cara aqui já está de quatro por você. — Eu disse enquanto passava os dedos provocativamente pela bainha da sua blusa, lentamente a levantando. — Além do mais, essas peças não vão ficar no seu corpo por muito tempo.

Você corou e eu não consegui evitar de sorrir, eu *adorava* te fazer corar.

Eu te peguei no colo e você entrelaçou as suas pernas ao redor da minha cintura enquanto eu te levava para a cama.

Eu te coloquei na cama e tirei as suas calças, revelando uma calcinha branca.

Eu te encarei em silêncio por alguns segundos.

Porra.

Era uma puta de uma vergonha você falar em lingerie sexy quando você tinha um corpo que não precisava de absolutamente nada para ser perfeito. Seu corpo era curvilíneo, com perfeitos seios e uma bunda incrível. Sua pele branca fazia grande contraste com seu longo cabelo escuro que se esparramava sobre meu travesseiro.

Eu tirei a minha calça e trilhei um caminho de beijos por todo o seu corpo.

Eu sabia que aquilo tudo era muito novo para você e queria te mostrar tudo que eu podia te fazer sentir. Eu queria te mostrar tudo o que os nossos corpos podiam fazer juntos.

Seus gemidos eram a minha música.

Seus batimentos eram o meu tempo.

Sua respiração era a minha motivação.

Eu tinha que me controlar e lembrar que você ainda não tinha feito nada daquilo, mas era realmente difícil após finalmente ter você depois de todo aquele tempo.

Eu tirei as minhas roupas e me deitei sobre você. Eu fiz questão de ter certeza de que você estava pronta para me receber.

— Você está bem? — Eu perguntei em seu ouvido quando me coloquei dentro de você.

Você assentiu e eu encarei seus grandes olhos verdes.

E eu soube, Charlie.

Você era tudo. O universo, a vida, a morte, a dor.

Você era o fim.

O meu fim.

— Eu preciso ouvir você dizer o meu nome. — Eu sussurrei com meu nariz afundado em seus cabelos escuros. Seu cheiro me invadindo.

— Kellan. — Você disse em um sussurro quase inaudível.

Eu sempre amei o som do meu nome saindo da sua boca. E foi assim a noite toda, meu nome em seus lábios e o seu nos meus.

Eu já havia dormido com muitas garotas, Charlie. Eu já tinha feito sexo diversas vezes antes. Mas até aquele dia, eu nunca tinha feito amor.

E essa é a vigésima razão pela qual eu te amo:

Você foi a primeira garota com quem eu fiz amor.

E ninguém nunca vai tirar isso de você. Porque nunca vai haver outra, Charlie. O mundo pode acabar e ainda assim você foi a primeira e também a última.

Você adormeceu ao meu lado enquanto meu lençol cobria seu corpo nu. Você dormia de barriga para baixo e seus cabelos cobriam parte do seu rosto.

Eu me aproximei e sussurrei:

— Se eu pudesse amar alguém, eu amaria você.

Capítulo 21

“ O silêncio dela era o barulho mais alto.” -desconhecido

Eu tenho pesadelos. Hoje em dia eles giram em torno de você, mas antigamente eles eram sempre relacionados à minha família.

Eu lembro de uma determinada noite em que eu acordei suando frio. Meu corpo estava quente e o lençol praticamente molhado quando me levantei da cama. Eu havia tido um pesadelo relacionado à pior e ao mesmo tempo à melhor noite da minha infância.

As lembranças me bateram forte quando fui para o banheiro lavar meu rosto. Meu pai batendo na minha mãe por ela chegar um pouco mais tarde do que o normal em casa.

— O que você anda fazendo, sua puta? — Ele a socou, fazendo com que ela caísse no chão e gemesse de dor.

— Com quem você estava?

Ela tentou responder, mas antes que as palavras saíssem de sua boca, ele a chutou no estômago.

— Me responde, porra!

Ele a chutou repetidamente e ela apenas ficou ali, encolhida e em silêncio, tentando amenizar os golpes. Eu estava vendo tudo da porta do meu quarto. Ele nem se importava com o fato de eu estar bem ali, ele não dava a mínima para o que eu veria ele fazer.

Eu estava com catorze anos nessa época, e já havia apanhado dele diversas vezes, todas devido ao fato de tentar impedir que ele batesse na minha mãe. Ele nunca batia em mim se esse não fosse o motivo. Eu podia levar suspensão na escola, arranjar briga com alguém ou até mesmo passar a noite fora. Ele não ligava. Nunca ligou para nada relacionado à minha vida. Mas se eu interferisse com o que ele estava fazendo, ele me fazia pagar.

E nessa noite não foi diferente.

Eu fui para cima dele com o intuito de pará-lo. E ele me fez pagar.

Mas então, pela primeira vez, eu consegui revidar com um soco que o fez cair no chão.

E aproveitei que ele estava no chão e fui para cima dele. Um soco, depois outro e então mais um. Eu não conseguia parar, era como se meus punhos tivessem vida própria. O sangue dele jorrava pelo chão da cozinha e a minha mãe gritava ao meu lado, mas eu não conseguia escutar. A minha mão também sangrava devido ao impacto com o rosto dele, mas eu não sentia a dor. Eu não sentia nada além de raiva e alívio. A cada soco o meu peito parecia ficar mais leve e o peso em minhas costas mais suportável. A dor dele era o meu prazer. Seu rosto desfigurado e repleto de sangue era o quadro mais bonito que alguém poderia pintar.

Eu não conseguia parar.

Eu o fiz pagar.

Molhei meu rosto com água fria e te mandei mensagem. Eu precisava sair, eu precisava te ver.

Eram quatro da manhã, então é claro que você não foi muito gentil quando eu te mandei a mensagem. Mas no final das contas nós dois acabamos em uma festa na praia ali perto. O lugar estava bem cheio e tinha bebida por todo o lugar. Eu não bebi muito, na verdade

não passei de dois copos. Eu não queria arriscar fazer alguma merda e estragar tudo.

Nós sentamos perto da fogueira com vários amigos meus.

— Você saiu com ela de novo? — perguntou Lina enquanto acariciava a mão de James, que estava sentado ao seu lado.

— Aham, nos vimos ontem — respondeu Bailey.

— E você gosta dela?

— Claro. — Ele deu de ombros enquanto dava um gole na bebida.

— Você a ama? — Ela perguntou sorrindo.

Lina era uma romântica incurável. E ela vivia tentando convencer nosso grupo que namorar era melhor de que estar solteiro.

Ele começou a rir da pergunta dela, assim como a maioria de nós ao redor.

— Qual é o seu problema, Bailey? Qual é a dificuldade em amar? — Ela perguntou, levemente irritada e frustrada.

Ele sorriu em direção a ela e respondeu:

— Eu não tenho dificuldade nenhuma em amar. O problema para mim é amar uma só.

Ela revirou os olhos e você sorriu ao meu lado. Você tinha um copo nas mãos e observava a conversa mais do que falava.

— E vocês dois, pombinhos? Como estão? — perguntou Bailey, se virando para mim e para você. Ele tinha um sorriso bêbado no rosto enquanto falava. — Como é Kellan como namorado? Ele tem te tratado bem? Porque esse cara aí não vale nada, Charlie, acredite em mim. Se eu fosse seu namorado, eu te encheria de presentes e até te levaria para jantar de vez em quando, porque é assim que eu gosto de tratar uma garota quando ela é boa e merece.

Você o encarou com aquele olhar que era sua marca registrada. Sarcástico, condescendente e com um pequeno toque de tédio.

Eu estava prestes a mandar ele ir à merda quando você lançou um sorriso adorável na direção dele e disse:

— Por que isso tudo? Precisa compensar por não conseguir satisfazer um garoto na cama?

Todos em volta te encararam em silêncio por alguns segundos e então caíram na gargalhada. Bailey apenas te encarou por alguns segundos e então, quando o pessoal finalmente parou de rir, ele declarou:

— Gostei dela.

Você sorriu para ele e eu te encarei. Ainda estava um pouco escuro, mas as chamas da fogueira iluminavam seu rosto e faziam seus olhos brilharem. Eu sorri em sua direção.

Você era *a* garota, Charlie.

Eu sabia disso e acho que todos ali também.

— Eu vou ao banheiro. — Você avisou, se levantando.

Eu te observei andar em direção ao banheiro, até que você se perdeu na multidão. Me voltei para meus amigos e continuamos a conversar. Sean tinha acabado de me fazer uma pergunta quando uma loira se sentou no meu colo.

Eu a encarei com as sobrancelhas erguidas.

— Dawson, quanto tempo! — Ela exclamou, sorrindo maliciosamente.

Um sorriso que há alguns dias faria meu corpo ficar tenso de excitação, mas que agora parecia simplesmente patético.

— Senti saudades. Você não quer me levar para seu apartamento e relembrar dos bons tempos? — Ela disse e então mordeu o lábio inferior.

Eu não sabia o nome dela, mas eu me lembrava de já ter ficado com ela em algum momento.

— Na verdade, não. E sai de cima de mim porque eu tô namorando.

Ela riu, achando que eu estava brincando.

— Pelo amor de Deus, você namorando? Conta outra.

— Estou falando sério, agora sai antes que eu tenha que te tirar à força.

Ela acariciou meu peito.

— Ah, vamos lá. — Ela sussurrou.

Suspirei, estava começando a perder a paciência.

Coloquei as mãos em volta da cintura dela para tirá-la do meu colo, mas então meu olhar caiu sobre você, que estava me observando do outro lado da praia. Havia choque e mágoa estampados em seu rosto, enquanto seus olhos estavam fixados em minhas mãos na cintura da garota.

— Merda — sussurrei baixinho e a empurrei para fora do meu colo.

— Idiota. — Ouvi a garota xingar.

Fui em sua direção, mas você já tinha se virado e corria para longe.

Para longe de mim.

Meu coração batia a mil por hora e meu corpo todo parecia estar dormente.

Não.

Aquilo não podia estar acontecendo.

Havia muita gente e eu não conseguia chegar até você.

— Charlie! — gritei quando te vi entrar em um táxi.

Mas você não respondeu. Você nem mesmo olhou para trás.

Você simplesmente se foi sem me dar qualquer chance de me explicar.

E eu fiquei lá, olhando você partir com meu coração na mão.

Você sempre diz que eu causei a maior confusão na sua vida quando entrei nela. Mas, anjo, se eu causei confusão na sua vida, você causou caos completo na minha. Nunca uma garota fez eu sentir como você fez. Nunca uma garota fez com que eu me importasse. Mas então você apareceu e mudou tudo. A vida podia até ser pior antes de você, mas era mais fácil. Eu vivia a minha vida sem ligar para nada, sem me importar com as consequências das minhas ações ou com os sentimentos dos outros. Só que aí você chegou e destruiu tudo em que eu costumava acreditar. Tirou a facilidade e o conforto da minha vida e trouxe tumulto e desespero. E nunca mais nada foi o mesmo. Você diz que eu te tirei dos trilhos e baguncei a sua vida organizada. Mas foi você que causou a real desordem na minha vida e, diferente de você, eu nunca consegui organizar a minha novamente.

A vigésima primeira razão pela qual eu te amo é:

O seu caos era a cura para o meu caos.

Capítulo 22

“ O álcool tem gosto melhor do que seu amor.” -*desconhecido*

A verdade é uma só.

Mas naquele momento você parecia ter a sua e eu a minha.

A sua verdade é que eu havia te traído com uma garota qualquer enquanto você usava o banheiro da festa na praia.

A minha verdade é que eu estava desesperadamente tentando afastar aquela garota do meu colo quando você apareceu e nos viu.

E adivinha qual verdade era a real?

Pois é, *a minha*.

Mas você não acreditou nisso, não é, Charlie?

E sabe por quê?

Porque você sempre esperou o pior de mim, você nunca acreditou que talvez eu pudesse ser o cara certo. E até certo ponto eu não posso te culpar por isso, afinal de contas eu nunca fui o exemplo de pessoa. Mas eu estava tentando, Charlie. Pela primeira vez na minha vida eu estava realmente tentando.

Mas você pouco ligou, porque eu era o que eu era e o resto simplesmente não importava.

Eu fiz de tudo para te mostrar a verdade. Eu fiz de tudo para te provar que eu não era o caso perdido que você achava que eu era.

Eu te liguei, não uma vez, nem duas ou três. Te liguei dezenas de vezes, fui até a sua casa pelo menos umas cinco vezes em três dias. E então, finalmente, você resolveu me ligar. Mas não foi para deixar que eu me explicasse. Você ligou para terminar. Disse um bando de besteiras que eu sabia que no fundo você não acreditava realmente. Você pediu que eu te deixasse em paz e terminou as coisas entre a gente.

Bem, *você* terminou.

Eu mal tinha começado.

Mas eu te dei espaço de qualquer maneira. Te dei tempo para que você finalmente se acalmasse para podermos conversar.

Eu estava determinado a conseguir você de volta, eu *sabia* que te teria de volta. Te deixar terminar as coisas entre a gente nunca foi uma opção. Mas você precisava de um momento, então eu te dei um tempo, por mais que eu odiasse o tempo longe de você.

Acontece que aquele momento se prolongou por tempo demais.

Eu saí com garotas em público, com a esperança de te fazer ciúmes. Mas nada pareceu funcionar, porque semanas depois eu fui saber que você tinha voltado a sair com Elliot Dannes.

No dia que eu descobri sobre vocês dois, eu fiz a única coisa que podia fazer para aliviar tudo o que eu estava sentindo: fui até o bar mais próximo e pedi doses e mais doses na esperança de esquecer todo o problema que era você.

É, pois é, eu sei que isso pode te chocar, Charlie, mas você era meu problema tanto quanto eu era o seu.

E acho que foi naquela noite que eu enfim percebi isso. Porque estar com você era incrível, era o certo. Mas estar sem você era terrível, era assustador. E essa montanha-russa de emoções que você causou em minha vida quando entrou nela era muito difícil de suportar.

Então eu bebi até a dor se transformar em ciúmes e raiva.

Eu fui até a casa de Elliot Dannes naquela noite porque eu o queria bem longe de você e também queria mostrar para todos os outros caras o que aconteceria caso eles se aproximassem de você.

Eu bati na porta dele e ele atendeu poucos segundos depois. Ele não parecia surpreso quando me viu parado na frente da sua casa. Ele só parecia um pouco incomodado e apreensivo. Elliot estava aflito porque ele sabia do que eu era capaz de fazer.

Mas o que ele não sabia era o que eu era capaz de fazer por você.

Ele acabou descobrindo naquela noite.

— O que você quer, Dawson?

Eu sorri. Ele sabia muito bem o que eu queria.

— Eu quero te mostrar o que acontece com os caras que dão em cima da minha garota.

— Ela não é sua.

Meu sorriso cresceu.

— Não te ensinaram a não mexer com garotas indisponíveis? Principalmente aquelas com namorados como eu. — Eu disse, dando um passo em sua direção.

Ele recuou um passo, mas disse:

— Ela está muito melhor sem você. E no fundo você sabe disso.

As palavras sempre doem mais quando são verdadeiras.

— Se você realmente gosta dela, você deveria deixá-la.

Meu coração pulsava rápido e a adrenalina corria forte.

Eu estava pronto para uma briga, mas ele não. Elliot não queria brigar. Na verdade, ele só queria o melhor para você. E acho que foi isso o que me deixou mais fora de mim. Porque ele era muito melhor. Ele era o certo para você.

Mas você era a certa para mim, então eu não podia deixar ele te ter.

Eu lancei o primeiro soco, e depois o segundo. Ele tentou revidar, Elliot tentou se proteger. Mas eu continuei, eu continuei machucando um cara que apenas queria o melhor para você e não queria nem estar naquela briga, para começo de conversa.

Eu precisava de você e para isso ele tinha que ficar bem longe.

Então ali estava eu, bêbado e metendo a porrada em um cara inocente pelo simples fato dele estar atrapalhando o meu relacionamento com uma garota.

Era cruel. Era doente.

E eu sabia disso. Mas eu simplesmente não dava a mínima.

Eu nunca achei que me importaria dessa maneira com alguém. Nunca achei que uma garota despertaria aquilo em mim. Eu nunca quis uma namorada, nunca quis estar à mercê dos meus sentimentos por outra pessoa.

A vigésima segunda razão pela qual eu te amo é:

Você sempre foi tudo o que eu achei que eu não queria, mas que no final das contas acabei precisando desesperadamente.

Quando eu terminei com Elliot, eu fui embora e voltei para o bar. Pedi mais algumas doses enquanto tentava sentir alguma culpa pelo que eu tinha feito.

Mas não aconteceu.

Eu não senti a culpa. Apenas senti o álcool descendo pela minha garganta e levando todo o peso das emoções embora.

A bebida podia até ser a arma, Charlie, mas foi o seu amor que puxou o gatilho.

Capítulo 23

“ O amor poderia ser rotulado de veneno e nós ainda assim o beberíamos.” - Atticus

Eu sempre odiei a facilidade que você tinha de fugir e se afastar depois das nossas brigas. Você não discutia comigo, você não pedia nenhuma explicação ou nem mesmo um pedido de desculpas. Você apenas ia embora sem dizer uma palavra e se fechava completamente. Eu sempre odiei isso porque eu sempre fui o contrário. Eu perdia completamente a cabeça. Em todas as nossas brigas eu ficava maluco com a possibilidade de te perder. Meu mundo desmoronava e você ainda parecia ter tudo sob controle. Eu era explosivo, eu queria conversar, discutir e resolver aquilo o quanto antes. E eu queria que você fizesse o mesmo, Charlie. Eu queria que você gritasse e cuspsse tudo o que você estava realmente sentindo. Eu queria saber cada coisa que se passava em sua cabeça, cada pensamento obscuro, cada verdade cruel. *Tudo*. Mas você nunca foi esse tipo de pessoa. Você se fechava e guardava tudo para si. Eu sabia que para conseguir alguma coisa eu precisaria te puxar até o limite.

Então eu sabia que depois de meter a porrada em Elliot Danne, você eventualmente viria falar comigo.

E eu estava certo.

— Você se acha muito esperto, não é, idiota?

Meus amigos, que estavam sentados à mesa comigo, viraram as cabeças em sua direção, mas eu não precisava nem me dar ao trabalho porque eu conhecia a sua voz melhor do que ninguém, ainda mais quando o "idiota" vinha acompanhado. Além do mais, eu já estava esperando por isso.

Eu sorri.

— Ué, estamos nos falando agora, anjo? — perguntei com uma voz inocente, fingindo surpresa.

— Era esse o seu plano, então? Bater em meu amigo para afastar qualquer possível pretendente para que eu nunca siga em frente?

Eu admito que isso foi muito babaca da minha parte. Admito que assustar os caras para não se aproximarem de você era algo extremamente imaturo. Mas a imagem de você com outra pessoa me deixava maluco. E eu sabia que a notícia de que tínhamos brigado se espalharia mais rápido do que a porra da peste negra, então eu não podia deixar que idiotas pensassem que nós tínhamos terminado.

Porque nós não tínhamos.

Na minha cabeça, nós mal tínhamos começado.

Já na sua, realmente estávamos bem próximos do fim.

— Foi um ótimo plano. E parece estar funcionando perfeitamente. — Eu comentei enquanto observava seus olhos ficarem cada vez mais repletos de ódio.

Você me xingou, disse que eu não tinha nenhum direito de interferir na sua vida e me pediu para te deixar em paz.

— Acabou? — Eu perguntei depois de toda a besteira que você havia falado para mim.

A questão, Charlie, é que faria muito sentido você dizer todas aquelas coisas para mim se de fato eu tivesse te traído. Mas eu não tinha feito nada daquilo. Na verdade, pela primeira vez na vida eu estava tentando muito fazer tudo certo.

Você me encarou como se quisesse arrancar a minha cabeça fora. Quando você abriu a boca para continuar me culpando, eu te interrompi.

— Eu falo, você escuta. Depois você continua com a gritaria. Você nunca deixou eu explicar o que realmente aconteceu na praia. Enquanto você estava no banheiro, aquela garota se aproximou de mim. E eu preciso admitir que já dormi com ela, mas isso foi há muito tempo, muito antes de te conhecer. Ela já chegou dando em cima de mim e se sentando no meu colo. Ela flertou, mas eu neguei. Quando você encontrou a gente, eu estava colocando as mãos na cintura dela para tirá-la do meu colo. *Nada* aconteceu. Você pode perguntar a qualquer um que estava lá. Você não pode realmente acreditar que eu te trairia. Por que eu ia querer ficar com qualquer outra pessoa quando eu finalmente consegui você?

E cada palavra que saiu da minha boca foi da mais pura sinceridade, Charlie.

E você acreditou, eu consegui ver em seus olhos.

Mas mesmo assim, você ainda não parecia nem perto de me perdoar.

Nós ficamos vários segundos em silêncio, até que eu perguntei:

— Por que você continua em negação?

— Por que você não me deixa em paz? — Você devolveu.

Seus olhos começaram a ficar marejados e eu sabia que você estava lutando para não chorar.

— Porque eu não consigo e nem quero. Eu preciso de você. — Eu pedi, me aproximando. — Por favor, Charlie.

Você parecia tão triste, mesmo depois de saber a verdade de que eu nunca te traí. Eu te encarei, esperando uma resposta. Mas quando ela veio, foi como um soco no estômago.

— Não. — Você disse com a voz fria.

— Não?

— Não, Kellan. Você sabe que nunca daríamos certo. — Você falou sem me encarar.

Eu não podia acreditar no que você estava fazendo. Você estava desistindo de nós mesmo depois de saber que eu nunca te traí, mesmo depois de saber que eu estava tentando fazer o certo por nós dois.

Então eu fiquei com raiva, Charlie, muita raiva. Porque eu estava fazendo tudo para ficar com você e você estava fazendo tudo para fugir de mim.

Eu me aproximei e, com os olhos fixos nos seus, eu disse:

— Você sempre diz que eu sou o fodido que ferra com o nosso relacionamento, mas é você que dá dois passos para trás toda vez que nós damos um para frente. Você se fecha toda vez que eu finalmente consigo entrar. Você tem medo de mergulhar de cabeça no amor porque tem medo de se machucar. Eu vou te falar uma coisa, Charlie, eu posso ser um fodido, mas você é uma covarde.

As palavras te atingiram com força. Lágrimas começaram a escorrer dos seus olhos e eu consegui ver que havia te machucado tanto quanto você havia me machucado.

E então veio a raiva.

Você me encarou com ódio e disse:

— Droga, eu queria nunca ter te conhecido. Você está fodendo com tudo. Eu te odeio, você...

Eu não deixei que você terminasse a frase porque eu não podia deixar você acabar com a gente.

Aquele não era o fim, Charlie.

Não podia ser.

Então eu te beijei. Beijei toda a dor, toda a saudade e angústia daqueles últimos dias.

Acontece, Charlie, que nós não éramos certos juntos, mas também não éramos certos separados.

Você sempre gostou de estar certa. Sempre foi orgulhosa, a dona da verdade. E na maioria das vezes você estava realmente certa. Mas nem sempre. E aquela era uma dessas vezes.

E você vai odiar ouvir isso, anjo, mas meu real vício não era pelo cigarro ou mesmo pela bebida.

Meu maior vício era você.

Foi no minuto em que eu pus os meus olhos em você naquela cafeteria.

Eu gostava de fumar e também gostava muito de beber. Eu precisava fumar para acalmar a minha mente. Eu precisava beber para fugir da realidade. Mas eu precisava de você para me manter são.

Não para de doer até que você encontre alguma coisa que te faça esquecer. Um lugar, drogas, bebida, uma pessoa.

Eu encontrei você.

Você fez algo que a bebida nunca conseguiu fazer. Você acabou com a dor, enquanto ela só amenizava. Você levou todo os pensamentos feios embora.

E essa é a vigésima terceira razão pela qual eu te amo:

Você era meu vício.

Mas aí que está, você era mais uma droga. Uma droga forte, a única capaz de acabar com a dor.

Você me trouxe felicidade, e quando eu estava com você eu era melhor, mas você também trouxe desespero, e quando eu estava sem você, eu ficava pior do que jamais estive.

E aí vem a parte mais irônica e surpreendente da nossa história. Naquele momento, com você nos meus braços enquanto eu te beijava, eu pensei que você fosse a salvação. Pensei que fosse um maldito anjo me salvando de todo o passado, das cicatrizes e da dor.

Mas eu estava errado.

Você nunca foi o anjo. Porque você nunca foi capaz de me salvar. Ao invés disso, você colocou a minha vida de cabeça para baixo e intensificou a dor infinitamente mais, quando foi embora.

Mas eu não desisti de nós. Eu fiquei e lutei, lutei por nós dois. Porque eu acho que sempre tive tendência de gostar de tudo que me destrói. A bebida, o cigarro, você.

Eu sempre fui errado para você, mas no final das contas, você também nunca foi certa para mim.

E então, de repente, o jogo virou.

Capítulo 24

*“ Apaixonar-se é como dar a alguém uma arma carregada apontada para o seu coração e confiar nela para não puxar o gatilho.” - **desconhecido***

Eu não sei exatamente quando foi que eu me apaixonei por você. Não foi de repente. Eu não olhei para você um certo dia e simplesmente comecei a te amar. Não foi assim. Eu simplesmente te amei, Charlie. Não sei como e nem quando. Talvez tenha sido no momento em que eu pus meus olhos em você naquela cafeteria. Ou talvez até antes. Talvez antes mesmo de te conhecer, porque no momento em que te vi as coisas mudaram, foi como o destino ou qualquer merda melosa assim. Foi como se eu tivesse passado toda a minha vida esperando por aquele momento.

Mas eu me lembro do dia em que finalmente me dei conta de que te amava.

— O que é isso? — Você perguntou quando me viu se aproximar da cama com um prato nas mãos.

— Café da manhã. — Eu respondi enquanto você passava as mãos nos olhos para despertar.

Eu dei uma garfada na panqueca com mel e te entreguei.

— Eu estou exausta. — Você murmurou depois de engolir o pedaço de panqueca.

Eu sorri, convencido. Você estava exausta porque nós fizemos de tudo durante a noite, menos dormir.

Você reparou no meu sorriso e então rolou os olhos. Você tentou não sorrir, mas falhou.

— Idiota.

Eu sorri ainda mais, me aproximei e sussurrei perto da sua boca:

— Um idiota que te fez implorar a noite toda.

Você corou lindamente e desviou o olhar, você odiava ficar vermelha.

— Ainda assim um idiota. — Você resmungou e colocou mais um pedaço de panqueca na boca.

— Está boa? — Eu perguntei, observando atentamente você lamber o mel de seus lábios.

Você assentiu enquanto mastigava. Você colocou o prato na mesinha de cabeceira quando terminou e voltou a se deitar. Me deitei ao seu lado enquanto te observava.

Você ficou alguns segundos em silêncio e então, de repente, comentou:

— Eu ainda não vi nenhuma fotografia da sua família no seu apartamento.

Você tinha o rosto sério e encarava o teto. A sua voz não era descontraída, era séria e um pouco triste. Acho que no fundo você sabia que havia algo errado, mesmo eu tentando esconder isso de você.

Eu sabia que aquela pergunta viria em algum momento, mas quando ela de fato veio, eu não me senti nem um pouco preparado. As pessoas não costumavam me fazer perguntas assim. Meus amigos não falavam desse tipo de coisa e muitos nem mesmo reparavam ou ligavam. As garotas com quem eu me relacionava não tinham nem oportunidade de fazer essa pergunta, porque o tempo em que eu passava com elas era curto demais para surgir esse

assunto em algum momento.

E mesmo quando as pessoas faziam, eu simplesmente mentia. Era mais fácil para elas e para mim. Ninguém queria realmente saber da merda toda que foi o meu passado e honestamente eu também não queria contar.

Já você, Charlie, era outro assunto. Você merecia uma resposta, mesmo que fosse curta e a versão simplificada de toda a história.

— Eu sou órfão desde os dezenove. — Eu disse enquanto te observava atentamente.

Você não olhou para mim. Ao invés disso você continuou com os olhos fixados no teto e em silêncio. Seu rosto ainda era sério, mas agora tinha tomado uma expressão mais perdida.

Você não gostava daquele tipo de assunto, eu sabia como aquele tipo de conversa te deixava desconfortável. Falar sobre sentimentos sempre te deixou um pouco sem direção.

E por mais que eu fosse um cara extrovertido e comunicativo, eu nunca fui bom em falar dos meus sentimentos mais profundos e muito menos do meu passado. Essa era uma das poucas coisas em que éramos tragicamente parecidos.

Um silêncio se estabeleceu entre a gente. Denso e doloroso. Eu não conseguia tirar os olhos de você. Eu queria guardar cada expressão do seu rosto, cada palavra que saísse de sua boca. Porque todas as vezes que eu falei para as pessoas sobre o meu passado, eu queria apenas encerrar logo o assunto e seguir em frente com a conversa. Eu sempre sabia que reação esperar das pessoas. Elas faziam uma cara triste, de pena e então diziam coisas como "sinto muito" ou "é tão triste saber que você passou por isso tão jovem". E eu odiava isso. Odiava as frases banais e acima de tudo, odiava a pena.

Mas você não era qualquer pessoa e pela primeira vez eu estava genuinamente interessado em saber o que você diria em seguida.

Então eu esperei.

Você engoliu em seco e por um segundo eu achei que você fosse chorar. Mas você não o fez. Em vez disso, você olhou para mim e perguntou com a voz descontraída:

— Será que você pode me ensinar a fazer aquela panqueca? Estava incrível e eu ainda estou com um pouco de fome.

Você se levantou e seguiu para a cozinha antes mesmo de uma reposta.

E naquele momento eu percebi que, se você me perguntasse qualquer coisa, eu te contaria. Eu *queria* te contar. Pela primeira vez na minha vida, eu queria contar para alguém. Aquilo nunca tinha acontecido antes.

E foi então que eu entendi. Aquilo não era qualquer paixão, eu realmente te amava.

Mas você nunca perguntou, Charlie.

Você mudou de assunto porque era muito difícil para você falar sobre aquilo. Você não quis saber mais, porque você simplesmente não se importava o suficiente. Você tinha medo de falar dos sentimentos porque aquilo te assustava. A intimidade te assustava, a ideia de se conectar com alguém daquela maneira simplesmente te apavorava. E eu preciso admitir que antigamente também me assustava, mas isso foi antes de te conhecer. Antes de querer a intimidade, querer o sentimento e a conexão.

E a vigésima quarta razão pela qual eu te amo é:

Você foi a única pessoa que eu quis que realmente conhecesse todas as partes de

mim.

Acontece, Charlie, que no final das contas você não queria conhecer todas as minhas partes.

Eu queria saber cada detalhe de você. Queria explorar cada peça do seu quebra-cabeça, já você não queria realmente ver o mais profundo de mim. Porque aquilo tornava tudo muito real. E no fundo você nunca quis que aquilo fosse real. Você não queria ver as partes feias. Enquanto eu amei cada detalhe sobre você, até as partes que nem você amava em si mesma.

Você disse que se apaixonar por mim foi como cair de um abismo infinito. Bem, me apaixonar por você, Charlie, foi como voar. Foi uma sensação arrebatadora e indescritível. E estar no céu era incrível, sentir o vento contra a minha pele era maravilhoso e pela primeira vez em muito tempo eu me sentia leve. Mas eu voei muito rápido, muito alto. E em algum momento eu estava quase tocando nas nuvens, mas então eu caí. Eu caí de amores por você, Charlie.

Caí duro e rápido.

E quando finalmente bati contra o solo, eu quebrei.

Capítulo 25

“ Eu tenho um cigarro em uma mão e a sua mão na outra, me pergunto qual chama vai queimar primeiro.” -desconhecido.

Enquanto eu esperava você descer para o primeiro andar, considerava seriamente a possibilidade de tirar aquele blazer e queimá-lo. Você estava se arrumando com a sua prima e a amiga dela no andar de cima, enquanto eu e mais dois caras esperávamos impacientemente por vocês na sala. Eles pareciam extremamente confortáveis em suas roupas formais e eu simplesmente não conseguia entender como. Eu estava com calor devido ao terno, odiava blusas com botões e o sapato que eu estava usando era simplesmente ridículo. Pelo menos eu não estava usando gravata, pensei enquanto olhava para as gravatas dos dois. Aquilo já era demais. Usar uma gravata passava dos limites. Aquela noite já ia contra todo o meu ser e usar um terno já era sacrifício o suficiente.

Logo que eu terminei de desabotoar os primeiros botões da minha camisa social para aliviar o calor, você desceu.

E quando meus olhos te encontraram, eu esqueci totalmente do calor, dos sapatos que me faziam parecer idiota e dos malditos botões.

Anjo, naquele momento eu me dei conta que eu não me importaria de usar cem malditas gravatas, bastava apenas você pedir.

Seus longos cabelos estavam presos em um coque meio desfeito, fazendo com que pequenas mechas cobrissem seu rosto em delicadas ondas. Seu vestido era totalmente preto e te apertava nos lugares certos. Cada curva estava exposta com perfeição.

Você me encarou e ficou ali parada por alguns segundos como se fosse uma maldita divindade. Eu nunca fui um cara muito religioso, nunca acreditei em nada. Mas eu nunca havia me sentido tão perto de uma religião quanto naquele momento.

Você começou a descer as escadas devagar, mas em nenhum momento tirou os olhos de mim. E mesmo se eu quisesse, não acho que era capaz de desviar o meu olhar do seu. Você passou os olhos pela minha roupa e sorriu. E eu não sabia se você estava sorrindo porque aprovava ou se achava que eu estava ridículo. E então, de repente, eu quis desesperadamente uma maldita gravata.

Eu queria estar digno para você.

Você chegou ao último degrau e eu fui até você. E quando eu peguei a sua mão, por um momento eu quis encerrar aquela noite e simplesmente te levar para casa. Porque qualquer homem que tivesse olhos e te visse naquele vestido teria a mesma reação e sensação que eu.

E aquilo era simplesmente demais.

— Tem certeza que ainda quer ir? — Eu perguntei perto do seu ouvido. — Podemos ir para minha casa e tirar esse vestido tão rápido quanto o colocou.

Honestamente, aquela ideia era muito melhor do que qualquer bendito baile.

Você me encarou e então sorriu.

— Você está maluco? Claro que não. Passei muito tempo me arrumando, além do mais eu quero aproveitar a visão de você nesse terno o máximo que eu puder.

Eu não consegui evitar de retribuir o sorriso, eu estava aprovado.

— Tudo bem, mas não vamos ficar muito tempo na festa. — Eu declarei, sério.

Eu estava disposto a fazer sacrifícios, mas ficar olhando você a noite toda daquele jeito sem poder fazer nada era simplesmente torturante.

Para a minha sorte, você não discutiu.

Quando chegamos lá, ficou claro para mim que eu não tinha nada a ver com aquilo. Todos estavam extremamente bem vestidos, eu era o único a não usar gravata. A música que tocava era lenta e praticamente só haviam casais espalhados pelo local. Mas você estava linda e nada mais importava. Porque nós poderíamos estar na porra de uma festa de criança que não faria a mínima diferença para mim. Se você pertencesse ao lugar eu também pertenceria, desde que estivesse ao seu lado.

— Como você tinha tanta certeza? — Você perguntou.

— O quê? — Eu perguntei um pouco distraído, ainda sem olhar para você.

Eu estava encarando um idiota que não havia parado de olhar para você desde o segundo em que entramos naquele lugar, e isso já tinha mais de vinte minutos. Eu sabia que você chamaria atenção, você era bonita, você atraía atenção mesmo sem um vestido caro e maquiagem, mas aquele cara estava começando a me dar nos nervos.

— Como você tinha tanta certeza que isso ia acontecer? — Você disse, só que desta vez mais alto.

Eu tirei os olhos do imbecil e finalmente te fitei.

— Isso o quê? — Eu perguntei.

— A gente.

Você tinha um copo de bebida na mão. Você bebia o uísque devagar e o cheiro do álcool me deixava um pouco desconcertado, mas eu não ousei tomar um gole naquela noite. Eu nunca consegui tomar um gole. Era assim que começava, com apenas um gole, e quando eu me dava conta, já havia sido uma garrafa inteira.

— Em todas as primeiras vezes que nos vimos, você parecia ter tanta certeza de que iria ter a mim. Você estava tão certo de que isso iria acontecer.

Eu te fitei por alguns segundos em silêncio. Você tinha a cabeça inclinada para a direita e parecia genuinamente curiosa.

— Eu te disse que sempre conseguia o que eu queria. — Eu disse e então abri um sorriso. — Você estava na palma da minha mão antes mesmo de saber disso.

Você rolou os olhos.

— Você é o cara mais...

— Eu sei. Idiota, cafajeste, egocêntrico. Já sei, anjo.

Você riu e eu amava o som da sua risada. Você era tão séria, tão focada, que era uma tentação distraí-la e fazê-la rir.

— Que bom que sabe. — Você comentou, sorrindo.

Eu te puxei mais para perto e passei meus braços ao redor da sua cintura.

— Na verdade eu só sabia que queria muito isso e que simplesmente não podia haver outro jeito.

— Não podia haver outro jeito de quê? — Você perguntou me fitando.

— Não podia haver outro jeito além de eu te ter. — Eu disse com sinceridade.

Você sorriu.

— Já você jurava de pés juntos que a gente nunca aconteceria. — Eu sorri e então te apertei ainda mais contra meu corpo.

— Na verdade eu já sabia. — Você comentou, dando de ombros.

Eu ergui levemente as sobrancelhas.

— Ah, é? Como?

Você sorriu maliciosamente.

Um sorriso que faria qualquer cara cair de joelhos.

Então você se aproximou e disse perto do meu ouvido:

— Bem, você estava na palma da minha mão antes mesmo de saber disso.

Você disse brincando, mas era a verdade. Eu realmente estava. Sempre estive.

— Vamos dançar. — Eu disse depois de te beijar.

Eu te arrastei para a pista mesmo depois de você alegar que não sabia dançar. Eu te tomei nos braços e você deixou.

E nós dançamos, Charlie. Dançamos como se fôssemos perfeitos um para o outro, como se fôssemos para sempre.

Dançamos como se tudo estivesse certo.

Quando na verdade nós dois sabíamos que não estava.

Mas pareceu certo, Charlie.

Vimos de mundos diferentes. De universos diferentes, até. Você era bem resolvida, inteligente, de família boa e com um futuro brilhante pela frente.

Eu parei de estudar depois do ensino médio, tomava todo o tipo de decisão errada, não tinha absolutamente nada na minha vida resolvido e não sabia nem o significado de família porque nunca tive uma.

Éramos completos opostos, mas naquele momento, com você nos meus braços, éramos iguais.

E naquele segundo, pela primeira vez, eu senti que realmente pertencíamos um ao outro.

Senti que você era minha tanto quanto eu era seu.

Mas eu estava errado.

Você alega que eu te tirava a razão e que a prendia. Mas a verdade é que você nunca precisou ou dependeu de mim para nada e isso sempre me deixou louco, porque eu comecei a precisar desesperadamente de você desde o primeiro momento em que te vi.

Você dizia que eu era indomável, mas na verdade a indomável nessa história era você.

E esse é o vigésimo quinto motivo pelo qual eu te amo:

Você era muito independente e completamente livre.

E apesar disso ser uma das coisas que eu mais amei em você, também foi uma das razões pela qual não demos certo. Porque ninguém nunca conseguiu te domar.

Nem mesmo eu.

E eu fui idiota por um dia ter pensado que te tive. Porque eu não era de ninguém, mas de repente me tornei seu.

E você... Bem, você, Charlie, nunca foi minha. Você nunca foi de ninguém.

Eu costumava conseguir as coisas que eu queria. Mas eu acho que no final das contas

eu nunca realmente consegui te ter, não é?

Capítulo 26

“ O amor é uma força indomável. Quando tentamos controlá-lo, ele nos destrói. Quando tentamos aprisioná-lo, ele nos escraviza. Quando tentamos entendê-lo, deixa nos sentindo perdidos e confusos.” - Paulo Coelho

Eu me lembro de tudo, Charlie.

Cada sorriso que você me lançou, cada beijo, cada briga.

Mas teve um dia em especial que me marcou para o resto da vida.

— Merda. — Eu xinguei, encarando o relógio.

— O que foi? — perguntou Isaac.

— Tô atrasado.

Eu me levantei do banco do bar.

— O quê? Você não pode ir, acabamos de começar a beber — disse Bailey, indignado.

— Eu marquei de sair com a Charlie. — Eu me expliquei e saí antes que alguém tivesse a chance de dizer alguma coisa.

Fui até a minha moto, estacionada ao lado do bar, e corri em direção à sua casa. Eu não estava planejando beber naquela noite. Eu fui até o bar apenas para encontrar o pessoal e conversar, mas então Bailey me estendeu uma cerveja e quando vi, já tinha bebido três copos. Eu não estava exatamente bêbado, mas definitivamente não estava cem por cento sóbrio.

— Anjo, desculpe o atraso... — Eu comecei a falar assim que você abriu a porta do seu apartamento.

— Você sabe há quanto tempo eu estou esperando por você? Você sempre faz isso, Kellan. Essa não é a primeira vez que você me deixa esperando assim. — Você exclamou com a voz séria, você não estava nada feliz.

— Eu sei...

— O que aconteceu? — Você indagou.

— Nada, eu só perdi a hora — respondi sinceramente.

Você ergueu as sobrancelhas e me encarou com ainda mais raiva. A resposta não te agradou nem um pouco.

— Você está mais de meia hora atrasado, a porra do filme já começou e você não tem nem uma boa desculpa para o seu atraso?

— Anjo, eu não queria atrasar. Eu não reparei na hora. Eu sinto muito, de verdade.

— Você sempre acha que um "sinto muito" conserta tudo. As coisas não funcionam assim, Kellan! — Você exclamou depois que eu entrei em seu apartamento.

— Eu sei, mas o que você quer que eu diga?!

Você me encarou por alguns segundos em silêncio, e então perguntou:

— Você andou bebendo?

Não respondi.

Seu olhar se transformou.

— Você ferrou com a nossa noite por que você estava bebendo? — Você perguntou.

— Eu não bebi muito. Eu nem estou bêbado, só tomei um pouco de cerveja.

— Mas que droga, Kellan. Você sempre faz isso! Você sempre ferra as coisas! Estava tudo muito bom para ser verdade.

— O que você quer que eu faça, Charlie? Eu sinto muito por não ser o namorado perfeito para você. E sinto muito por foder sempre as coisas. Mas é isso que eu faço, ok? Eu ferro com tudo. Eu estou longe de ser perfeito e você sabe disso, sempre soube. Eu nunca tentei te iludir dizendo ser qualquer outra coisa.

Eu não planejava atrasar, eu não queria atrasar. Mas você esperava muito de mim, Charlie. Você me conhecia, mas mesmo assim esperava o príncipe no cavalo branco. E todos nós sabemos que a última coisa que eu fui nessa história foi o herói.

— Então eu simplesmente devo aceitar o fato de que o seu problema com a bebida está fodendo com o nosso relacionamento? — Você perguntou, ainda exaltada.

Eu te encarei por vários segundos em silêncio, tentando digerir suas palavras.

— Eu não tenho problemas com bebida. — Eu neguei.

Porque eu realmente acreditava que não tinha, Charlie. A bebida podia até ser a fuga da realidade e ela podia realmente me deixar um pouco agressivo às vezes, mas até aquele momento eu nunca encarei aquilo como um real problema. Eu evitava beber na sua frente porque eu sabia que você não gostava e eu não queria arriscar ficar um pouco fora de mim na sua presença. Além do mais, quando eu estava com você eu não precisava do álcool.

Mas a minha vida não rodava em torno daquilo. Pelo menos eu costumava pensar que não.

Eu gostava muito de beber. Mas eu achava que era como a maioria dos jovens da minha idade.

— Você está falando sério? Você realmente não percebe que é a porra de um alcoólatra? — Você vociferou.

As palavras que saíram da sua boca me atingiram como um tapa.

Duro e forte.

Aquela frase foi a pior coisa que você já falou para mim.

O meu pai era um alcoólatra. Não eu. Eu não podia ser.

Eu levantei o braço para passar as mãos no cabelo devido à frustração. Mas no segundo em que eu movi a minha mão, você recuou.

Você recuou de forma bruta. Como se tentasse se proteger.

Se proteger de *mim*.

E então eu vi, Charlie.

Eu a vi em seus olhos. Eu vi a minha mãe bem na minha frente. O medo, a insegurança, o temor.

Estava tudo ali.

Eu conhecia aquele olhar melhor do que ninguém. Eu passei toda a minha infância presenciando ele em minha mãe. E o modo como você recuou foi o mesmo modo como ela sempre recuava quando o meu pai levantava o braço ou elevava a voz.

Eu tive um déjà vu da pior parte da minha infância.

As suas palavras foram como um tapa, mas quando você recuou foi dez vezes pior do que um soco no estômago.

Eu me senti enjoado, Charlie. Eu senti aversão de mim mesmo.

— Por que você recuou? — Eu finalmente fui capaz de perguntar.

Você não respondeu.

— Por que você recuou, Charlie? — Eu perguntei de novo, só que dessa vez mais alto.

Seu silêncio estava me matando.

— Eu pensei que você fosse... eu pensei que...

— Que eu fosse te bater? — Eu cuspi as palavras com repulsa.

A ideia de você realmente ter achado que eu era capaz de fazer isso doeu de uma forma inexplicável.

Você parecia envergonhada quando respondeu.

— Foi reflexo. Eu não pensei que você fosse realmente me bater. — Você mentiu.

Eu me aproximei de você em passos lentos, com cautela.

— Eu não ia te bater. Essa é a última coisa que eu faria. Eu não quero que você pense que algum dia eu seja capaz de te machucar. Eu sei que eu te assustei naquele dia em que eu bati naquele homem, mas eu não sou sempre assim. Eu só fiz aquilo porque eu não consegui suportar a visão dele colocando as mãos em você. Eu seria capaz de matar alguém que fizesse mal a você ou a outra pessoa com quem eu me importo, mas nem em um milhão de anos eu encostaria um dedo em você. Eu sei que naquela noite eu sem querer te acertei, mas eu não te vi ali. Não foi proposital e você sabe disso.

Eu respirei fundo e aproximei meu rosto do seu.

— Eu nunca, nunca encostaria um dedo em você. Você está entendendo? *Nunca*.

Eu não era igual a ele, Charlie. Eu precisava que você soubesse disso.

Você assentiu lentamente com os olhos focados em mim.

— Isso não vai acontecer com você, Charlie. Ninguém vai fazer isso com você. Não eu. Nem ninguém. Você nunca vai deixar que façam isso com você. Ok? — Eu perguntei com a voz firme e quase desesperada.

Você assentiu novamente.

Seus olhos eram um misto de tristeza e confusão.

— Prometa para mim, Charlie.

Eu precisava ouvir.

Você me encarou por vários segundos. Seus grandes olhos castanhos esverdeados me fitando fixamente.

— Eu prometo. — Você disse baixinho.

E eu realmente espero que você não tenha se esquecido dessa promessa que você me fez, Charlie. Espero que você ainda esteja cumprindo ela. Eu não conseguiria viver comigo mesmo se soubesse que não está.

O vigésimo sexto motivo pelo qual eu te amo é:

Você sempre foi boa em cumprir promessas.

Você cumpriu quase todas as promessas que me fez.

Quase todas.

Porque em algum momento do nosso relacionamento você prometeu ficar.

E bem, todos nós sabemos que essa foi uma promessa que você não foi capaz de cumprir.

Capítulo 27

“ Lágrimas são palavras que o coração não consegue dizer.” - desconhecido

Quinze minutos.

Quinze minutos podem mudar tudo, anjo.

Absolutamente *tudo*.

Eu não sei exatamente quando foi que começou a dar errado. Talvez tenha sido desde o começo. Tenho certeza que se eu te perguntasse, você diria que sempre foi errado. Mas eu realmente acredito que em algum momento foi certo, anjo.

Mas eu lembro do dia que realmente comprovou a você, a mim e a todos o quão errado nós éramos.

Fomos a uma festa de fraternidade qualquer para comemorar seu aniversário. Nós conversamos e dançamos, você conheceu vários dos meus colegas de time e amigos. Em algum momento, saímos da casa e fomos para o lado de fora. Era bem mais silencioso e havia muito menos gente.

— Quando você começou a fumar? — Eu perguntei quando você pegou o cigarro dos meus lábios e colocou nos seus.

Estávamos sentados no último degrau da escada, você no meu colo e as minhas mãos em sua cintura.

— Acho que aos dezessete.

— Por quê?

— Como assim? — Você me encarou com as sobrancelhas franzidas.

— Todos têm um motivo para começar a fumar. Influência dos outros, curiosidade, vontade de parecer legal, uma forma para se autodestruir... Por qual desses motivos você começou?

Você ficou quieta por alguns segundos, parecendo pensar.

— Acho que nenhuma dessas opções. Acho que na época eu fiz para afetar meus pais. Eu sou filha única, então sempre houve muita pressão. Eles sempre exigiram muito e eu sempre dei a eles o que eles queriam. Boas notas, bom comportamento, amigos que eles aprovavam. Então, em algum momento foi demais para mim e eu dei uma de rebelde sem causa. Foi bem estúpido, na verdade, mas deu certo. Meus pais surtaram, principalmente a minha mãe, ela é médica. — Você disse, sorrindo e dando de ombros. — Depois eu até quis parar, mas então eu já estava viciada. Bem idiota, na verdade, porque agora sou eu que pago o preço.

Eu sorri, você não parecia ser o tipo de garota que faria algo como aquilo. Eu não conseguia imaginar você perdendo o controle ou se rebelando contra seus pais. Você era muito racional para aquele tipo de coisa.

— E você, quando começou a fumar?

— Dezesseis — respondi.

— Qual foi a razão?

Eu te encarei em silêncio por alguns segundos.

Eu podia ser honesto e dizer a verdade. Podia dizer que comecei a fumar porque eu

não tinha mais nada a perder. Porque queria destruir o que havia sobrado de mim.

Mas não disse isso porque era muito difícil de explicar e porque eu sabia que era ainda mais difícil para você conseguir digerir.

— Curiosidade. — Eu disse dando de ombros.

Eu encarei a delicada pulseira de ouro que brilhava em seu pulso. Eu havia te dado de aniversário dois dias antes. E você havia realmente adorado, o que me deixou muito feliz. Eu não tinha muito dinheiro, Charlie. Eu tinha uma pequena herança e o dinheiro dos jogos. Mas não era muito e eu precisava pagar o aluguel e as contas. Mas eu queria te dar algo bom. Bom de verdade. E aquela era a única coisa que eu tinha que era bom o suficiente. Aquela pulseira era da minha mãe. Ela a usava desde que eu era pequeno, eu não consigo me lembrar de alguma vez tê-la visto sem a joia no pulso. Quando ela morreu, foi uma das poucas coisas que ela tinha para deixar para mim.

Eu comprei um belo pingente com a primeira letra do seu nome e o coloquei na pulseira, porque eu não queria apenas lembrar do passado toda vez que eu olhasse para aquela pulseira. Com aquele pingente, eu queria me lembrar de que aquilo representava o meu novo presente.

Você.

— Eu não posso chegar tão tarde em casa hoje. A minha colega de quarto perdeu a chave, então eu preciso estar lá quando ela chegar da casa do namorado para abrir a porta. — Você disse, checando a hora no seu celular.

— Por que você não mora comigo? — As palavras saíram da minha boca como se fossem a solução para tudo.

— Você está falando sério? — Você perguntou depois de alguns segundos, parecendo chocada.

— Estou. — Eu disse dando de ombros. — Seria bem prático, você economizaria bastante dinheiro. Além do mais, eu odeio quando você precisa sair da minha cama e ir para casa à noite para poder trocar de roupa ou coisa do tipo.

E eu estava falando sério. Eu não conseguia imaginar algo melhor do que morar com você. Acordar com você ao meu lado, tomar café da manhã, almoçar e jantar com você. E então deitar ao seu lado à noite e repetir no dia seguinte e em todos os outros depois disso.

— Você está louco? Não tem nem cinco meses que nós nos conhecemos. — Você argumentou, me encarando como se eu tivesse perdido a cabeça.

— E daí? — Eu perguntei dando de ombros.

— E daí que é loucura! — Você exclamou.

Para mim não era. Para você podia até ser loucura, mas para mim era a solução.

— Não acho. Me dê um motivo para não morarmos juntos. — Eu pedi.

— Eu posso te dar vários. Nós nos conhecemos tem pouquíssimo tempo. Meus pais surtariam se soubessem que eu iria me mudar com um cara três anos mais velho, que nem faz faculdade e que eu conheço há menos de cinco meses. Além do mais, quando terminarmos, imagina a confusão? Eu teria que tirar tudo do seu apartamento e então teria que achar outro lugar para morar, seria...

— Espera. O que você disse? — Eu perguntei, te interrompendo.

— O quê? — Você me encarou confusa.

— Você disse *quando* terminarmos.

— Não, eu disse *se* terminarmos. — Você respondeu franzindo as sobrancelhas.

Mas eu ouvi, Charlie. Eu ouvi alto e claro.

— Não disse não.

— Disse sim. — Você afirmou.

Eu te tirei do meu colo e me levantei. Respirei fundo, tentando conter a raiva que começava a crescer dentro de mim. Eu tinha certeza do que eu havia ouvido e você negar não mudava o fato de que você havia acabado de cuspir o que realmente pensava sobre o futuro do nosso relacionamento.

A sua voz era gloriosa, mas as suas palavras eram veneno, Charlie. Elas eram as únicas coisas que podiam acabar completamente comigo.

Nós ficamos nos encarando em silêncio por alguns segundos.

— O que isso quer dizer, Charlie? Você quer terminar ou algo do tipo? — Eu perguntei, tentando me manter calmo.

— Não, claro que não. Eu só acho que...

Eu ri amargamente porque era tão óbvio que chegava a doer.

— Você acha que não vai durar. Você não coloca nenhuma fé em nós dois, não é? Nunca colocou.

E eu esperei você negar. Esperei você dizer que eu estava errado e que você acreditava em nós tanto quanto eu.

Mas você nunca disse nada.

— Você nem ao menos consegue negar, não é?

Você parecia envergonhada e perdida.

— Eu sinto muito. — A sua voz era tão baixa que eu mal fui capaz de te ouvir.

E então eu realmente entendi. Eu estava jogando com tudo o que eu tinha, enquanto você não queria ao menos apostar uma de suas peças. Porque para mim aquilo era um para sempre, mas para você era talvez um amanhã.

— Não, Charlie, não sinta. Eu sempre soube com quem eu estava me metendo quando te conheci. Eu só quis acreditar que você não era covarde o suficiente para dar para trás. Acho que fui um idiota, não é mesmo? Fui um idiota em pensar que você queria isso tanto quanto eu.

Você apenas me encarou em silêncio como se quisesse negar, mas soubesse que tudo o que eu dizia era verdade.

— Então qual é a razão, Charlie? Qual é o motivo de ficarmos juntos se você nem acredita em nós dois? — questionei.

E o mais trágico é que você podia me dar trinta motivos para não ficarmos juntos.

E eu podia te dar trinta para ficarmos.

— O que você quer, Charlie? O que você quer de mim? O que você espera de nós dois? Me fala. Me fala, porra! — Eu perguntei, cada vez mais irritado com seu silêncio.

Mas você não disse absolutamente nada. Você simplesmente se manteve calada enquanto eu perdia a cabeça. E doeu, Charlie. Doeu finalmente perceber o quão pouco você se importava com o nosso relacionamento, porque para mim era a única coisa que realmente importava. Pela primeira vez em muito tempo eu senti medo. Medo de verdade. Medo de estar

completamente apaixonado por alguém que nem ao menos via um futuro comigo. Aquilo era tão novo para mim. O amor era totalmente novo para mim. E era completamente assustador. E feio, Charlie. Era feio para caramba. Porque havia trazido várias emoções que eu não sentia desde a minha infância. O medo, o pânico, o desespero. Aquelas emoções que eu achei que tinha deixado no passado, mas que você trouxe novamente para a minha vida.

Eu me virei e me distanciei de você. Eu nunca havia sentido tanta raiva de você. Raiva por você ser teimosa para cacete e ter medo de se jogar de cabeça na gente quando eu já tinha me jogado há muito tempo.

Eu entrei na casa e não percebi que estava procurando uma bebida, até encontrar um cooler cheio. Eu fui até ele rapidamente e tomei dois shots de vodka e depois peguei uma lata de cerveja. A familiar sensação do álcool descendo pela minha garganta me relaxou um pouco.

Eu estava indo pegar uma segunda lata quando a sua prima Megan parou ao meu lado.

— Por que você tá aqui sozinho? Cadê a Charlie? — Ela perguntou, franzindo as sobrancelhas.

— Não faço ideia. — Eu murmurei, tentando parecer menos irritado do que realmente estava.

— Você não quer conversar? Acho que nós nunca realmente nos falamos. E você namora a minha prima, acho que eu deveria saber mais sobre você, não acha? — Ela perguntou sorrindo enquanto indicava para o sofá na sala.

— Não, acho que eu vou pegar mais alguma coisa para beber...

— Não, só quinze minutos, vamos lá. — Ela disse me lançando um sorriso bêbado e então pegou a minha mão e me levou em direção ao sofá.

Mas a questão, Charlie, é que muita coisa pode acontecer em quinze minutos. Uma vida pode acabar em quinze minutos. Uma família destruída. Uma criança arruinada.

Eu estava na casa de um dos meus melhores amigos, Sean. Eu tinha dezesseis anos na época. Nós estávamos jogando videogame e comendo todo tipo de besteira. Eu estava me divertindo. Ele tinha uma família boa. Um pai que o amava e uma mãe que o priorizava acima de tudo. Eu adorava ficar lá, eles me tratavam como se eu fosse parte da família.

— Filho, estou pensando em fazer lasanha essa noite, tudo bem? — A senhora McClay perguntou, da cozinha.

— Tudo, mãe. — Ele respondeu com um dar de ombros.

— Você gosta de massa, Kellan? — Ela virou o rosto em minha direção.

Eu assenti meio sem graça e ela sorriu.

— Ótimo, então teremos lasanha essa noite. — Ela sorriu de volta.

Eu estranhei o fato dela nos perguntar o que queríamos comer porque lá em casa a minha mãe nunca havia feito isso, nós sempre comíamos o que meu pai estivesse com vontade de comer.

Escutamos a porta da casa se abrir e logo o pai de Sean estava na cozinha ao lado da esposa.

— Oi, anjo. — Ele disse, beijando-a na bochecha.

Ela sorriu de uma forma que eu nunca tinha visto a minha mãe sorrindo para o meu pai.

— Que nojo. — Sean resmungou. — Ele a chama assim desde que se conheceram, no ensino médio. — Ele disse e revirou os olhos.

Sean voltou a encarar a TV na qual jogávamos um videogame, mas eu não conseguia tirar os olhos da cozinha. Não conseguia tirar os olhos dos dois.

— Você quer ajuda? — O pai dele perguntou à esposa.

— Você pode limpar essa louça enquanto eu termino de fazer a lasanha?

— É claro. — Ele disse, assentindo e indo em direção à pia.

Eu não conseguia me lembrar de nenhuma vez em que meu pai ofereceu alguma ajuda à minha mãe.

— Cara, presta atenção. A gente vai perder — reclamou Sean, fazendo com que eu me virasse para a TV.

Eu o invejei.

Eu queria aquilo. Queria aquele tipo de amor na minha casa. Queria aquele tipo de respeito e felicidade.

Em algum momento da noite a minha mãe me ligou dizendo que eu tinha que voltar para casa para o jantar.

E você sabe o que eu respondi, Charlie?

Eu respondi "só mais quinze minutos".

Mas sabe o que pode acontecer em quinze minutos?

Muita coisa.

Eu continuei na casa de Sean jogando videogame e então, depois de quinze minutos, eu voltei para casa. Eu e Sean morávamos muito perto, a casa dele ficava a apenas duas quadras de distância da minha.

A primeira coisa que eu encontrei quando abri a porta foi o corpo dela no chão da cozinha. Tinha tanto sangue. Na cabeça dela, em sua roupa, no chão. Em todo o lugar. Eu corri em sua direção, tentei acordá-la, mas ela nunca mais abriu os olhos, Charlie. Meu pai estava sentado, bebendo uma cerveja no sofá como se nada estivesse errado, como se ele não tivesse acabado de me tirar a única pessoa que eu amava. Eu ainda consigo lembrar perfeitamente do estado do rosto dela quando a encontrei. Em quinze minutos o meu pai bateu tanto nela que acabou a matando. Em quinze minutos toda a minha vida desmoronou. Em quinze minutos eu perdi a chance de salvá-la porque eu estava ocupado demais tentando viver uma vida que não era minha e que nunca seria.

— Tudo bem. Só quinze minutos. — Eu murmurei para mim mesmo.

Nós nos sentamos e ela se inclinou levemente em minha direção. Ela não parava de sorrir e nem de falar, mas eu já não conseguia escutar. Eu não conseguia pensar em mais nada além de você e das suas palavras. Seu rosto era a única coisa que eu conseguia ver. A dor que você me causou era a única coisa que eu conseguia sentir.

Então eu a beijei, Charlie.

Eu a beijei porque eu estava com raiva. Eu a beijei porque eu só conseguia pensar em te machucar tanto quanto você havia me machucado. Eu a beijei porque eu simplesmente precisava arruinar tudo.

Eu precisava te arruinar.

Ela pareceu surpresa com o beijo repentino e se afastou. Ela me encarou com os

olhos levemente arregalados, mas então, em questão de segundos, seu rosto suavizou e ela sorriu para mim. Ela colocou os lábios nos meus mais uma vez e subiu no meu colo.

E eu a beijei com tudo o que eu tinha. Com todas as emoções turbilhando no meu corpo e toda a dor da mágoa pulsando forte dentro de mim.

Eu coloquei a mão no rosto dela, mas então, quando eu abri os olhos, eu te vi.

Você estava parada bem na minha frente. Você não se movia. Era como se você estivesse em choque. Seus olhos se fixaram nos meus e então eu vi, Charlie. Eu vi toda a dor que eu havia te causado e então, de repente, eu me odiava. Porque eu nunca tinha visto aquele olhar em você. Eu nunca tinha visto tanta mágoa em seus olhos.

Eu me odiei por ter feito isso com você. Ver você daquela maneira era mil vezes pior do que sofrer pelo seu amor.

O arrependimento bateu contra mim mais rápido e forte do que um caminhão em alta velocidade.

Você era uma pessoa muito melhor do que eu, anjo. Sempre foi. Porque você nunca quis me machucar. Você nunca me feriu de propósito.

E o vigésimo sétimo motivo pelo qual eu te amo é:

Você nunca quis me machucar, enquanto a única coisa que eu fiz foi te ferir.

Você se virou antes que eu pudesse ver as lágrimas caírem de seus olhos. Eu me levantei rapidamente e fui em sua direção.

— Charlie. — Eu gritei enquanto ia atrás de você.

Mas era tarde demais, você já estava muito longe.

E em quinze minutos, tudo mudou, de novo.

Capítulo 28

“Se você ama alguém, deixe-a ir, pois se ela retornar, ela sempre foi sua. Se não o fizer, nunca foi.” - Kahlil Gibran

A nossa relação disfuncional queimou mais rápido do que um cigarro.

E fui eu que acendi o isqueiro.

Eu errei, Charlie. Errei feio. E eu já tinha errado muitas vezes antes, mas naquela noite eu sabia que aquele havia sido o pior deles. Você não tem noção de quantas vezes eu quis poder voltar no tempo. Voltar naquela noite e mudar tudo.

Quando eu te vi entrando no táxi e se distanciando de mim, eu pensei por um segundo que aquele podia ser o fim, podia ser o último erro que você me deixaria cometer.

Mas eu não podia deixar isso acontecer, Charlie. Eu não podia simplesmente te deixar ir. Aquilo não podia terminar assim. Nós tínhamos que ficar juntos. Não havia outra maneira daquilo acabar, pelo menos para mim. Já para você, aquilo já tinha acabado há muito tempo, não é?

Eu te segui e fui para o seu apartamento naquela noite. Eu subi as escadas em disparada, mas quando eu parei em frente à sua porta, eu não consegui bater. Eu tinha a mão erguida e estava prestes a socar a maldita porta, mas então eu escutei. Eu ouvi seu choro do outro lado da porta. Era dolorosamente audível, eu conseguia escutar cada gemido de tristeza e agonia. Cada suspiro, Charlie, cada som que saía da sua boca refletia em todo o meu corpo como um milhão de facadas. E doeu, anjo, doeu como o inferno. Eu sentia a sua dor, eu sentia a frustração, a decepção e a tristeza.

Então eu apenas recolhi a minha mão, que estava parada a centímetros da porta, prestes a bater, e me sentei no chão do corredor. E eu fiquei lá escutando cada pequeno som que saía de seus lábios. Eu merecia aquilo. Eu merecia escutar cada gemido da sua dor. Eu merecia sofrer cada momento de tortura. E eu te devia aquilo, Charlie. Eu te devia espaço e tempo para que você chorasse e tentasse pôr as coisas no lugar. Eu te devia aquilo mesmo que a minha maior vontade fosse te abraçar e beijar cada lágrima embora.

Depois de quase duas horas, você finalmente adormeceu. Então eu voltei para casa e passei a noite toda acordado, lutando contra a vontade de abrir uma garrafa e beber até o próprio esquecimento.

Eu sentia que tudo dentro de mim estava queimando. Meu corpo estava tenso e nada parecia certo.

E não estava, absolutamente nada estava certo.

No dia seguinte eu fui até o seu apartamento. Eu não liguei, nem mandei mensagem, eu sabia que você iria me ignorar completamente. Além do mais, eu precisava te ver. Eu precisava olhar nos seus olhos e te mostrar o quanto eu sentia muito.

Estava escuro e havia acabado de começar a chover quando eu parei na frente do seu prédio. Eu estava prestes a entrar quando eu vi alguém se aproximando no final da rua. Eu me virei e lá estava você.

Como um maldito anjo.

Um anjo quebrado.

Você me encarava e parecia chocada e conturbada ao mesmo tempo. Eu corri em sua direção, com medo de que você pudesse desaparecer se eu piscasse.

Eu havia pensado em várias formas de me desculpar e de te dizer o quanto eu realmente estava arrependido, mas quando eu parei na sua frente, nada saiu. Com você ali a centímetros de mim, me encarando de forma intensa, era praticamente impossível falar. Eu conseguia ver a mágoa e a raiva em seu olhar. Eu conseguia ver as marcas de choro em seu rosto.

Eu estava morrendo de medo, Charlie. Morrendo de medo da possibilidade de você não me perdoar. E eu não conseguia pensar em nada bom o suficiente para me explicar. Eu não conseguia pensar em algo que fosse consertar aquilo.

Você era a única coisa que me assustava daquela maneira.

— Eu... sinto... eu sinto muito. — Eu consegui finalmente dizer.

Eu estava prestes a continuar, mas você me cortou antes que eu pudesse abrir a boca.

— Você pode enfiar as suas desculpas no rabo. — Você disse e continuou andando em direção ao seu apartamento como se eu não estivesse ali.

Eu fui atrás de você.

— Charlie, por favor, me deixe falar.

— Eu não quero ouvir, Kellan. Só me deixa em paz. — Você pediu.

Eu parei na sua frente, impedindo que você continuasse andando. Você me lançou um olhar tão afiado que era capaz de atravessar paredes.

— Eu não posso. Eu não consigo. Eu sei que eu fiz merda, eu estava com raiva. Eu queria te machucar e você não tem noção de como eu sinto muito por isso. Eu não estava pensando direito, eu estava com raiva e bêbado...

Os cantos dos seus lábios subiram e você riu de forma amarga.

— Por favor, não venha com essa desculpa. Não jogue a culpa na bebida quando você sabe que a culpa é toda sua.

E você não podia estar mais certa, Charlie. Por isso doeu tanto ouvir aquelas palavras saírem da sua boca.

— Eu sei, me desculpe por isso. Eu não vou mais beber. Eu nunca mais vou beber, eu só preciso de mais uma chance, Charlie. Por favor. — Eu implorei.

Eu estava quase de joelhos. Se você me pedisse, eu cairia de joelhos bem à sua frente e diria "eu sinto muito" quatrocentas vezes.

Você me encarou por vários segundos, a mágoa e a raiva ainda estampadas em seu olhar. Eu me aproximei em uma tentativa desesperada de te beijar, de te mostrar o quanto eu estava arrependido e o quanto eu te amava, mas você me empurrou para longe.

— Não! — Você exclamou irritada.

Meu coração se quebrou mais uma vez naquela noite. Doía demais não poder te beijar. E me matava a ideia de talvez nunca mais poder fazer isso.

— Não. — Você repetiu. — Eu estou realmente cansada, Kellan. Estou cansada de ser magoada por você. Eu não posso continuar fazendo isso. Só, por favor, deixe eu seguir em frente.

Você desviou de mim e começou a andar para longe.

Eu abaixei a cabeça enquanto as gotas de chuva cobriam o meu corpo.

E eu nunca me senti tão perdido, Charlie. Nunca me senti tão derrotado.

Eu fechei os olhos e disse as únicas três palavras que não saíam da minha cabeça.

— Eu te amo.

E eu precisava que você ficasse. Eu precisava que você soubesse o quanto aquilo estava me matando.

Não era uma declaração, era um pedido de socorro.

Você parou. Passaram-se alguns segundos, até que você se virou e me encarou como se eu fosse a pior coisa que já havia acontecido na sua vida.

E eu provavelmente fui.

— Como você pode? — Você perguntou com a voz escorrendo ódio. — Como você pode dizer que me ama depois de tudo o que me fez passar? Como você pode dizer isso depois de ter me machucado diversas vezes? Eu te odeio. Eu te odeio pelo que você me fez passar. Eu te odeio por ter me feito gostar de você. Eu te odeio por me fazer acreditar, nem que por um segundo, que eu podia confiar em você. Eu te odeio por bagunçar a porra da minha vida. Eu te odeio por ter me feito ficar quando eu deveria ter ido embora. E acima de tudo eu te odeio porque eu realmente não sei se um dia eu vou voltar a ser a mesma depois de tudo isso, depois de você. Eu te odeio.

As suas lágrimas se misturavam com as gotas de chuva e você nunca esteve tão linda, Charlie.

Você nunca esteve tão tragicamente linda.

Eu fiquei em silêncio, porque as suas palavras me derrubaram de uma forma que eu nunca vou ser capaz de descrever.

E naquele momento, eu me odiava também, anjo.

Você me encarou por alguns segundos em silêncio e, Charlie, eu nunca vou me esquecer daquele olhar. Porque eu vi dor, eu vi raiva, eu vi decepção em seus olhos, mas eu também vi determinação. E naquele instante, eu entendi. Eu entendi que enquanto eu ainda estava completamente perdido, você já tinha se encontrado, Charlie.

Você não estava perdida, você sabia o que queria.

E infelizmente não era eu.

— Se você realmente me ama, me deixe em paz. — Você disse finalmente.

E era o fim, Charlie, eu sabia disso e você também.

Eu te amava e sabia muito bem que aquilo seria o melhor para você. Você tinha tudo resolvido e uma vida maravilhosa pela frente e eu só estava te atrasando e te impedindo de viver da forma que você merecia.

E aquele provavelmente foi o momento mais altruísta da minha vida, anjo, porque a última coisa que eu queria era te deixar, mas eu sabia que você precisava ir.

— Eu realmente sinto muito. — Eu disse e nunca fui tão sincero em toda a minha vida.

Você me lançou um sorriso triste e disse suas últimas palavras a mim:

— Eu também.

Acontece, Charlie, que enquanto você odiava a pessoa que você se tornava quando estava comigo, eu amava a pessoa que eu era quando estava com você.

E esse é o vigésimo oitavo motivo pelo qual eu te amo:

Eu gostava mais da pessoa que eu era quando estava com você.

Porque você me mudou. Eu era melhor. Mas ainda não era o suficiente. Você teve meu amor, mas não era o bastante. Você queria mais. Então eu te dei meu coração, minha mente e minha alma e ainda assim não foi o suficiente. Porque, no final das contas, eu ainda era o cara cafajeste com o sorriso torto e que sempre estragava tudo. E você ainda era a garota perfeita, mas que fugia toda vez que as coisas ficavam sérias ou complicadas demais.

E no final, isso acabou com a gente, anjo.

Você foi embora sem nem olhar para trás, enquanto eu não consigo me lembrar da última vez que fui capaz de olhar para frente.

Capítulo 29

“A sua alma foi a chama com a que eu me atrevi a dançar.” -desconhecido

Você foi a pior coisa que aconteceu na minha vida, Charlie.

É, pois é. *A pior.*

Surpresa?

Na verdade, eu também estou, porque só agora eu consigo enxergar isso com clareza.

Porque quando estávamos juntos foi bom, Charlie, foi incrível, na verdade. Foi lindo, maravilhoso, magnífico. Nunca haverá palavras o suficiente para descrever como foi bom.

Mas então você me deixou e foi ruim, Charlie, horrível, na verdade. Foi péssimo, assustador, trágico. E nunca terei palavras o suficiente para descrever como foi ruim.

Eu afundei, anjo. Cheguei no fundo do poço, mas mesmo assim, de alguma forma, continuei afundando. Eu fiquei completamente perdido quando você se foi. Eu bebi como nunca havia feito antes. Tentei afogar as mágoas, mas nem isso parecia funcionar mais. Então eu continuei descendo, anjo, cada vez mais fundo, cada vez mais escuro.

Antigamente eu costumava pensar que você era salvação, você era paz e tudo de bom que havia no mundo. Hoje eu percebo que você era justamente o contrário. Você era perdição, tragédia e dor. Talvez se você tivesse ficado, poderia ter se tornado a salvação. Porque você tinha o poder de mudar as coisas, Charlie, você tinha o poder de me salvar.

Mas no final das contas você só quis salvar a si mesma.

E eu não te culpo por ter ido embora, Charlie.

Te culpo por ter planejado a sua fuga no segundo em que bateu seus olhos em mim naquela cafeteria.

Eu sei que a maior parte da culpa foi minha, eu sei disso, todo mundo sabe. Eu te traí, eu traí nós dois e tudo o que nós tínhamos construído com muita dificuldade. Noventa por cento da culpa está nas minhas costas e eu nunca vou negar isso, mas dez por cento estão nas suas. Porque eu acendi a chama que queimou a nossa relação, mas foi você que colocou a lenha e preparou tudo para a chegada do fogo.

E eu também sei que fui a pior coisa que aconteceu na sua vida.

Mas eu queria ser tudo.

Eu queria ser a solução dos seus problemas, eu queria ser a sua paz. Eu queria ser tudo o que você era para mim quando estávamos juntos. E a questão, Charlie, é que você não queria ser nada. Você não queria ser a solução dos meus problemas e nem a minha paz.

Você nunca pensou que aquilo podia terminar bem. E no fundo, você estava torcendo para que desse errado porque você não podia acreditar que eu pudesse ser o cara certo.

Eu precisava de você, Charlie.

Já você apenas me queria, mas nunca de fato precisou de mim.

Você me queria porque eu fui capaz de quebrar as barreiras que você ergueu em torno de si mesma. E eu te queria pelo simples fato de precisar de você. Queríamos a mesma coisa, um ao outro. Queríamos *nós*. Mas tínhamos razões diferentes para isso. Tínhamos o mesmo destino, mas motivos diferentes para chegar lá. Éramos como trens indo para a mesma

direção, mas em sentidos opostos. E quando nós finalmente batemos, fizemos o maior estrago.

Às vezes eu me pergunto o que eu podia ter feito para te provar que nós não precisávamos ser um erro, que podíamos um dia ser um acerto. Mas às vezes chego à conclusão de que nada mudaria a sua opinião sobre nós.

Você decidiu que seríamos um erro no segundo em que me viu naquela cafeteria, não é?

Eu arranquei meu coração do peito e te entreguei, enquanto você guardou o seu a sete chaves. E eu sabia disso, Charlie. Eu sabia que você estava lutando contra a gente. Eu sabia que você não queria aquilo tanto quanto eu. Mas eu não dei ouvidos à razão. Eu me joguei de cabeça em você.

Em nós.

Porque você era fogo, Charlie, e eu quis queimar.

Você não apareceu mais nas festas de fraternidade, parou de ficar andando pelo campus da faculdade e eventualmente pediu transferência para outra escola.

Você fez o que você faz de melhor, anjo. Você foi embora. Tão rápido quanto chegou.

Você simplesmente seguiu em frente e deixou todo o passado para trás. *Me* deixou para trás. E eu fiquei lá, tentando arrumar toda a bagunça que você fez dentro de mim. Ainda estou tentando, na verdade. Mas é difícil. É difícil para cacete. Porque, de nós dois, você sempre foi a melhor em fugir e esquecer.

Nós construímos algo, Charlie, eu e você. Construímos um castelo de cartas. E apesar de ser grande e belo, era frágil. E quando um vento forte bateu, ele caiu. Nosso castelo desmoronou. E enquanto o príncipe ficou tentando construí-lo novamente, a princesa fugiu.

Dizem que deixamos partes de nós mesmos em todas as pessoas que amamos. E eu não poderia concordar mais com isso.

Você tem mais partes de mim do que eu próprio. Eu pertenço mais a você do que a mim mesmo.

O vigésimo nono motivo pelo qual eu te amo é:

Você não é apenas a minha história de amor, Charlie. Você é a minha história.

Toda ela.

E eu estava pronto para lutar pela gente. Estava pronto para uma maldita guerra, mas você não. Você fugiu da batalha na primeira oportunidade que teve.

Eu posso ter sido o babaca da história, Charlie, mas foi você que correu.

Foi você que não ficou.

Capítulo 30

“Saber que alguém não vai voltar não quer dizer que você vai parar de esperar por ela.” -desconhecido

Eu sinto muito.

Eu sinto muito por ter te magoado. Eu sinto muito por ter te traído. Eu sinto muito por ter quebrado o seu coração.

E acima de tudo, eu sinto muito por não conseguir te dar nada, quando na verdade eu queria te dar o mundo inteiro.

Você me deu trinta motivos pelos quais você me odeia e eu quero que você saiba que eu sinto muito por cada um deles.

Nunca haverá palavras o suficiente para expressar o quanto eu sinto muito e nunca haverá papel e caneta o suficiente para colocá-las aqui.

Então eu vou dizer mais uma vez. A última vez.

Eu sinto muito, Charlie.

Já se passaram anos desde a última vez que te vi. Muito tempo. Eu me mudei, fui para Estados de distância. Conheci mulheres, dormi com elas. Arranjei um emprego, virei jogador de futebol. Mas toda vez que saio de casa, me encontro torcendo para te encontrar em alguma esquina. E toda vez que toco em uma mulher, me vejo desejando que fosse você em minha cama. E no campo, não há um ponto que eu não faça para você.

É, anjo, eu continuo o mesmo cafajeste de quatro pela garota teimosa e fujona.

E o começo foi difícil, Charlie. Doeu para cacete. Eu bebi, fumei e fiz tudo o que achei que me faria te tirar da minha cabeça. E foi horrível. Eu perdi o controle. Passei uns meses na prisão e me tornei o alcoólatra que você sempre alegou que eu era. Eu estava tão perto de me tornar ele, Charlie. Você não faz ideia. Eu estava tão perto de ser tudo o que eu mais temia, tudo o que a minha mãe mais temia que eu me tornasse.

Mas então eu atingi o fundo do poço. Eu finalmente cheguei tão fundo que tive medo de me perder completamente.

Então eu fiz de tudo para aceitar. Aceitar a sua partida. Aceitar a minha vida sem você.

Eu precisei me afogar para aprender a nadar.

Hoje em dia a dor é suportável. Os meus dias não giram mais em torno de você e eu não fico procurando o seu nome ou seu rosto em todo o lugar. Mas eu ainda não consigo colocar minha cabeça no travesseiro à noite e não pensar em você pelo menos uma vez. Eu também não consigo evitar de comparar a cor dos seus olhos com o de todas as garotas que eu conheço, ou o seu sorriso, ou até mesmo o seu cabelo. Também não consigo parar de me perguntar se você já me viu na TV. Porque, apesar de realmente gostar de futebol, o principal motivo de eu jogar é a esperança de que talvez você esteja me assistindo. Por alguma razão até hoje você é a minha maior motivação.

Você já se perguntou como seria se tivesse dado certo?

Espero que sim, porque eu penso nisso todos os dias. Penso em como te pediria em casamento. Penso em qual seria sua reação, se você choraria ou simplesmente rolaria os olhos

e diria "claro que sim, idiota". Me pergunto se você iria querer ter filhos. Durante toda a minha vida eu repudiei a ideia de ter filhos, mas a ideia de ter filhos com você não me parece ser nem um pouco ruim. Me pergunto se eles se pareceriam com você ou comigo, gosto de pensar que eles se pareceriam com você. Me pergunto como seria quando eles saíssem de casa. Você choraria, Charlie, com toda certeza, por mais que tentasse se mostrar dura. E me pergunto como seria envelhecer com você, me sentar na varanda ouvindo The Police, observando você ler um romance qualquer de Jane Austen.

Honestamente, não consigo imaginar algo mais bonito. Você seria uma ótima esposa e uma mãe melhor ainda. O pai dos seus filhos vai ter tanta sorte, anjo.

Ouvi dizer que você terminou a faculdade. Também ouvi dizer que você abriu a sua própria livraria. E eu fiquei tão feliz por você, anjo, fiquei tão feliz ao te imaginar sorrindo e rodeada por todos aqueles livros que você tanto ama. Mas ao mesmo tempo, eu fiquei devastado, porque você continuou, Charlie. Você está vivendo. Vivendo *sem* mim. E isso dói para caramba. Dói às vezes me lembrar de que o mundo simplesmente continuou depois que nós dois terminamos. E eu tento me convencer de que eu quero o melhor para você, que quero que seja feliz, mas nos meus piores dias eu fico torcendo para que eu seja a sua única felicidade. E me mata pensar que talvez você esteja por aí sorrindo para qualquer idiota.

Eu sei, eu ainda sou aquele mesmo babaca egoísta de antes.

Mas nos meus melhores dias, naqueles em que eu consigo pensar com clareza e a aceitação é maior, eu te desejo tudo de melhor da vida, Charlie, não importa onde ou com quem você irá consegui-la. Eu espero que você esteja finalmente preparada para se entregar totalmente em uma relação. Espero que você não tenha medo de se jogar. E se você estiver com alguém agora, espero que essa pessoa seja inteligente o suficiente para enxergar a sorte que tem. Espero que ele seja capaz de te dar o mundo inteiro.

Sabe, às vezes, em momentos em que você não sai da minha cabeça e a vontade de beber é forte demais, eu me pergunto se algum dia eu realmente cheguei a te conhecer. Eu sei, parece loucura dizer que depois de tudo o que passamos eu não te conheço, mas a verdade é que você sempre foi tão fechada. E eu me pergunto se você realmente se mostrou de verdade para mim.

Esses pensamentos costumavam me enlouquecer, mas hoje em dia eu sei da verdade, Charlie. Eu sei que se houve alguém nesse mundo que realmente te conheceu, esse alguém fui eu. Seus enigmas, seu silêncio, seus sorrisos cheios de diferentes interpretações, eu conheci e absorvi o máximo que pude. Peguei tudo e guardei antes que você tirasse de mim e levasse embora.

Por muito tempo eu me perguntei se poderia ter feito algo para evitar nosso final.

E se eu tivesse parado de beber no dia em que te conheci?

E se eu não tivesse perdido o controle e batido naqueles caras por ciúmes?

E se naquela noite eu tivesse simplesmente ignorado o fato de você ter dito "quando terminarmos" ao invés de "se terminarmos"?

Essas perguntas costumavam consumir todos os segundos dos meus dias. E hoje em dia eu parei de fazer isso comigo mesmo. Parei com esses "e se" porque eles iam acabar me destruindo.

Sabe, todo mundo estava tão preocupado com o coração da garota certinha, que se

esqueceram de que o cafajeste incorrigível também tinha um. E essa é a grande ironia do nosso relacionamento, porque todos te avisaram sobre mim, mas ninguém me alertou sobre você. Ninguém me avisou do problema que você era. Ninguém me disse para tomar cuidado. E no final das contas, o cafajeste incorrigível teve o coração arrancado do peito pela menina certinha.

Eu estava lutando contra os meus demônios para ficar com você, enquanto você estava procurando os seus para me deixar. Você sempre se protegeu com escudos e mais escudos, enquanto eu saí de peito aberto por você.

Você foi a pior coisa que já aconteceu comigo.

Mas a questão é que eu pertencço a você, Charlie. Cada parte de mim, cada lembrança, cada pensamento.

É tudo seu, anjo. E eu passaria por tudo de novo e de novo.

Você quebrou meu coração em 30 pedaços e eu amei cada segundo da dor.

O trigésimo motivo pelo qual eu te amo é o fato de que, apesar de toda a dor, ***não há um dia que se passe em que eu não queira voltar para aquela cafeteria e fazer tudo de novo.***

Porque você foi o motivo da dor, mas também foi a solução. Você tinha a capacidade de levar os meus pensamentos feios embora. E você os levou, mesmo que por pouco tempo.

E independente de tudo o que aconteceu, eu preciso te agradecer, Charlie. Obrigado por ter me amado, mesmo quando eu não fui capaz de me amar. Obrigado por ter me perdoado, mesmo quando eu não mereci o seu perdão.

E acima de tudo, obrigado por me deixar te amar antes de qualquer um.

Eu li todos os trinta motivos pelos quais você decidiu ir embora. E resolvi escrever os meus trinta motivos pelos quais eu gostaria que você não tivesse feito. Mas eu poderia escrever muito mais de trinta. Eu podia escrever muito mais de trezentos, anjo. Mas a questão é que não vai fazer diferença, não é? Porque o que você me mandou nunca foi uma carta de reconciliação, foi uma carta de despedida. Foi uma finalização. Um encerramento. Você se permitiu me deixar no passado. Mas acontece, anjo, que essa carta que eu estou escrevendo não é um adeus.

Para mim nunca será um adeus.

Porque eu já tentei te deixar no passado, mas eu falhei toda maldita vez.

Não importa, anjo. É você. E sempre vai ser você.

Eu não vou sair por aí à sua procura porque eu te amo demais para não te dar uma chance de seguir em frente e ser feliz sem mim. Mas eu quero que você saiba que eu estou disposto a repetir o erro que nós fomos centenas de vezes, até finalmente nos tornarmos um acerto.

Porque você é meu começo, meu meio e meu fim, Charlie Archer.

E eu vou estar bem aqui, à sua espera, como sempre estive.

Com amor, Kellan.

Epílogo

“ Para nós dois, casa não é um lugar. É uma pessoa. E finalmente estamos em casa.” - Stephanie Perkins

Kellan

Eu olho para o relógio pelo que parece ser a décima vez.

17:19

Ela não vai vir.

E eu sei disso.

Eu consigo sentir.

Mas mesmo assim, eu não me levanto para ir embora. Eu não saio do bar. Ao invés disso, continuo sentado, encarando a porta.

Porque eu já esperei por nove anos, então vou esperar por mais meia hora.

Nove *longos* anos.

E apesar de a cada ano a dor ter se tornado mais suportável, toda noite eu ainda deito a cabeça no travesseiro com o seu nome pesando em minha mente.

Me perguntando como ela está.

Me perguntando aonde ela está.

Me perguntando com quem ela está.

Até que eu soube que teria um jogo na cidade onde ela está morando. Por causa da carta que ela me mandou há cinco anos, eu consegui descobrir mais ou menos o seu endereço. Então, mesmo sabendo que eu não deveria, mandei um convite por carta para ela me encontrar nesse restaurante às cinco horas.

E já se passaram vinte minutos.

O tempo é meu inimigo e ele parece amar me torturar. Cada segundo que se passa é uma facada em meu peito.

— Você tem certeza que não quer pedir nada?

Tiro os olhos da porta e ergo a cabeça para a garçonete.

— Tenho, obrigado.

Não quero e nem acho que sou capaz de comer ou beber nada nesse momento.

A garçonete assente e se retira.

Volto a olhar para a porta.

Depois que ela me mandou a carta, tudo piorou. Eu a li mais vezes do que sou capaz de contar. Já a decorei por completo.

As suas palavras, as coisas que ela contou naquelas folhas me assombram.

Eu lembro do dia em que recebi sua carta, eu simplesmente não podia acreditar. Eu achei que ela tinha seguido em frente há muito tempo e que já havia se esquecido por completo de mim.

Mas então eu recebi aquele envelope e tudo mudou.

Ela se lembrava. Ela sentia.

Eu te amo, Kellan. Te amo com tudo que tenho e tudo o que sou. Te amo de uma forma que não consigo colocar em palavras.

A frase da carta ecoa em minha cabeça.

Ela disse que me amava.

Mas já se passaram cinco anos desde que ela escreveu aquela carta. Cinco anos é tempo o suficiente para se deixar de amar alguém.

Ou talvez não.

Logo depois de ler tudo o que ela escreveu por pelo menos cinco vezes, eu escrevi de volta. Mandeí uma carta para ela.

Mas nunca tive uma resposta.

E agora, aqui estou eu. *Esperando*.

Esperando por ela. Como sempre.

Mais vinte minutos se passam.

17:40

Ela não vai vir.

Por que ela viria?

Eu a traí.

Eu a quebrei.

Ela foi embora e me evitou por muito tempo. Por que ela resolveria me reencontrar agora, nove anos depois?

Isso é ridículo.

Me levanto da cadeira e jogo na mesa algumas notas de gorjeta para a garçonete. Me viro em direção à porta e então simplesmente congelo.

Eu não posso me mover ou sequer piscar.

Ela está olhando ao redor do bar, procurando. Seu rosto está virado para o lado, o cenho levemente franzido. Ela usa jeans, sobretudo escuro e botas. Seu pescoço está rodeado por uma echarpe marrom. Seu cabelo parece um pouco mais curto, mas continua da mesma cor escura e viva daquele castanho do qual eu bem me lembro.

É ela.

Charlie está parada a alguns passos de mim e eu não consigo fazer nada além de observar.

Ela finalmente encontra o que está procurando, seu olhar cai sobre mim.

Engulo em seco.

Seus olhos castanhos esverdeados me encaram com intensidade e eu por fim consigo ver seu rosto por completo.

Terrivelmente bonita.

Ela continua *terrivelmente* bonita.

Eu não movo um músculo e vários segundos se passam enquanto nos encaramos.

Até que ela abre um pequeno sorriso.

É lindo.

É *meu*.

Ela sorri como se compartilhássemos um segredo antigo.

Então ela começa a andar em minha direção.

Charlie

Ando até ele enquanto todas as memórias do passado correm em minha mente como num filme.

É intenso. É doloroso. É familiar.

Paro em sua frente. Estamos apenas a alguns poucos centímetros de distância. Nós nos observamos de perto por um longo momento, tentando nos convencer de que isso é real.

Apesar da mudança de aparência física não ser um choque para mim, já que o vi algumas vezes na TV, ainda assim é um pouco surpreendente ao vivo. Seu cabelo escuro está mais curto e uma barba sutil cobre parte de seu rosto. Pequenas e quase imperceptíveis rugas de expressão marcam os cantos de seus olhos. Ele está um pouco maior, parece que o futebol lhe rendeu mais músculos.

Kellan Dawson continua tão bonito quanto há nove anos.

Ele estuda meus olhos e rosto com grande intensidade. Ele não me vê há nove anos. Diferente de mim, ele nunca teve qualquer contato comigo, já que não sou uma pessoa pública.

— Você veio. — Ele diz finalmente, como se estivesse vendo um fantasma.

Eu lhe lanço um pequeno sorriso.

— Sim, eu vim.

Ele se mantém em silêncio, não sorri de volta. Olho para a mesa ao nosso lado e então volto a encará-lo.

— Posso me sentar? — pergunto.

Ele tira os olhos de mim e, quase como se estivesse saindo de um transe, olha para a mesa.

— Sim, claro — responde.

Ele puxa a cadeira para mim e eu me sento. Ele senta em seu lugar logo depois.

— Desculpe o atraso. A rua da minha casa ficou interditada por causa da neve. — Eu digo enquanto ele me observa fixamente.

— Achei que não viria.

Sua voz é profunda.

Nos encaramos por um longo tempo em completo silêncio. É como se não acreditássemos que isso está realmente acontecendo.

Estamos de frente um para o outro depois de nove anos.

Nove anos.

Eu sorrio.

— O que foi? — Ele pergunta encarando meus lábios, sua expressão curiosa.

— Nove anos. Dá para acreditar?

Ele sorri de volta. Mas é um sorriso triste.

— Não, não dá.

Alguns segundos se passam, com um silêncio denso e doloroso. É estranho. É desconfortável. Nós nos conhecemos tão bem, mas ao mesmo tempo somos completos desconhecidos.

— Você está muito bem, Kellan. — Eu digo finalmente.

— Você também. — Seus olhos são intensos.

Alguns segundos se passam. Uma mulher acende um cigarro duas mesas de distância da gente.

Encaro enquanto ela traga.

— Você parou, não foi? — Kellan pergunta, seus olhos em mim.

Eu assinto.

— Já faz nove anos. E você?

— Parei quando entrei pro time.

— Foi uma das coisas mais difíceis que eu tive que fazer. — Eu digo.

Na verdade, foi a segunda coisa mais difícil que eu tive que fazer. A primeira foi deixar você, Kellan.

Mas é claro, não digo isso.

Ele assente.

— Também foi uma das coisas mais difíceis que tive que fazer.

Kellan

Não consigo tirar os olhos dela. É como se eu tivesse medo que, se piscasse, ela pudesse simplesmente desaparecer.

Eu ainda não consigo acreditar que a garota que quebrou o meu coração está sentada à minha frente.

Você ainda me ama?

Você ainda sente tudo aquilo que disse que sentia na carta?

Quero falar tanta coisa, mas eu simplesmente não consigo. Ela sempre deu um jeito de travar as palavras em minha boca.

Seu olhar é o mesmo de anos atrás, obstinado, porém sereno. Terrivelmente intenso. Mas tem algo novo nele. Não sei exatamente o que é, mas seu olhar parece ser ainda mais maduro do que antes.

Charlie é uma mulher totalmente crescida agora.

— O que você tem feito, Charlie?

O que esses nove anos fizeram com você, anjo?

Ela me encara por um momento.

— Bem, eu tenho a livraria e sou a editora-chefe de uma empresa de publicidade.

Não estou surpreso, sempre soube que as coisas dariam certo para ela.

— Que bom, estou feliz por você.

E estou mesmo, quero que essa mulher tenha o mundo. E eu sei que se alguém é capaz de tê-lo, é ela.

Charlie sorri e agradece.

Seu sorriso ainda é o mesmo. Encaro sua boca por um longo momento.

— Não preciso nem perguntar o que você anda fazendo, está em todos os canais e jornais de esporte.

Dou de ombros.

— É, eu tive muita sorte.

— Não, Kellan, você tem talento. Eu vejo seus jogos de vez em quando, você ficou ainda melhor.

Seu comentário me pega de surpresa.

Ela me assiste?

— Você assiste? Antigamente você não ligava muito para futebol.

— É, aprendi a gostar. — Ela sorri sutilmente.

— Algum de vocês vai querer beber alguma coisa? — A garçonete pergunta depois de se aproximar.

Charlie ergue a cabeça em sua direção.

— Um martini, por favor.

A garçonete assente e anota algo em seu caderninho.

— Eu quero uma água, por favor — peço.

Ela assente novamente e sai.

Volto o meu olhar para Charlie. Ela está me encarando intensamente. Sei exatamente no que está pensando. Ainda consigo ler seus olhos como um perfeito livro.

— Eu parei de beber — digo finalmente.

Ela sorri. É verdadeiro e repleto de emoção.

— Que bom, Kellan.

Seu olhar desfoca e cai sobre a mesa, sei que está pensando em alguma coisa.

— Você leu? — Eu pergunto de repente.

Por muito tempo eu me perguntei se ela tinha de fato recebido a minha carta. E se houvesse recebido, se de fato teria lido.

Ela volta a me encarar e, depois de alguns segundos, assente. Charlie volta a encarar a mesa por um longo momento.

— Sinto muito pela sua mãe, Kellan. Sinto de verdade. — Seus olhos finalmente voltam a encontrar os meus.

Estão tristes e pesados.

— Obrigado, mas não sinto, já faz muito tempo. E hoje está bem mais... fácil.

Ela desvia o olhar e encara a mulher com um cigarro novamente. Uma mecha de cabelo castanho cai sobre seu rosto e eu resisto à vontade de erguer a mão e colocá-lo atrás da orelha.

— Esses últimos anos foram bons para você. Você está ainda mais bonita. — As palavras saem da minha boca como se tivessem vida própria.

Ela rola os olhos. Exatamente como fazia há nove anos.

— Para, não estou. Eu tinha dezenove anos da última vez que te vi, agora tenho quase trinta. Não estou mais bonita.

Eu sorrio. Ela sempre foi muito modesta.

A garçonete chega com as bebidas e coloca os copos sobre a mesa. Nós agradecemos e ela se retira. Ergo o copo de água até a boca e observo enquanto Charlie tira suas luvas para poder pegar o martini.

Então a água fica presa em minha boca.

Não consigo engolir.

Mal consigo piscar.

O grande anel de diamantes brilha em seu dedo.

Não.

A água desce pela minha garganta como ácido.

Ela segue o meu olhar e encara o anel também.

O anel tem um corte limpo, um grande solitário em um arco de ouro branco. Nunca achei que algo tão belo fosse capaz de machucar dessa forma.

Passam-se alguns segundos.

Sinto que vou vomitar.

Volto a olhar para ela. Charlie parece desconfortável, sem saber o que dizer.

— É... Eu estou noiva.

E então eu entendo. Finalmente entendo por que ela aceitou me encontrar.

Ela veio se despedir.

Fico em silêncio. Quero gritar, quero xingar todos os palavrões possíveis, quero arremessar a mesa para o outro lado do restaurante.

Ela vai ser de outra pessoa. Pra sempre.

É como uma facada no peito.

É trágico. É cruel.

— Quando vai ser? — Eu pergunto.

— Não marcamos ainda.

Eu assinto e volto a engolir em seco.

Não posso deixar isso acontecer. Não posso deixar que ela se case.

Charlie está bem na minha frente e eu nunca vou me perdoar se eu não tentar impedir. Estou prestes a perder o controle. Estou prestes a cair de joelhos e pedir para que ela não faça isso.

Mas então ela guarda a luva e tira algumas coisas da bolsa, procurando algo. A carteira dela cai aberta sobre a mesa.

Uma foto prende meu olhar.

Sei que não devo, mas estou quase em transe. Estico a mão e pego sua carteira para poder observar a foto mais de perto.

Uma garotinha de aproximadamente três anos sorri para a foto. Não é um sorriso grande e cheio de empolgação. É um sorriso sutil, mas cheio de interpretações. Seus olhos castanhos contém obstinação, teimosia, mas ao mesmo tempo uma certa serenidade.

Conheço aquele olhar.

Conheço aquele sorriso.

Algo acontece dentro de mim. Algo muda ao ver aquela foto. Ao ver aquela garotinha.

Charlie construiu uma vida depois de mim. E uma muito bela.

Minha mente parece se acalmar e a raiva se dissipa. Uma onda de emoções estranhas me atinge com muita força.

Não sei dizer o que é. Não faço ideia do que estou sentindo.

— O nome dela é Kaia.

Ergo o olhar, Charlie está me observando atentamente.

— Ela tem seus olhos. E o seu sorriso. É perfeita, Charlie.

Eu devolvo a foto para ela e a vejo encarar a imagem de sua filha com um sorriso nos lábios.

Talvez o sorriso mais bonito que já vi nela.

Um sorriso que nunca vi em seus lábios, nem mesmo quando a gente namorava.

E eu entendo.

É o fim.

É realmente o fim.

E não doeu. Por incrível que pareça, não doeu.

Na minha frente está a mulher que eu sempre amei. A mulher que mudou a minha vida. Que me ensinou a amar. Que trouxe de volta à vida uma parte minha que estava morta desde que perdi a minha mãe.

Mas aquilo era muito maior que eu. Era maior que ela.

Era maior que a gente.

Uma sensação boa toma meu peito.

Charlie é uma mãe. E ela nunca esteve tão feliz. Ela está mais leve do que há anos, eu consegui ver isso no segundo em que ela entrou no restaurante. Mas eu quis ignorar esse fato porque uma pequena e egoísta parte de mim queria que ela sentisse pelo menos um pouco a minha falta.

Que estivesse pelo menos um pouco desolada, como eu.

Mas ela está completa. Ela se encontrou.

E estou feliz por ela.

Ela estende algo em minha direção e coloca sobre a mesa. Vejo a pulseira da minha mãe brilhando em minha frente.

— Isso já não me pertence. — Ela abre um sorriso melancólico. — Outra garota de sorte está esperando para usá-la, Kellan.

Eu a encaro em silêncio. Seu rosto bonito e determinado, mas ao mesmo tempo triste.

Ela se levanta lentamente e pega sua bolsa. Eu também me levanto e nós nos encaramos por um longo momento.

Estamos em silêncio.

Não estou devastado e não quero pedir para que ela fique.

Mas é triste.

Despedidas são sempre tristes.

Ela se aproxima e eu coloco meus braços ao seu redor. Ficamos assim por alguns segundos. Demoramos um pouco para nos soltar porque sabemos que é nosso último abraço. O fim da nossa história finalmente chegou.

Ela aproxima os lábios da minha orelha.

— Eu sei que ela está orgulhosa do homem que você se tornou, Kellan. Você é tudo o que ele não é, e ela está vendo. De alguma forma, ela está vendo.

Fecho os meus olhos e deixo que as palavras preencham minha alma.

Finalmente nos soltamos e ela me encara. Seus olhos estão lacrimejando.

— Só me diga uma coisa, Charlie. Ele é bom para você? — Minha expressão é séria e dura enquanto espero uma resposta.

Ela sabe exatamente o que eu quero dizer.

Ela assente e sorri.

Seus olhos estão repletos de emoção quando diz:

— Ele é o meu final feliz, Kellan.

Sorrio de volta. E é genuíno.

Nos encaramos por mais um momento, mas então está na hora de ir.

— Adeus, anjo. — Eu digo, finalmente.

Charlie sorri uma última vez e se vira.

Observo-a sair do restaurante e ir embora, para sempre.

E eu fico lá, parado, sentindo todo o turbilhão de emoções. Tiro a minha carteira do bolso e deixo alguns trocados sobre a mesa. Pego a pulseira da minha mãe e, por fim, saio do restaurante.

E no minuto em que boto o pé para fora do lugar e sinto o vento frio da rua me atingir, algo incrível acontece.

Uma sensação arrebatadora me atinge, enche o meu peito e alivia um peso acumulado há nove anos nas minhas costas.

É... *libertador*.

Naquele momento, eu finalmente entendo que já não estou mais esperando.

Finalmente, depois de nove anos, parei de esperar.

Percebo que, durante todo esse tempo, eu precisava de um encerramento. Precisava que ela me deixasse ir.

É um novo começo. Uma nova história.

Vou em direção ao táxi mais próximo e entro no carro. Estou prestes a dizer o meu endereço para o taxista, quando a porta do carro é aberta. Alguém entra rapidamente. Observo a garota de cabelos negros e curtos se sentar meio atrapalhada devido às várias camadas de roupa.

Ela olha para mim e sua boca se abre em choque.

— Ah, eu não sabia que já tinha alguém aqui dentro. — Ela diz completamente sem graça.

Seus grandes olhos azuis me encaram intensamente.

As palavras demoram um pouco para deixar a minha boca.

— Não, tudo bem. — Eu digo, depois de alguns segundos.

Ela sorri.

Seus olhos azuis cintilando sobre mim como se me contassem uma bela e velha história.

Eu sorrio de volta.

Charlie

Abro a porta de casa e sou recebida pelos cachorros, que tentam freneticamente pular em mim e me lambe.

Faço carinho em um deles e noto uma mancha azul em sua orelha. Olho para o outro e vejo que duas de suas patas também estão azuis.

— Querido, por que os cães estão azuis? — Eu pergunto, indo em direção à cozinha.

Caden surge de repente.

Meu marido está repleto de tinta. Em seu cabelo castanho claro, em seu rosto e até em seu terno. Ele deve ter chegado do trabalho há pouco tempo, porque ainda está com a blusa social branca e a calça, ambas terrivelmente sujas de tinta. Não está de gravata e a gola da sua camisa está frouxa.

Ele está uma completa bagunça.

Mas uma bagunça incrivelmente atraente. Caden é um homem dolorosamente bonito.

— Kaia e eu estamos explorando nossas habilidades artísticas. E eu sei que ela é nossa filha e eu sou suspeito, mas acho realmente que ela possa ser o próximo Picasso. — Ele responde casualmente.

— Você tem noção de quanto é esse terno? — Eu pergunto, sorrindo para como ele parece ridículo com toda aquela tinta.

Ele dá de ombros.

— Se você está assustada com isso, precisa ver a nossa filha. — Ele avisa.

Meu Deus, tenho até medo.

Rio ao notar que tem uma mancha amarela em sua bunda.

Ele me encara com o cenho franzido.

— Você tá achando isso muito engraçado, não é?

Não consigo conter o riso.

— Ah, então vamos ver se continua tendo graça depois disso.

Ele caminha em minha direção.

— Não! — Eu exclamo.

Mas já é tarde demais.

Ele me pega nos braços e me tira do chão com facilidade. Seu corpo está contra o meu e não há absolutamente nada que eu possa fazer. Meu marido tem um metro e noventa, ombros largos e uma boa quantidade de músculos.

Nem me dou ao trabalho de lutar.

Ele me leva até a ilha da cozinha e me coloca sentada sobre a pia. Enrolo minhas pernas ao redor de sua cintura e ele traz sua boca à minha.

Quando ele afasta seu rosto, estou ofegante. Mesmo depois de cinco anos juntos, ainda sinto o mesmo desejo desde a nossa primeira noite.

Ele desce os olhos lentamente pelo meu corpo e sorri, apreciando a sua arte.

Encaro as minhas roupas. Estou parecendo um arco-íris.

— Não acredito que você acabou de fazer isso.

Um pequeno sorriso maroto puxa em seus lábios.

— Você estava precisando de uma cor, senhora Kross. — Ele diz lentamente, arrastando a palavra *Kross*.

Ele ama o fato de eu ter seu sobrenome. Depois de quatro anos de noivado, finalmente nos casamos no verão passado. Ainda é bem recente e Caden adora me chamar pelo sobrenome.

— Como foi o trabalho? — Ele pergunta, plantando um pequeno beijo no meu ombro.

— Muito bom, e o seu?

Caden vendeu seus dois bares há mais de três anos para trabalhar na bolsa de valores. As coisas deram muito certo e ele já não tinha mais tempo para administrar os bares.

— Muito bom, mas senti a sua falta. — Ele diz, encarando a minha boca.

Eu sorrio, mas noto um pequeno pote na pia. Volto o meu olhar para Caden.

— O que é isso?

— Bianca deixou aqui, disse que fez esse suflê especialmente para a gente.

Sinto a raiva crescer lentamente no meu corpo. Lenta, porém poderosa.

Bianca é a imbecil da nossa vizinha que dá em cima de Caden descaradamente desde que nos mudamos. Ela não dá a mínima para o fato de que ele está casado e tem uma filha de quatro anos. Ela sempre leva comida para ele e sempre faz questão de aparecer por lá quando eu não estou em casa.

Eu não faço o tipo de mulher ciumenta, Caden atrai muitos olhares e eu não costumo me importar, mas ela simplesmente me tira do sério.

Um dia eu ainda coloco fogo na casa daquela mulher.

— Está com ciúmes? — Ele pergunta, um pequeno sorriso brincando em seus lábios.

— Claro que não — minto, mas eu sei que ele não acredita. Caden me conhece melhor do que ninguém.

— Você é tão estúpida.

— O quê? Por quê? — Eu pergunto, ofendida.

— Porque se preocupa com alguém como a Bianca, quando sabe que é a única mulher que faz eu me sentir assim.

— Assim como?

E então ele me mostra. Sua boca está na minha novamente.

Feroz. Necessitado.

Suas mãos estão em todo lugar e minhas pernas continuam enroladas fortemente contra a sua cintura, o puxando para mais perto.

— Mamãe!

Solto Caden depressa e ele se afasta de mim. Ajeitando os cabelos, desço da pia e vou até a minha pequena.

Seu vestido azul marinho está repleto de tinta. E seu cabelo é uma bagunça de fios de todas as cores que se possa imaginar.

— Meu Deus, o que o papai fez com você? — Eu perguntei chocada. — Vocês dois tinham papel, pelo menos? Ou resolveram simplesmente pintar um ao outro?

— Tínhamos papel, mamãe, mas aí eu e papai fizemos uma guerra de tinta. — Minha filha esclarece.

E então ela me lança um pequeno sorriso.

— E eu ganhei. — Ela declara em um sussurro, como se estivesse me contando um segredo.

— É claro que ganhou. — Eu digo, sorrindo de volta.

Ela observa as minhas roupas sujas e franze as pequenas e delicadas sobrancelhas.

— Ué, você e papai também fizeram uma guerra de tinta?

Eu sorrio sem graça e lanço um olhar a Caden. Ele mal consegue conter o sorriso.

— Sim, fizemos uma guerra de tinta — digo, me voltando para ela.

— Vem, mamãe. Vamos fazer uma pintura juntas. — Ela diz, colocando a pequena mãozinha na minha e me puxando em direção à sala.

Quando chegamos, vejo a bagunça de jornais e tintas espalhados pelo chão. Kaia se senta no piso de mármore com Caden.

Me junto aos dois e pego um pincel. Começo a desenhar um coração no papel.

Nossos corações são subestimados. Acontece que ele é mais forte do que pensamos. Às vezes alguém pode quebrá-lo. Mas o que eu aprendi foi que não importa o tamanho do estrago, eu tenho a capacidade de colar os cacos de volta.

Nem sempre a vida acontece como planejamos. Mas é aí que está. É uma questão de persuadir e dar um jeito de conseguir remodelar nosso próprio feliz para sempre, mesmo que seja totalmente diferente e nada do planejado.

A vida não é feita de apenas uma estrada, mas sim de várias.

Olho para Caden, que está em uma discussão séria com Kaia sobre desenhar unicórnios ou sereias, e não consigo evitar o sorriso que cresce em meu rosto.

No final, algumas estradas podem ser uma bela surpresa.

Esclarecimento

Eu sei, galera, EU SEI.

Eles não terminam juntos.

Charlie e Kellan seguem caminhos diferentes.

E eu sei que não é o final que muitos esperavam. Recebi várias mensagens de vocês, pedindo para que eles terminassem juntos. E eu juro que levei todas em consideração.

Mas eu não podia fazer isso. Simplesmente não podia.

A verdade é que desde o primeiro capítulo dessa história, desde que os personagens foram criados, eles nunca foram planejados para ficar juntos.

Essa história sempre foi sobre o fim. E não sobre o começo.

Então eu sinto muito mesmo por aqueles que talvez ficaram decepcionados.

Mas a questão toda é que não era bom para nenhum dos dois. Não sei se vocês perceberam, mas o relacionamento deles muitas vezes era abusivo. Não era de forma alguma saudável.

Apesar deles terem momentos bonitos, onde tudo parecia perfeito, não era.

Eu acabei de terminar o último capítulo da história e, sinceramente, sinto que é o certo. Para mim, não podia ser mais perfeito.

Às vezes o amor simplesmente não é o suficiente para manter duas pessoas juntas.

E eu gostaria que talvez vocês tirassem algo de bom desse livro.

Relacionamentos acabam, corações são partidos, mas as pessoas continuam...

Não há apenas um final feliz, não há apenas uma estrada para seguir pelo resto da vida. Esse mundo está repleto de desvios inesperados e, como a Charlie mesmo disse, eles podem acabar sendo uma bela surpresa.

Com amor, Loud